

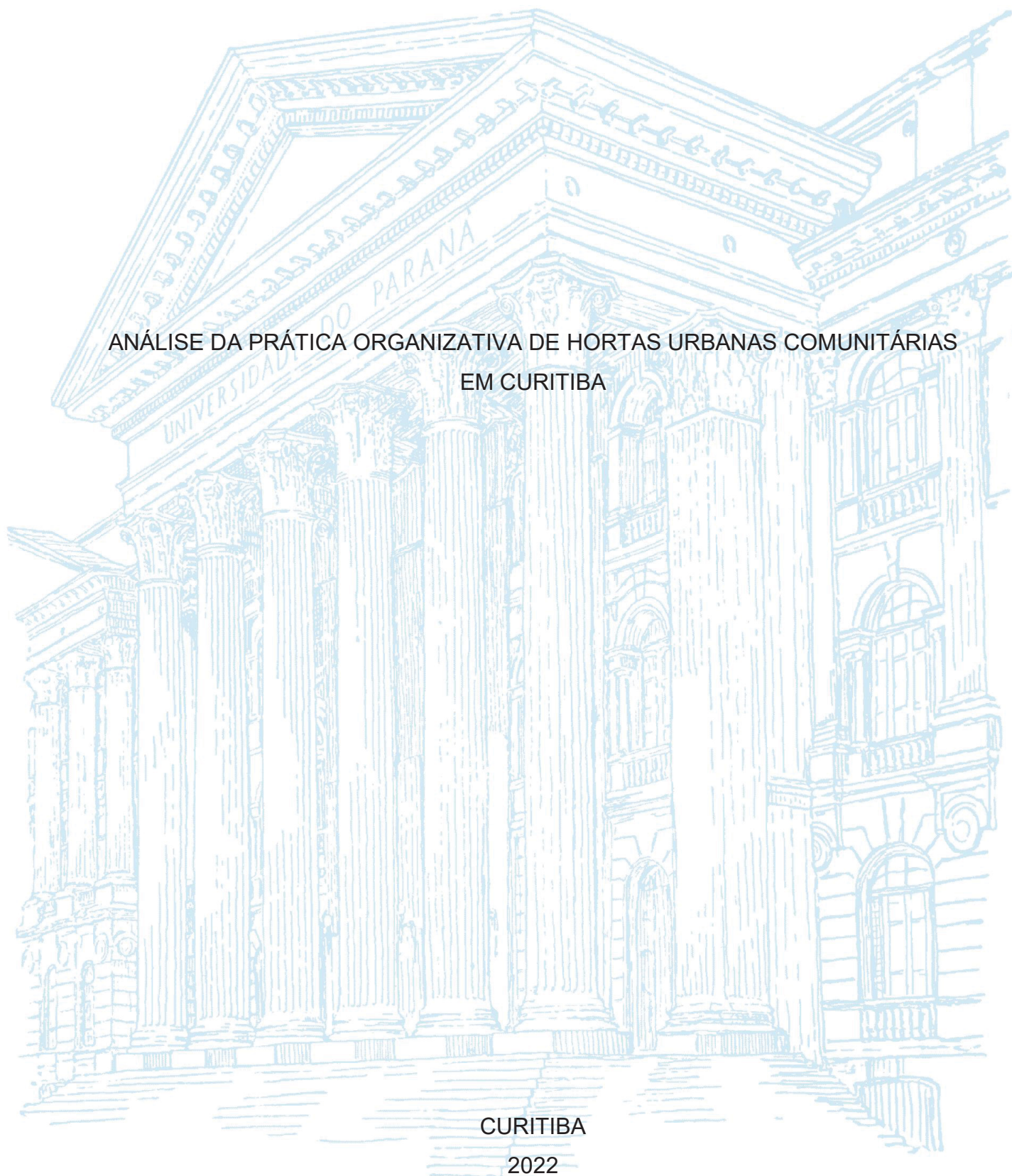
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RAFAEL SANTANA GALVÃO OLIVEIRA

ANÁLISE DA PRÁTICA ORGANIZATIVA DE HORTAS URBANAS COMUNITÁRIAS
EM CURITIBA

CURITIBA

2022



RAFAEL SANTANA GALVÃO OLIVEIRA

ANÁLISE DA PRÁTICA ORGANIZATIVA DE HORTAS URBANAS COMUNITÁRIAS
EM CURITIBA

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Administração, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientadora: Profa. Dra. Yara Lúcia Mazziotti Bulgacov

CURITIBA

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

Oliveira, Rafael Santana Galvão

Análise da prática organizativa de hortas urbanas
comunitárias em Curitiba / Rafael Santana Galvão
Oliveira. – Curitiba, 2022.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná,
Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-
Graduação em Administração.

Orientadora: Profa. Dra. Yara Lúcia Mazziotti Bulgacov.

1. Práticas sociais. 2. Razão prática. 3. Abordagem histórico -
cultura. I. Bulgacov, Yara Lúcia Mazziotti. II. Universidade Federal
do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Administração.
III. Título.

Bibliotecária: Maria Lidiane Herculano Graciosa CRB-9/2008

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação ADMINISTRAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **RAFAEL SANTANA GALVÃO OLIVEIRA** intitulada: **ANÁLISE DA PRÁTICA ORGANIZATIVA DE HORTAS URBANAS COMUNITÁRIAS EM CURITIBA**, sob orientação da Profa. Dra. YARA LUCIA MAZZIOTTI BULGACOV, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 23 de Março de 2022.

Assinatura Eletrônica

25/03/2022 14:20:07.0

YARA LUCIA MAZZIOTTI BULGACOV

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

25/03/2022 16:29:15.0

MARCIO PASCOAL CASSANDRE

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ)

Assinatura Eletrônica

29/03/2022 16:03:24.0

NATÁLIA RESE

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Dedico este trabalho a todas as pessoas que, assim como eu, possuem Doença Falciforme. Apesar de todas as barreiras e dificuldades que a doença nos impõe (acompanhamento médico, remédios, dores crônicas, transfusões sanguíneas, entre inúmeras outras coisas) não podemos deixar de sonhar e alcançar nossos objetivos. Que lutemos até o fim!

Além deles, dedico ainda, de igual forma ao meu eterno e amado irmão Thiago Santana Galvão Oliveira (*in memoriam*). A Doença Falciforme te levou, mas sou imensamente grato à Deus por ter tido a honra da sua convivência durante 30 anos. Você foi luz por onde passou, era unanimidade entre as pessoas, exemplo de alegria, simpatia, humildade e felicidade. Resumindo: espírito de luz. Minha inspiração diária. Algum dia nos encontraremos no plano espiritual. Te amo!

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Alvair Santana Galvão e Rosalino Batista de Oliveira pelo amor incondicional dedicado a mim e por sempre me apoiarem e incentivarem na minha caminhada de vida. Obrigado pai e mãe, amo vocês! E aos meus familiares que sempre estiveram comigo.

Aos meus amigos-irmãos da Rua 09 (Diego, Gian, Bárbara, Tyle, Bia, Helen, Tom e Lúcia) pela amizade de uma vida inteira e pela torcida no alcance desse objetivo. Sei que posso contar com vocês sempre. À minha amiga Thaís Carneiro por me acolher em sua casa em Curitiba e dividir experiências, histórias e angústias durante o ano de 2021, foi incrível. Ao meu amigo e professor Josué Junior pelas conversas e reflexões de vida, por me apoiar durante todo o meu mestrado e por ter realizado a revisão desta dissertação.

À querida professora e orientadora Dr.^a Yara Lúcia Mazziotti Bulgacov pela confiança e todo o conhecimento compartilhado. Sua respeitosa e carinhosa acolhida, seus ensinamentos e convites a reflexão foram fundamentais nessa caminhada.

Aos professores membros da banca de qualificação e defesa, professora Dr.^a Natália Rese e professor Dr. Márcio Cassandre, meus sinceros agradecimentos por terem aceitado o convite e por avaliarem e contribuírem com o trabalho.

A todos os professores do PPGADM, especialmente aqueles com quem tive o prazer de ter aulas, muito obrigado por todos os ensinamentos.

Ao estimado doutorando e “irmão” de orientação Rafael Machado pela parceira em leituras, artigos, eventos e congressos, bem como no campo de pesquisa. Obrigado por dividir comigo todo seu conhecimento e ter sido praticamente meu “co-orientador”.

Agradeço ainda a todos os colegas da minha turma mestrado, em especial o Gustavo Forapani, Patrick Pereira e Samantha Cordeiro pelas conversas, parcerias e estudos, por tornarem-se verdadeiros amigos ao longo desses dois anos. O mestrado foi muito mais leve tendo vocês ao meu lado, pretendo levar nossas amizades para a vida.

“Aprendi a ser o máximo possível de mim mesmo”

Nelson Rodrigues

RESUMO

Essa dissertação tem o objetivo de compreender como se constitui a prática organizativa das Hortas Urbanas Comunitárias (HUC) a partir da análise das mediações histórico-cultural e da racionalidade prática que guia os sistemas de atividade significativos à HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito. Procura revelar, portanto, os fundamentos da racionalidade que orienta a ação dos sujeitos engajados com a prática organizativa da HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual são utilizadas técnicas variadas de coleta de dados, como entrevistas interativas e observação participante. A análise de dados se pauta na ferramenta teórico-empírica dos sistemas de atividade, apoiada pela análise dos sentidos e significados por meio das narrativas. Os resultados obtidos revelam que a prática organizativa das hortas – proporcionado pelo trabalho coletivo – facilita a aprendizagem dos sujeitos, os quais conseguem agir com maior autonomia e espontaneidade, o que faz com que modifiquem e criem novas formas de fazer; gerando um espaço em constante construção de aprendizagem. O estudo das mediações que permearam essa prática social foi essencial para a identificação e entendimento dos sentidos e significados característicos da HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito, contribuindo para a compreensão ampla sobre a prática organizativa das organizações.

Palavras-chave: Abordagem histórico-cultural. Teoria da atividade. Racionalidade prática. Processo organizativo.

ABSTRACT

This research aims to understand how the organizational practice of the Urban Community Gardens (UCG) is constituted from the analysis of socio-historical mediations and the practical rationality that guides the significant activity systems to the UCG Prado Velho and UCG Rio Bonito. It seeks to reveal, therefore, the foundations of rationality that guides the action of subjects engaged with the organizational practice of UCG Prado Velho and UCG Rio Bonito. It is a qualitative research, in which varied techniques of data collection are used, such as interactive interviews and participant observation. Data analysis is guided by the theoretical-empirical tool of activity systems, supported by the analysis of senses and meanings through narratives. The results obtained reveal that the organizational practice of gardens – provided by collective work – facilitates the learning of subjects, who are able to act with greater autonomy and spontaneity, which makes them modify and create new ways of doing; generating a space in constant construction of learning. The study of the mediations that permeated this social practice was essential for the identification and understanding of the meanings and meanings characteristic of UCG Prado Velho and UCG Rio Bonito, contributing to a broad understanding of the organizational practice of organizations.

Keywords: Socio-historical approach. Activity theory. Practical rationality. Organizational process.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – PROCESSOS ORGANIZATIVOS DAS ORGANIZAÇÕES.....	30
FIGURA 2 – MODELO DE MEDIAÇÃO DO VYGOTSKY.....	38
FIGURA 3 – SISTEMA DE ATIVIDADE DO ENGELSTRÖM.....	41
FIGURA 4 – ESTRUTURA DE UM SISTEMA DE ATIVIDADE HUMANA.....	49
FIGURA 5 – DONA INÊS MUNARO COLHENDO VERDURAS.....	67
FIGURA 6 – DONA MAITÉZ RECEBENDO HORTALIÇAS.....	78
FIGURA 7 – REPRESENTAÇÃO SISTEMA DE ATIVIDADE “HUC PRADO VELHO”.....	81
FIGURA 8 – REGRAS RELACIONADA A TORRE DE ENERGIA.....	87
FIGURA 9 – REUNIÃO NA HUC RIO BONITO.....	88
FIGURA 10 – CAIXA DE FERRAMENTAS.....	91
FIGURA 11 – AVISO DE MANUTENÇÃO.....	94
FIGURA 12 – REALIZAÇÃO DA MANUTENÇÃO.....	94
FIGURA 13 – REPRESENTAÇÃO SISTEMA DE ATIVIDADE “HUC RIO BONITO”.....	96
FIGURA 14 – HUC DO PRADO VELHO.....	98
FIGURA 15 – HUC RIO BONITO.....	99
FIGURA 16 – TREINAMENTO SOBRE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL HUC RIO BONITO.....	104

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – HORTAS URBANAS COMUNITÁRIAS PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	54
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

HUC - Hortas urbanas comunitárias

PHUC - Programa de Hortas urbanas comunitárias

TA - Teoria da Atividade

ZPD - Zona de Desenvolvimento Proximal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 OBJETIVOS DE PESQUISA	22
1.1.1 Objetivo geral	22
1.1.2 Objetivos específicos.....	22
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	24
2.1 A RACIONALIDADE PRÁTICA E OS PROCESSOS ORGANIZATIVOS	24
2.1.1 Racionalidade prática nos estudos organizacionais	24
2.1.2 Os processos organizativos	29
2.2 PRÁTICAS SOCIAIS POR MEIO DA TEORIA DA ATIVIDADE	35
2.2.1 As narrativas para compreender a prática organizativa	44
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	47
3.1 ESPECIFICAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA	47
3.1.1 Definição constitutiva e percurso empírico	47
3.2 DELIMITAÇÃO E DESENHO DA PESQUISA	50
3.2.1 Delineamentos da pesquisa	50
3.2.2 Seleção dos casos de análise	52
3.2.3 Técnicas de coleta e análise dos dados.....	54
3.3 VALIDAÇÃO DA PESQUISA.....	58
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	60
4.1 PERÍODO DE ABRANGÊNCIA E OPERACIONALIZAÇÃO DA COLETA	60
4.2 CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMAS DE ATIVIDADE HUMANA DAS HUC.....	62
4.2.1 Sistema de atividade: Agricultura urbana comunitária da HUC Prado Velho ...	63
4.2.1.1 HUC Prado Velho: Objeto.....	63
4.2.1.2 HUC Prado Velho: Sujeitos.....	64
4.2.1.3 HUC Prado Velho: Regras.....	68
4.2.1.4 HUC Prado Velho: Comunidade	70
4.2.1.5 HUC Prado Velho: Ferramentas e Signos	72
4.2.1.6 HUC Prado Velho: Divisão do Trabalho	74
4.2.1.7 HUC Prado Velho: Resultado	77
4.2.2 Sistema de atividade: Agricultura urbana comunitária da HUC Rio Bonito	81
4.2.2.1 HUC Rio Bonito: Objeto	82
4.2.2.2 HUC Rio Bonito: Sujeitos.....	82

4.2.2.3 HUC Rio Bonito: Regras	86
4.2.2.4 HUC Rio Bonito: Comunidade	88
4.2.2.5 Ferramentas e Signos	90
4.2.2.6 HUC Rio Bonito: Divisão do Trabalho.....	93
4.2.2.7 HUC Rio Bonito: Resultado	95
4.3 ANÁLISE DA PRÁTICA ORGANIZATIVA DAS HORTAS URBANAS COMUNITÁRIAS	97
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS.....	115

1 INTRODUÇÃO

Os estudos organizacionais, embora fundamentados em métodos científicos bem definidos e validados, apresentam algumas dificuldades em identificar o que acontece na vida cotidiana das organizações, ou seja, não olham a prática das organizações a partir do que os atores realizam (ações e atividades), dos sentidos e significados, das experiências, e dos propósitos que se compartilham e os caminhos para alcançá-los. Ainda que essa inabilidade possa ser apontada como consequência de uma dificuldade de conhecimento ou de inconsistência metodológica (SANDBERG; TSOUKAS, 2011), existe uma corrente de pensamento que debate o alcance das abstrações da racionalidade científica, constituída por estudiosos que preocupam-se com a relação entre teoria e prática, pois mesmo a teoria sendo uma dimensão da prática, essa relação carrega a incapacidade das teorias de gestão em subsidiar o administrador (NICOLINI, 2003; SÁ et al., 2020).

A racionalidade prática busca compreender a capacidade de ação do sujeito contribuindo para a reflexão dos próprios praticantes, ainda que não pretenda estabelecer relações invariantes e universais. Assim, a racionalidade prática é capaz de “empoderar os praticantes por meio da ativação de sua capacidade de fazer links com, e refletir sobre, a experiência dos outros (...) levando aos praticantes a formas de ação potencialmente novas” (TSOUKAS, 2005, p.333). Para entender o que acontece nas organizações, é preciso que se tenha a compreensão da experiência do sujeito dentro da organização. As experiências são os eventos que ocorrem com os indivíduos, que os tocam, coisas que passam pelos indivíduos que impactam o mundo deles (BONDÍA, 2002).

Entender o que e porque as pessoas agem como agem vai muito além de observar o que elas fazem, como se movimentam ou que ferramentas utilizam. Práticas sociais envolvem atividades corporais e mentais (RECKWITZ, 2002), num nexo particular de ação particular sustentado por um conhecimento compartilhado pelos membros da comunidade de prática - os praticantes. Praticantes compartilham sentidos para o mundo em que agem e seguem um conjunto coerente de regras que orienta a ação individual, o que confere à ação individual um certo nível de previsibilidade para os membros da mesma comunidade. Membros de outra comunidade de prática, no entanto, pode ter dificuldades de prever a ação individual

no contexto da primeira: por exemplo, o trânsito de Nova Déli, na Índia, é caracterizado por um movimento de veículos motorizados ou não, pedestres e animais em uma dança que um brasileiro classificaria como caótico e imprevisível. Para um indiano, que dirige todos os dias e compreende as regras que orientam as atitudes de cada ator do trânsito 'caótico' de Nova Déli a ponto de compreender quando é que alguém vai virar sem qualquer sinal (na perspectiva do brasileiro). Essas regras são particulares dessa comunidade e, por isso, a prática é social. O indiano pode enfrentar dificuldades para descrever o 'sinal' que indica que seu correligionário dá antes de virar, pois a racionalidade prática não é clara nem mesmo para o próprio praticante.

Esses pontos contrariam, de determinada maneira, a compreensão que tem se reunido nas teorias organizacionais clássicas, nas quais a organização é compreendida como um arranjo de indivíduos que partilham um propósito em comum e utilizam a organização como um caminho para alcançá-lo (CZARNIAWSKA, 2013). Essa organização é formada por elementos estruturais, das quais os indivíduos são integrantes e precisam colaborar para ampliar sua eficiência e eficácia (MORGAN, 2002). Desse modo, objetivamos as organizações e as desassociamos das ações humanas. Portanto, as teorias clássicas se afastaram dos estudos que focalizam os indivíduos e suas práticas cotidianas (SANTOS; ALCADIPANI, 2015).

Uma perspectiva em evolução nos estudos organizacionais compreende que a organização não é uma entidade estável, controlável e objetificada, mas, longe disso, se institui de práticas e processos (WEICK, 1973). À vista disso, as organizações são concebidas pelas atividades humanas e, por consequência, um resultado dessas ações. Dispondo assim, das integrais particularidades intrínsecas as pessoas, como as características histórico-cultural, as emoções, a imprevisibilidade, dentre outras coisas (CLEGG; KORNBERGER; RHODES, 2005). Essa abordagem resgata a existência vivida pelos indivíduos organizacionais (SANTOS; ALCADIPANI, 2015), destacando que, sem os indivíduos, as organizações não seriam exequíveis.

Logo, a organização é um composto de ações dos indivíduos que as compõem. As organizações passam, então, a ser compreendidas como processos organizativos (WEICK, 1973), pois são os processos organizativos constantemente desempenhados que concedem princípio a organização. Por essa razão, a

organização é uma constituição contínua dos agentes organizacionais (CZARNIAWSKA, 2008a; DUARTE; ALCADIPANI, 2013).

Assim, as organizações não são associações imutáveis, estão sempre se alterando (CLEGG; KORNBERGER; RHODES, 2005) e não podem ser consideradas como uma coisa estática (SANTOS; ALCADIPANI, 2015). Dessa maneira, possuindo como perspectiva que as organizações são produto de práticas e processos (WEICK, 1973), a transmutação é circunstância intrínseca e, assim, a organização se figura em contínua mudança (TSOUKAS; CHIA, 2002), mudanças essas que englobam um profundo movimento em que os indivíduos organizacionais constroem sentido constantemente sobre seus atos (CZARNIAWSKA, 2006).

Nessa perspectiva, a virada da prática levou uma corrente de autores e pesquisadores à procura por princípios ontoepistemológicos que oportunizam a aproximação com o dia a dia dos indivíduos (NICOLINI, 2012). Os teóricos da prática possuem forte influência da transformação interpretativa ou cultural na teoria social (RECKWITZ, 2002) e exploram especialmente eventos concretos da vida nos quais os indivíduos desempenham uma prática comum e, com isso, formam e mantêm uma ordem social (BUEGER; GADINGER, 2015). O interesse especial é nas práticas, na qual as ações e os eventos desempenhados pelas pessoas possuem relevância importante para além das motivações e intenções (MACHADO; CHROPACZ; BULGACOV, 2020).

Nesse caminho, as práticas sociais não são meramente uma ordenação de ações que os indivíduos realizam, mas, sim, uma concepção de mundo social, um entendimento pressuposto de que o mundo social é constituído de práticas (ORLIKOWSKI, 2015). A prática, além das ações dos praticantes, compõe-se de uma lógica inter-relacionada de sentidos sobre o qual os sujeitos agem. Dessa maneira, para compreender uma prática não é o bastante analisarmos como os indivíduos agem, mas especialmente precisamos compreender por que agem. A lógica de ação prática não é cognitiva, mas cultural e, sendo assim, depende dos sentidos que os praticantes dão para o contexto de ação que enfrentam (BULGACOV; CUNHA; CAMARGO, 2011).

Ademais, as práticas são compostas por relações de mediação entre artefatos e indivíduos. Dessas relações, incorporadas pelos indivíduos que carregam as práticas, emerge "uma forma complexa de atividade humana cooperativa estabelecida socialmente, por meio da qual bens internos a essa forma de atividade

são realizados no decorrer da tentativa de atingir esses padrões de excelência" (CZARNIAWSKA, 2015, p.106). A lógica prática de ação está incorporada, portanto, tanto nos praticantes quanto nos artefatos que mediam a ação, em diversos sentidos.

A psicologia histórico-cultural apoia o pressuposto comum de prática e atividade. Entretanto é necessário pontuar que existe diferença entre prática e atividade. Prática é um complexo de atividades mediadas inter-relacionadas que formam um curso para a ação humana cooperativa socialmente estabelecida por uma consciência compartilhada pelos praticantes, orientada para um objeto apropriado e parcialmente definitivo, em cujo desempenho o praticante negocia seu comportamento em um regime de fazeres e dizeres ligados à um conjunto de entendimentos que relacionam contextos e ações/emoções. Atividade é a unidade mínima que preserva as relações de mediação na atividade humana coletiva entre o sujeito que atua orientado a um objeto, de forma mediada por artefatos, pela comunidade, por regras e pela distribuição contínua de tarefas, poderes e responsabilidades entre os participantes da comunidade (ENGESTRÖM, 2015).

Entre as teorias que adotam uma perspectiva da prática, a Teoria da Atividade (TA) é um conjunto altamente influente que, a partir das ideias de Vygotsky, se dedicam a analisar o desenvolvimento da consciência na atividade social prática (DANIELS, 2011). Ela concebe o homem como um ser social desenvolvendo-se em relações com o seu entorno. Fundamentada no materialismo histórico-dialético, a TA compreende que ao mesmo tempo em que o homem transforma o meio ao seu redor, ele também é transformado por esse meio, advogando pela inseparabilidade do sujeito e do contexto (NICOLINI, 2012).

Neste estudo, o conceito de prática foi desenvolvido com base na Teoria da Atividade decorrente da abordagem histórico-cultural. A teoria da atividade parte do pressuposto que as pesquisas possuem, para além da descoberta das questões relativas ao real, um caráter transformador, pois permite ao pesquisador junto a participação do sujeito praticante chegar as raízes da ação significativa a prática (CASSANDRE; GODOI, 2014; SENGHER; CASSANDRE; SANTOS, 2019).

Entende-se, partindo da TA, o homem como sujeito de culturas diferentes e construído através das relações sociais e históricas, que colocados em contexto de práticas sociais únicas, produzem atividades comuns com oportunidade de partilharem significados, estabelecerem relações pessoais e compartilharem suas

vivências no mundo (FERRARINI; CAMARGO; BULGACOV, 2014). A premissa fundamental da TA elaborada por Leontiev (1978) é que toda ação humana é orientada a um objeto, ou seja, a ação é orientada a uma necessidade a ser atendida. Para ele, não existe algo como uma atividade sem um objeto: uma atividade aparentemente não-motivada é uma atividade com um motivo oculto subjetiva e objetivamente. Se cozinhamos, é porque temos a necessidade de nos alimentarmos. A ação nem sempre está claramente destinada ao objeto da atividade. Por vezes, ações têm objetivos conflitantes com o objeto da atividade, como mostra o clássico exemplo da caça de Leontiev: com seu objetivo de obter alimento, ao invés de atrair a presa, um caçador age de forma a espantá-la; essa ação, aparentemente contraditória com o objeto da atividade de caçar, faz sentido se a presa é espantada na direção de uma emboscada em que outros caçadores a esperam. Daí decorre o primeiro princípio da atividade: “um sistema de atividade coletivo, mediado por artefatos e orientado a um objeto, visto em suas relações de rede com outros sistemas de atividade, é a unidade primordial de análise” (ENGESTROM, 2001) da atividade humana. As atividades devem ser consideradas em seu aspecto coletivo e seu objeto, controlado em nível social: ao concluir uma ação a necessidade em nível individual é atendida, mas não cessa a necessidade social: por exemplo, a necessidade coletiva de moradia não cessa com a construção de uma casa.

Para Leontiev (1978), a atividade não é visível se não por meio de um conjunto de ações. No mesmo sentido, Clot (2007) chama atenção para a diferença entre “a tarefa [que] é aquilo que deve ser feito, a atividade é o que se faz” (p. 65). As ações estão associadas a um objetivo específico subordinado ao objeto da atividade, como levar a presa até a emboscada é subordinada ao objeto da caça. A forma como essas ações são conduzidas, por sua vez, dependem das condições e dos meios objetivos disponíveis, o que ele chama de operação. As operações são resultado de um processo de tecnicização: uma ação, ao se subordinar a outra ação mais genérica, se torna um método para atingir o objetivo desta ação. Por exemplo, trocar a marcha de um carro pode ser uma ação consciente de um motorista, até que passa a se tornar apenas uma operação na ação de acelerar o veículo. A operação não é mais orientada a um objetivo, mas apenas uma relação do sujeito com os artefatos que mediam a atividade. Esse processo de tecnicização progride até que trocar a marcha não existe mais, como uma operação, para o motorista

consciente e passa a ser uma “consequência” de mudar a velocidade do carro. As operações acabam, no limite, se transformando em funções atribuídas à própria ferramenta. Assim Leontiev (1978) define a ferramenta como “um objeto material que cristaliza métodos e operações, mas não ações e objetivos” (p. 102).

Desse modo, a Teoria da Atividade contribui como uma teoria histórico-cultural da ação, provendo um paradigma para a análise da prática social (BULGACOV; CUNHA; CAMARGO, 2011), isto é, uma maneira de se compreender a atividade humana coletiva (JARZABKOWSKI, 2010), dando importância aos agentes que se relacionam simbolicamente com a comunidade, as ferramentas e o objeto de sua atividade em práticas concretas.

Com isso, este estudo optou por olhar a prática organizativa das Hortas Urbanas Comunitárias (HUC) com base na concepção da TA (CLOT, 2010; ENGSTRÖM, 2001; LEONTIEV, 1978; VYGOTSKY, 1978). Ou seja, busca-se a identificação e a compreensão de diferentes artefatos sociais integrantes dos sistemas de atividade e mediadores dessas atividades como por exemplo objeto, comunidade, regras e sujeito, acessando, assim, a prática organizativa, sendo esta entendida, aqui, como a caracterização e análise dos sistemas de atividade das HUC.

Nesse sentido de analisar a prática organizativa, este trabalho toma as Hortas Urbanas Comunitárias como campo de estudo. As HUC são caracterizadas pelo aproveitamento de terrenos sem uso nas cidades e, assim, os transformam em hortas comunitárias, em que uma comunidade de hortelões se organiza para desenvolver as atividades que compõem a agricultura urbana, como plantio, cultivo, manutenção, gestão e distribuição dos alimentos produzidos. As hortas comunitárias são entendidas como um conjunto planejado de atividades, por meio de processos participativos, que procura atender a necessidade de uma determinada comunidade. Sendo comunidade reconhecida como todo espaço territorial que promove a solução de suas necessidade por meio do diálogo entre seus diversos atores sociais (TENÓRIO, 2008).

Como justificativa dessa dissertação, na extensão teórica busca-se por meio dessa pesquisa promover o desenvolvimento de estudos organizacionais que incluem uma abordagem situada culturalmente, tanto para auxiliar as organizações a compreenderem o entendimento sob uma perspectiva diferente da tradicional e positivista como também ajudando a compor a gama de estudos dessa natureza já

realizados, complementando assim a compreensão desse campo. Segundo argumenta Rogoff (2005), a promoção dos indivíduos decorre das convenções da comunidade a qual pertence e das práticas socioculturais empregadas, pois, na prática, a ação do fazer retrata simultaneamente o significado cultural dado aos acontecimentos e as questões sociais e organizativas dados pela comunidade, promovendo o aprendizado e a realização das funções nas atividades sociais.

Tsoukas e Chia (2011) defendem que o que entendemos por organizações são fenômenos emergentes, produtos de ações humanas. Tsoukas (2017) toma partido em favor de uma teorização conjuntiva, declarando que “chegamos perto de apreender a complexidade quando restauramos o passado ao seu próprio presente, preservando assim a incerteza, a perplexidade e as emoções vivenciadas pelos agentes durante a ação e apreciando melhor a novidade situacional da ação” (p. 148-149). Trazer o passado ao presente implica numa assunção de realidade em movimento, na qual a construção das potencialidades do futuro depende de conexões realizadas ao longo deste fluxo. Ainda, o autor defende um processo de teorização relacional, aproximando conceitos que frequentemente são justapostos e argumentando que eles são, de fato, constituídos mutuamente.

O estudo da atividade, mais especialmente pela perspectiva de Engeström (2001) do sistema humano de atividade, corrobora para o apoio dessa forma moderadamente emergente vinculada aos estudos brasileiros da prática. Isto é, por intermédio da inserção dessa concepção teórico-metodológica de sistemas de atividade, que observa coletivamente a atividade, entende-se ser viável auxiliar para o desenvolvimento dos estudos da prática. Pois, estudar a prática social no instante em que ela ocorre, possibilitando a relação do momento do cotidiano organizacional com a história da prática e ao seu contexto social diverso contribui para compreender a prática organizativa das organizações.

Ademais, as narrativas, estabelecidas nesse cenário, são vistas no processo de interpretação como formas de manifestação e explicação das ideias ao desvelar os sentidos, significados e motivos que levam à ação dos praticantes (CZARNIAWSKA, 2004). Dessa forma, a narrativa pode contribuir para a análise da prática organizativa e da racionalidade prática ao conversar e construir um senso coletivo expresso sob várias maneiras (ADAM; JONES; ELLIS, 2015). Fundamentado nisso, compreende-se que o exame das narrativas mostra-se relevante para o estudo das organizações, tendo em conta que são empregadas

para o entendimento e constituição de sentidos perante um evento ou fato (VAARA, 2002), aqui representado pela prática organizativa nas HUC.

Quanto à justificativa prática, esse estudo buscou compreender a lógica da prática organizativa, sob a perspectiva da teoria da atividade, e assim, entender a especificidade da gestão organizacional comunitária através do comportamento humano, situado sócio e historicamente, para revelar como e por que as pessoas agem dentro das organizações, ou seja, como os atores estão trabalhando, usando as ferramentas, quais valores e regras de naquele determinado cotidiano.

Por fim, ao compreender as diferentes perspectivas da prática de processos organizativos nas hortas urbanas comunitária é possível que a agricultura urbana comunitária seja desenvolvida em outros lugares, principalmente no Brasil, por meio de *insights* pertinentes ao desvelar como a mediação histórico-cultural é importante e relevante para as organizações.

No que tange as motivações de pesquisa e o envolvimento com o tema, a teoria e o campo de pesquisa é possível destacar, primeiramente, o envolvimento acadêmico. Ao ingressar no mestrado, passei a ter contado com livros, textos e pesquisadores que atuam nos estudos sobre práticas sociais através da TA, especialmente, no campo da agricultura urbana comunitária.

Em segundo lugar, pode-se evidenciar o envolvimento pessoal e profissional. No que diz respeito a questão pessoal, a agricultura sempre fez parte do meu cotidiano diário, principalmente na infância e adolescência, pois meus avós e minha mãe cresceram e foram criados no campo (fazenda) e possuíam o hábito de cultivar horta e “roça” para o consumo pessoal de alimentos. No que se refere a questão profissional, trabalho no setor administrativo na Coordenadoria de Nutrição Escolar (CNE) da Secretaria de Educação de Cuiabá. Portanto, atuo diretamente com questões relacionadas à licitação/aquisição de produtos da agricultura familiar. Ao longo desse tempo, percebi a recorrente falta de estruturação da prática organizativa das associações que atendem o município. Sendo assim, este trabalho contribui para a compreensão desses processos organizativos e, por consequência, por meio dos resultados obtidos com essa pesquisa, pode ajudar também na melhoria da prática organizativa das associações que atendem a CNE.

Diante da contextualização evidenciada na introdução e com o intuito de analisar a prática organizativa da agricultura urbana comunitária sob a perspectiva

da teoria da atividade histórico-cultural se estabelece o seguinte problema de pesquisa:

Como ocorre a prática organizativa na constituição nas hortas urbanas comunitárias a partir do sistema de atividade desenvolvido pelos hortelões?

A seguir, encontram-se especificados o objetivo geral e os objetivos específicos desta dissertação.

1.1 OBJETIVOS DE PESQUISA

A seguir, é apresentado o objetivo geral dessa pesquisa, isto é o propósito mais amplo que se busca alcançar com a realização do estudo (CRESWELL, 2010; MASCARENHAS, 2012). Posteriormente estão os objetivos específicos, que revelam os detalhes do objetivo geral (MASCARENHAS, 2012).

1.1.1 Objetivo geral

Este trabalho tem como objetivo geral compreender a prática organizativa na constituição das hortas urbanas comunitárias a partir do sistema de atividade desenvolvido pelos hortelões.

1.1.2 Objetivos específicos

- Identificar e descrever junto aos praticantes os sistemas de atividade significativo às hortas urbanas comunitárias por meio de suas narrativas;

- Analisar a prática organizativa das urbanas comunitárias a partir do conjunto de mediações histórico-cultural identificadas nos sistemas de atividade descritos;
- Realizar análise das especificidades e pontos comuns da prática organizativa das hortas urbanas comunitárias estudadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A revisão de literatura é essencial para todo o processo da dissertação, contribuindo em todas as fases da pesquisa em especial no desenvolvimento dos conhecimentos a respeito do que será investigado, oferecendo *insights* pertinentes e fundamentais ao pesquisador (KUMAR, 2005; CRESWELL, 2018).

Sendo assim, na presente seção apresenta-se o levantamento da literatura existente acerca do tema a ser estudado, em que apresentaremos referências de artigos e livros que trazem consigo contribuições relevantes ao campo de estudo obtendo fundamentos para a compreensão do que poderá ser analisado e interpretado após a coleta dos dados. O referencial teórico estrutura-se inicialmente com a definição de racionalidade prática e processos organizativos e, por fim, explicita-se as questões relacionadas a prática social a partir da teoria da atividade histórico-cultural, bem como questões relacionadas às narrativas para compreensão da prática organizativa.

2.1 A RACIONALIDADE PRÁTICA E OS PROCESSOS ORGANIZATIVOS

2.1.1 Racionalidade prática nos estudos organizacionais

O ideal científico de atingir conhecimento objetivo e válido sobre o mundo por meio de observação e análise destacadas tem sido a força motriz da ciência moderna (TOULMIN, 1990). Nessa perspectiva, a tarefa do pesquisador é observar e representar teoricamente o mundo dos objetos, e fazê-lo “de fora dele” (TOULMIN, 1982, p. 238). Porém, os estudos e teorias organizacionais desenvolvidas por meio da estrutura da racionalidade científica não são relevantes para a prática porque não conseguem captar sua lógica (SANDBERG; TSOUKAS, 2011).

Especificamente, a racionalidade científica pode ser vista como consistindo em três suposições centrais interconectadas que têm sustentado historicamente as

investigações científicas, incluindo o desenvolvimento da teoria na pesquisa em organização e gestão (VAN DE VEN, 2007). Primeiro, acredita-se que a realidade humana seja composta de entidades discretas com certas propriedades pré-definidas (CHIA; HOLT, 2008). Em segundo lugar, ao considerar a realidade como composta de entidades discretas, segue-se o pressuposto de que a forma mais básica de conhecimento é a relação epistemológica sujeito-objeto. Em terceiro lugar, a relação epistemológica sujeito-objeto é pensada para constituir a lógica prática subjacente (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2017).

No entanto, devido à sua proximidade com a prática, presume-se que o conhecimento representacional dos profissionais sobre as práticas organizacionais é tendencioso, subjetivo e crítico e, portanto, bastante impreciso e não racional (NICOLINI, 2012). Sendo assim, Sandberg e Tsoukas (2011) argumentam que existem três problemas com a racionalidade científica: (1) subestima a totalidade significativa em que os praticantes estão imersos, (2) ignora a singularidade situacional que é característica das tarefas que os praticantes realizam e (3) ele se abstrai do tempo conforme experimentado pelos praticantes. Ao fazer isso, as teorias desenvolvidas dentro da estrutura da racionalidade científica deixam de fazer justiça à lógica subjacente à prática.

Para superar a estrutura da racionalidade científica, o pensador Martin Heidegger foi um dos pioneiros ao criticar e propor novos caminhos para a suposição de que a relação epistemológica sujeito-objeto constitui a forma mais básica de conhecimento. Em sua análise da estrutura ontológica da existência humana, Heidegger mostrou que a relação epistemológica sujeito-objeto não é nossa forma mais básica de nos relacionarmos com o mundo, mas, ao contrário, é derivada de uma forma mais fundamental de existência: a de estar no mundo (HEIDEGGER, 1996). Ao contrário da ontologia subjacente à racionalidade científica, que pressupõe desconexão - ou seja, que nós, como seres conscientes, estamos inicialmente separados do mundo ao qual subsequentemente nos tornamos continuamente conectados - a noção de estar no mundo estipula que nossa forma mais básica de ser é o entrelaçamento, pois nunca estamos separados, mas sempre já entrelaçados com outros e coisas em mundos de prática específicos (SANDBERG; DALL'ALBA, 2009).

Tomar o entrelaçamento como o modo primário de existência significa que para algo ser/existir, ele precisa aparecer como algo, ou seja, como parte de uma

totalidade relacional significativa com outros seres (SANDBERG, TSOUKAS, 2011). Por exemplo, uma máquina de Raio-X possui diferentes significados de acordo com a pessoa que está utilizando, para o médico a máquina pode ser uma fonte de diagnóstico, por outro lado, pode ser vista como fonte de renda para quem conserta a máquina estragada. Em outras palavras, estar entrelaçado com o mundo torna possível que algo exista, seja inteligível como algo e, se for esse o caso, o entrelaçamento constitui a lógica da prática.

A lógica do entrelaçamento da prática também traz à tona a natureza necessariamente incorporada da prática. A adesão a uma prática é incorporada no sentido de que a pessoa realiza uma prática ao mesmo tempo que a incorpora (MERLEAU-PONTY, 1996). Por exemplo, um professor desenvolve uma compreensão profunda de materiais, ferramentas e técnicas que são incorporadas em seu “corpo” como um *know-how* específico da prática de ensino. E, como Bourdieu observou, a incorporação da prática “tende a garantir a 'correção' das práticas e sua constância ao longo do tempo, de forma mais confiável do que todas as regras formais e normas explícitas” (BOURDIEU, 1990, p. 54).

Além disso, a noção de entrelaçamento nos torna sensíveis à temporalidade da prática (SHOTTER, 2006). A totalidade relacional da prática é irreduzivelmente temporal, não apenas no sentido de ocorrer no tempo, entretanto, mais crucialmente, como antecipações imediatas na realização efetiva da ação. Por exemplo, a enfermeira que faz o tele monitoramento normalmente antecipa se uma chamada é de rotina ou uma possível emergência (NICOLINI, 2009). Em outras palavras, praticar é antecipar (BOURDIEU, 1990; SHOTTER, 2006). Estamos sempre à frente de nós mesmos no sentido da antecipação imediata de como a nossa prática específica se desdobra no tempo, seja ensinando, tratando um paciente, seja administrando, porque incorporamos modos específicos de envolvimento na respectiva prática (SANDBERG, TSOUKAS, 2011).

A lógica do entrelaçamento da prática estipula que a “persistência absorvida”¹ é nosso modo primário de engajamento com o mundo. A persistência absorvida é um modo de engajamento pelo qual os atores estão imersos na prática sem estar cientes de seu envolvimento nela, eles respondem espontaneamente à situação em

¹ No original, os autores chamam de *absorbed coping*.

desenvolvimento (SANDBERG, TSOUKAS, 2011). Ela é primária no sentido de que a prática forma um todo relacional familiar no qual as pessoas são absorvidas e, ao mesmo tempo, incorporam. Sendo assim, é apenas quando encontramos alguma forma de colapso significativo (interrupção ou perturbação) em nossa persistência absorvida que começamos a focar na prática (ou seja, em nós mesmos, nos outros e nas ferramentas) como algo separado e discreto, separando pessoas e ferramentas de seu todo relacional e, assim, "mudando" para a relação epistemológica sujeito-objeto (HEIDEGGER, 1996; DREYFUS, 1995).

Com isso, Sandberg e Tsoukas (2011), apresentam duas formas de teorizar através da racionalidade prática: primeiro, uma mudança de entidades como o ponto de partida para a integração – ou seja, focando na investigação do todo relacional de práticas específicas – e, segundo, uma mudança da atitude escolástica de distanciamento teórico para uma deliberação temática envolvida – ou seja, focando nossa atenção de pesquisa em rupturas temporárias.

A primeira estratégia implica que os pesquisadores se concentrem em como os profissionais estão normalmente envolvidos no todo relacional dentro do qual realizam suas tarefas. A estratégia de entrelaçamento consiste em cinco componentes: Em primeiro lugar, tomar a prática como ponto de partida – isto é, focar no entrelaçamento de profissionais e ferramentas nas práticas; em segundo lugar, como resultado, o foco não está nas pessoas apenas, mas no que as pessoas realmente fazem – ou seja, nas atividades em que estão envolvidas – para atingir objetivos específicos. O foco nas atividades revela padrões de sociabilidade, uso de ferramentas e empoderamento (NICOLINI, 2009). Terceiro lugar, o *zoom* em como a atividade é realizada por meio do corpo e o uso de várias ferramentas revela o sentido em que a prática é realizada; em quarto lugar, ao explorar os padrões de excelência que fundamentam uma prática, concentrando-se no que é considerado como sucesso e fracasso, normativamente vinculante ou não, pode-se chegar perto de compreender o que importa para os envolvidos em uma prática e, portanto, qual é a forma diferencial de ser a prática que lhe dá a sua identidade; em quinto e último lugar, aproximar-se das relações entre as várias práticas mostrando o que torna-se possível uma prática em estudo. Explorar os recursos necessários para que uma prática seja o que é e como esses recursos são adquiridos de outras práticas permitindo compreender conexões e possibilidades (NICOLINI, 2009).

Já a segunda estratégia consiste em explorar os colapsos temporários que podem ser encontrados ou criados em uma prática, que são tratadas como aberturas para acessar o significado do funcionamento interno de uma prática. O objetivo é permitir que a prática se revele por meio dos momentos em que ela é temporariamente interrompida, ou seja, os momentos em que as coisas não funcionam como previsto.

Sendo assim, a racionalidade prática busca o conhecimento organizacional prático, gerando um processo dinâmico de transformar uma prática irrefletida em reflexiva, elucidando as regras que orientam as atividades da prática, ajudando a dar uma forma particular aos entendimentos coletivos e facilitando o surgimento de conhecimento heurístico (TSOUKAS; VLADMIROU, 2001). Na visão de Polanyi (1975), o conhecimento prático possui duas características: Primeiro, é inevitável e irredutivelmente pessoal, uma vez que envolve participação pessoal em sua geração; e em segundo, para que o conhecimento seja efetivamente aplicado, ele precisa ser instrumentalizado – para ser usado como uma ferramenta.

Entretanto, a prática também pode ser entendida como um encadeamento de “sentir” o comportamento oportuno, ou seja, abrange uma categoria de conhecimento que é experimentado e baseado nos sentidos, apontado por Gherardi e Strati (2014) como conhecimento estético. O comportamento oportuno em uma prática social é redefinido a todo e qualquer instante, com o contexto e o praticante em movimento e em uma relação dialética; a medida em que o indivíduo age, o contexto muda e, à medida em que o mundo se transforma pela ação, o praticante também muda ao aprender sobre sua relação com o mundo. Esse processo dialético representa tanto o caráter situado no tempo e espaço da prática social quanto a capacidade de transformação desse modo de ação dos praticantes. No entendimento da prática, não é possível separar o indivíduo do contexto em que atua, rejeitando o individualismo metodológico (DANIELS, 2011).

Entender o que e o porquê as pessoas agem vai muito além de observar o que elas fazem, como se movimentam ou que ferramentas utilizam. Práticas sociais envolvem atividades corporais e mentais (RECKWITZ, 2002), num nexos particular de ação particular sustentado por um conhecimento compartilhado pelos membros da comunidade de prática - os praticantes. Praticantes compartilham sentidos para o mundo em que agem e seguem um conjunto coerente de regras que orienta a ação individual, o que confere à ação individual um certo nível de previsibilidade para os

membros da mesma comunidade. Membros de outra comunidade de prática, no entanto, podem ter dificuldades de prever a ação individual no contexto da primeira.

Sendo assim, a racionalidade prática oferece uma base lógica para olhar para o trabalho gerencial, ou seja, visualizar o processo organizativo como um fazer coletivo e com conhecimento situado. A importância central da racionalidade prática nos estudos da prática organizativa são as interações com os outros, situadas a comunicação, a construção de situações, a relação com o ambiente físico e os objetos nele, e especialmente a ideia de que esses elementos são “aglutinados” e expressam uma lógica contingente e prática embutida na situação (GHERARDI, 2021).

2.1.2 Os processos organizativos

O exame e o conhecimento organizacional foram dirigidos à concepção sucessiva de uma representação de teorias julgadas por autores críticos organizacionais como quebra-cabeças, retalhos e metáforas por se afastarem da completa realidade, uma vez que esta é maior do que a capacidade humana de acessá-la. Com a apreciação dos entendimentos existentes e das bases paradigmáticas que as suportam, este trabalho opta-se pela definição de “organizações” numa perspectiva sociológica e processual, aqui definida como “*organizing*” (WEICK, 1979; GHERARDI, 2006; CZARNIAWSKA, 2008b; 2013).

Em seus trabalhos, Gherardi (2006) assume a expressão “*organizing*” para designar uma concepção de ação dinâmica e contínua ao procedimento de organizar. No que tange ao “*organizing*”, Cooper e Law (1995) concedem a organização uma natureza contínua e viva, levando em consideração que seus processos produzem resultados parciais ou incompletos e, ainda, eventos de inúmeras particularidades. Para melhorar a compreensão sobre a palavra, decidimos traduzir o “*organizing*” por “processos organizativos”. Tal definição conceitual surge do entendimento de prática numa visão mais completa e baseada em pressupostos particulares, a prática tem como premissas fundamentais: o pré-estabelecimento do período temporal de uma ação; seus significados próprios; o reconhecimento social; e a organização como um organismo dinâmico e processual.

Segundo Weick (1979), o emprego do substantivo “organização” transmite a palavra uma ideia de estrutura inerte e inflexível. Para o estudioso, bem como para Cooper e Law (1995), os acontecimentos organizacionais seriam mais bem desvelados se partíssemos para uma ideia de organização como verbo (*organizing*), caracterizando sua constituição viva e processual e, mais ainda, se os autores atentassem mais na maneira de organizar, ao invés do arranjo organizacional resultado deste processo.

Ao focalizar nos processos organizativos, é possível visualizar as organizações sob um novo olhar, procurando entender diferentes nuances organizacionais por meio da citada visão processual e o “como” o organizar produz a organização. Isto é, os processos organizativos podem ser vistos como um novo caminho importante na compreensão das organizações, abrangendo concepções dadas como certas. A partir da Figura 1 desejamos apresentar a organização como uma rede de atividades tecida por processos organizativos. As organizações são formadas por diversas práticas que compõem sua atividade, possuindo sua dinâmica e os processos pelos quais fazem parte por seus diferentes componentes apoiadores (CZARNIAWSKA, 2013).

FIGURA 1 – PROCESSOS ORGANIZATIVOS DAS ORGANIZAÇÕES



FONTE: O autor (2021)

É possível pontuar que a referida rede é o que se define como textura organizacional (GHERARDI, 2006). A textura se evidencia pelas ligações e conexões ordinárias as quais desenvolvem sentidos originais, a realidade social é caracterizada por meio dos seus próprios valores, crenças e regras. Com o estudo

da textura o conhecimento de níveis, como inter-organizacional, organizacional, individual e grupal, transforma-se somente em uma concepção com propósitos instrutivos para elucidação de uma realidade, pois seu valor é concedido ao processo de construção da prática por meio da agência dos atores sociais, sejam estes integrantes animados ou inanimados, diferenciando cada organização (GHERARDI, 2006; BISPO, 2013).

Czarniawska (2006) reporta sobre a origem de estudos que fundamentou o olhar de organização como um processo. A palavra *organizing* foi desenvolvida por Karl E. Weick, como forma de buscar uma nova noção de organização, a fim de excluir a imprecisão presente em relação ao vocábulo. Em 1969, Weick lançou o livro *The Social Psychology of Organizing*, influenciado pelos conceitos do psicólogo Floyd Henry Allport (1954; 1962).

Esse pensadores compartilhavam uma ideia de organização como um processo que é considerado uma construção desenvolvida consensualmente e ratificada na medida em que acontece, constituindo o comportamento dos sujeitos entrelaçados conscientemente (WEICK, 1979). Czarniawska (2013) pontua que Weick rompeu a barreira da estruturação da teoria dos sistemas, pois o autor conseguiu desenvolver uma teoria a respeito dos processos organizativos.

A ideia de Weick, simultaneamente em que foi de encontro a um movimento de forte impacto na época, buscou atenção para a sua visão. O movimento abordava a naturalização e a reificação das organizações. A naturalização como uma maneira de compreender as organizações como um evento vivo e não algo antinatural, com marcação histórica e formada por associações de poder; e a reificação como um modo de apontar a abstração da constituição social (tida como uma organização concreta e homogênea) de uma conjuntura heterogênea, complexa e mutável de seu ambiente original; (COOREN; BRUMMANS; CHARRIERAS, 2008).

Sendo assim, a atenção nas organizações como estrutura, permanecia dificultando a noção de organização como um processo e, por conseguinte, a proposta de Weick em resgatar a perspectiva processual no exame das organizações através dos processos organizativos. Verifica-se então que a atenção na estrutura, superando a atenção no processo de construção da organização insinua, de certa forma, que a visão processual (processos organizativos) não estava pertinente aos exames organizacionais.

Em contraposição a esta premissa, Czarniawska (2010) desperta o interesse para a situação de que o ponto nestes estudos eram os acontecimentos que ofuscavam a visão processual e consolidavam a visão dominante. Reed (2007) argumenta que a narrativa dos estudos organizacionais e a forma como ela é relatada não é neutra, isto é, não são representações imparciais do que se foi vivenciado. Por consequência, todo o encadeamento de reconstrução histórica é feito de entendimentos que poderão ser indagados e questionados sempre. Além disso, para Czarniawska (2010), é preciso entender este desenrolar das teorias, com o objetivo de reconhecer a “virada histórica”, isto é, o instante em que a organização passa a ser representada como estrutura, em prejuízo da noção processual.

Assim, para que a noção dos processos organizativos seja retomada, é necessário compreender como o emprego desta visão pode modernizar os estudos organizacionais. Czarniawska (2013) se baseia em Dwight Waldo (1961) para reportar a passagem da teoria da administração para a teoria da organização. Waldo argumenta que o *behaviorismo*, um modelo metodológico que despontou nas Ciências Sociais e que não se ajustava a teoria da administração, foi o motivador desta mudança. A teoria da administração julgava que a administração estava orientada no ato de agir, como uma ciência aplicada, ao passo que a teoria da organização não possuía esta orientação, era vista como um arranjo que existia “lá fora”.

Conforme Czarniawska (2008b; 2013), a teoria dos sistemas e a definição de sistemas abertos, associada à visão de organizações complexas, simbolizam a noção central de estudos ao longo da década 50, e colaboraram para que existisse a mudança do foco em administração para a abrangente análise organizacional, objetificação da organização, como igualmente para que existisse importantes redirecionamentos neste campo. Segundo a Czarniawska (2010; 2013) um redirecionamento importante se refere da noção de organização como uma coleção de elementos delimitados e separados, interligados pelo seu potencial de ajuste, colaborando para que a visão de corpo “organizado” passasse a ser denominado por “unidade organizacional” (CZARNIAWSKA, 2008b).

Czarniawska (2008b; 2013) esclarece ainda que pela circunstância de que se havia alcançado, a partir de então, uma harmonia entre o taylorismo e o modelo ideal de administração, esta noção se transformou em um *mister* nos anos 60. Outra questão importante, ressaltado pela autora, refere-se da proximidade desta

perspectiva com a cibernética, objeto que começou a ter o interesse da ciência contemporânea. Desta maneira, em sua investigação, Weick (1979) sintetizou a teoria do sistema e abraçou uma noção de organização como um sistema “autopoiético”, ou seja, é possível se autorregular e auto reproduzir por meio de questões ambientais, efetivando com que a organização possua seus produtos vinculados por ciclos, divergindo da visão de estrutura linear de causa e efeito. Em vista disso, o autor aponta que os processos organizativos precisam ser o cerne para os estudos organizacionais.

Ao voltarmos a atenção para o estudo dos processos organizativos, não deixamos de lado as oportunas colaborações da teoria dos sistemas, que durante cinquenta décadas esteve em evidência e foi de grande incentivo para os estudos organizacionais (CZARNIAWSKA, 2013), somente admitirmos que a noção de organização como estrutura anula seus fenômenos, oculta as principais questões e, em si mesmo, não é possível de entender a extensa série de fenômenos organizacionais existentes.

Segundo Czarniawska (2010), se os estudos organizacionais forem investigados profundamente, é possível descobrir uma gama de questões que apontam o como a visão de organização pode obstruir e esconder pontos críticos dos processos organizativos. Nos argumentos da autora, estes estudos se voltam somente para a ligação dos processos organizativos na organização formal, ignorando a relação que acontece nos grupos informais e os próprios grupos formais, a cooperação que pode vir a encontrar entre organizações e a visão de que organizações podem ir além do encadeamento dos objetivos para os quais ela foi organizada.

Conforme Weick (1979), bem como Cooper e Law (1995), o estudo da organização deve privilegiar a compreensão do organizar, com base no entendimento de como os indivíduos agem e o que eles fazem conjuntamente para o alcance dos objetivos estipulados, fazendo com os processos organizativos suportem a organização, levando em consideração que ela é tida como um sucessivo fruto do organizar, isto é, a disposição coletiva das práticas que fazem com que a realidade social nesta localidade específica exista *ad hoc*.

Na noção de Czarniawska et al. (2007), o estudo das organizações deve originar-se da compreensão dos arranjos informais, com o objetivo de favorecer um verdadeiro entendimento do evento em análise. A autora também aponta que

episódios de risco favorecem a constituição de processos organizativos, como um estímulo corrente para a formação de um arranjo partilhado pelos indivíduos, entrelaçado por redes existentes, fazendo com que ele exista e se mantenha. Sendo assim, este processo do organizar e a formação natural de uma rede de ação são os pilares sustentadores de uma organização (GHERARDI, 2012).

Desse modo, Czarniawska (2013) depreende que a teoria da organização passaria a ser melhor entendida se a atenção fosse voltada à captação dos processos organizativos, propiciando dessa maneira o avanço das teorias e reordenando as teorias futuras. À vista disso, entende-se a organização, nesta dissertação, como um composto de práticas ligadas pelos processos organizativos, o que oportuniza a natureza não lógica à elas, acarretando, dessa forma, o impedimento de caracterização da organização de maneira racional e, além disso, afastando as generalizações acerca das práticas realizadas em uma determinada organização (CLEGG; KORNBERGER; RHODES, 2005). Além disso, entende-se que a prática organizativa é caracterizada em relação a ações situadas, conhecimentos situados e corporificações situadas, em que os gerentes não são a fonte central de conhecimento (GHERARDI, 2021).

Como pode ser visto com base na argumentação desenvolvida sobre os processos organizativos, é necessário elucidar que esta visão de organização tem uma intensa associação com os estudos sociológicos baseados em práticas sociais. Ou seja, estes estudos tomam o cotidiano das organizações, as relações do dia a dia que abarcam o sentido conferido às palavras, cultura, ações referentes à imaterialidade e ao uso de artefatos ligados à materialidade (GHERARDI, 2006), viabilizando entender as questões que envolvem o organizar. Sendo assim, ratificamos o enfoque nas práticas de ação e operações a partir da TA como um percurso para os estudos organizacionais, posto que se passa a identificar e caracterizar as particularidades histórico-cultural da organização considerada dinâmica e multidimensional. Portanto, neste estudo o processo organizativo é caracterizado como um conjunto de processos cotidianos que sustentam a rede inter-relacionada de atividades significativas na organização das HUC voltadas para o plantio, cultivo, manutenção, gestão e distribuição dos alimentos produzidos.

2.2 PRÁTICAS SOCIAIS POR MEIO DA TEORIA DA ATIVIDADE

Existem diferentes perspectivas relacionadas ao estudo das práticas organizacionais, e cada uma corrobora de maneira diferente ao campo de estudo da Administração. A prática social pode ser compreendida sob três abordagens: a prática como perspectiva, como uma filosofia, e como fenômeno (ORLIKOWSKI, 2015). Neste estudo opta-se por olhar a prática como fenômeno. Isto é, a prática é a questão central situada no cotidiano organizacional (ORLIKOWSKI, 2015), no qual foca-se nas realidades cotidianas conforme surgem na prática, afastando-se a lógica convencional, comportamento necessário para se caracterizar a prática assim como ela é empregada.

A perspectiva da prática rompe com paradigmas metodológicos, ressaltando que a atividade deve ser compreendida e investigada pelas práticas que se sobressaem no campo de estudo escolhido (GOLSORKHI et al., 2015). Ademais, a importância de uma investigação que compreenda a prática e seus praticantes se edifica ao passo que este possibilita que seja atingido a compreensão teórica a respeito de um tema, carregando em apreciação questões relevantes aos sujeitos organizacionais, que são os participantes da prática (GOLSORKHI et al., 2015).

Levando em conta a prática como um 'fenômeno social transindividual que decorre da experiência de um sujeito ou grupos de sujeitos' (BULGACOV; CUNHA; CAMARGO, 2011, p.3), é necessário pontuar algumas questões do estudo da prática perante as Ciências Sociais. Examinar o nível social micro de uma atividade e sua formação em um cenário social real, possibilita a aproximação do que é geral e abstrato, a análise da realidade social, e ao tornar flexível a concepção de prática, oportuniza-se examinar a atividade de diferentes aspectos (GOLSORKHI et al., 2015). Diante disso, o nível social micro não se concebe em algo resumido, e sim no fato de simbolizar o cenário social restrito que abrange uma determinada atividade. É preciso destacar também que a prática que se pretende analisar é aquela que o pesquisador interpreta à luz daquilo que as pessoas dizem sobre o que elas fazem.

Com base no exame conjunto da atividade e suas mediações é possível alcançar o nível macro da atividade. A TA proporciona empreender essa perspectiva através do estudo coletivo da atividade e seus elementos mediadores (ENGESTRÖM, 2001). Isto é, ao descrever a prática de ação e operação através de

um conjunto de atividades e suas concepções mediadoras, é plausível alcançar o nível micro bem como o nível macro da atividade em apreço.

A TA é uma abordagem teórica proveniente da psicologia histórico-cultural russa criada nos anos de 1920 e 1930 pelos pensadores Vygotsky e Leontiev (CASSANDRE, BULGACOV; CAMARGO, 2011; CASSANDRE; GODOI, 2014; ENGSTRÖM, 2001). Apoiados no materialismo histórico-dialético, a TA objetiva entender o desenvolvimento psicológico dos indivíduos como um encadeamento histórico.

Segundo Vygotsky (1991), o desenvolvimento psicológico baseia-se nas interações que os indivíduos estabelecem no convívio em sociedade, que, por sua parte, evoluem e são construídas dentro da cultura e em um curso histórico. No que tange ao aprendizado, o autor argumenta que é através da ação e das relações sociais do indivíduo e a cultura que acontece o desenvolvimento dos sujeitos e da própria atividade.

A ideia de atividade foi desenvolvida primeiramente pelo filósofo alemão Friedrich Hegel, que constatou o papel da atividade produtiva e os instrumentos do trabalho no desenvolvimento do conhecimento (ENGSTRÖM, 2015; QUEROL; CASSANDRE; BULGACOV, 2014). Karl Marx, posteriormente, avançou com o conceito e destacou que o homem não era somente como um fim da história e da cultura, mas também como um transformador da natureza e um criador (QUEROL; CASSANDRE; BULGACOV, 2014).

O conceito de atividade é apoiado em uma interpretação dialética do desenvolvimento e assume que os indivíduos são ativos e interagem com seu universo. Ao contrário de enxergar o ambiente como questões externas e variáveis, a dialética sugere que a ligação entre um sujeito e seu ambiente é interna ao passo que molda e define uns aos outros por meio de um processo de evolução (VIRKKUNEN, 2019). Na ontologia dialética, o primeiro pressuposto é que os elementos não existem *a priori* ou sem as suas relações, mas esses elementos são consequências do progresso em processos de relações (SANNINO; ENGSTRÖM, 2018).

Ao refutar a compreensão dos pensadores a respeito do desenvolvimento e da aprendizagem do ser humano, Vygotsky (1978) sugere que uma questão primordial do aprendizado é a criação da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), isto é, a aprendizagem pode estimular uma multiplicidade de processos internos de

desenvolvimento que são aptos de operar unicamente quando a criança/sujeito está interagindo com indivíduos no seu ambiente e em cooperação com seus pares. A partir do momento que tais processos sejam absorvidos, tornam-se parte da conquista independente de desenvolvimento (LEITE, 2013).

Ao utilizar o método da ZDP, é plausível considerar não unicamente os ciclos e o processo de maturação que já foram atingidos, mas também aqueles que estão em processo de constituição, ou seja, que estão meramente começando a amadurecer e a se desenvolver (CASSANDRE, 2012). Nessa interpretação a atividade é mediada e mediatizante de processos subjetivos e materiais. A partir da atividade mediatizante, isto é, mediada pelas relações dos objetos com os outros, o indivíduo constitui seu poder de agir, “conquistado junto aos outros e aos objetos que os reúnem ou os dividem no trabalho comum; ele se desenvolve na e pela atividade mediatizante” (CLOT, 2010, p. 23).

O processo de sentido subjetivo manifesta-se no decorrer da experiência, desvelando aquilo que o sujeito sente e produz nesse processo, expondo a natureza subjetiva das experiências humanas. Esse processo acontece na vida social culturalmente organizada, e historicamente situada, oportunizando a composição do passado e futuro como categoria inseparável da construção subjetiva atual (REY; MARTÍNEZ, 2017).

Com o objetivo de solucionar um problema, os sujeitos fazem uso de artefatos culturais, que concentram conhecimento humano por meio da história (QUEROL; SEPPÄNEN, 2020). Ao utilizar tais ferramentas, as pessoas ficam mais independentes do cenário momentâneo e oportunizam outras possibilidades de futuro ao desenvolvimento, fazendo desses indivíduos agentes proativos (QUEROL; SEPPÄNEN, 2020). A ligação de aprendizagem e desenvolvimento de uma organização são, portanto, dialéticos (CASSANDRE, 2012).

Ademais, Vygotsky (1978) reconheceu a inferência da composição social dos processos psíquicos. Para o autor, o desenvolvimento humano é constituído na história e na cultura em sistemas de significação. No seu entendimento, a ação humana não acontece de maneira direta no mundo social, mas sim de forma indireta por meio da mediação dos instrumentos, dos signos e dos outros indivíduos (ZANELLA, 2004). A mediação humana percebida por Vygotsky é organizada e produzida para a utilização futura, de maneira consciente, construída pelo ser

humano para proceder de maneira coletiva o seu trabalho (CLOT, 2010), criando assim a teoria da mediação cultural da ação humana.

Mediação cultural exprime que a ligação entre o sujeito e o objeto é mediada através de questões culturais ou artefatos, conforme demonstrado na Figura 2. Segundo Querol, Cassandre e Bulgacov (2014), um artefato é delineado como um elemento do mundo material que tenha sido transformado durante o percurso da história da sua constituição por meio de ações para um determinado objetivo. Um artefato é tanto material quanto ideal. Por exemplo, um celular é um objeto material bem como a personificação de uma ideia humana da função de um celular.

FIGURA 2 – MODELO DE MEDIAÇÃO DO VYGOTSKY



FONTE: Vygotsky (1978, p. 40)

A introdução de artefatos culturais nas ações humanas foi transformadora, pois o elemento de análise extrapola a divisão entre o indivíduo e o contexto social. O sujeito não pode mais ser concebido sem o prisma das suas questões culturais, e a sociedade não pode mais ser compreendida sem a ação de sujeitos que empregam e concebem artefatos (CLOT, 2010). Os objetos transformaram-se em unidades culturais e a orientação para o objeto de ação transformou-se no ponto crucial para entender a psique humana. (ENGESTRÖM, 2015). Entretanto, o modelo teórico de análise desenvolvido por Vygotsky (1978): objeto ↔ artefato ↔ objeto, possui deficiências, em virtude de afastar o desenvolvimento individual da interação social.

Com isso, o psicólogo Leontiev (1978) estende o modelo de mediação desenvolvido por Vygotsky ao abordar o aspecto coletivo da atividade. Ao fazer isso, o autor pontua que a diferenciação entre ação e atividade é necessária para entender como as ações surgem e o que as orienta.

Conforme Leontiev (1978), as ações são orientadas a metas e objetivos, todavia, apenas o objeto da atividade coletiva, e não os objetivos das ações, pode

esclarecer por que uma ação emerge. A divisão entre objetivo de uma ação e objeto da atividade gera um vínculo dialético, pois atividade não pode ser compreendida sem ações e ações não podem ser entendidas sem atividade (LEONTIEV, 1978; QUEROL; CASSANDRE; BULGACOV, 2014).

Além disso, o autor lançou a concepção de atividade direcionada ao objeto atividade. A perspectiva central é que uma atividade é *ad aeternum* direcionada a um objeto, pois não existe atividade sem objeto. Com a intenção de investigar uma atividade, é necessário primeiramente reconhecer o objeto que orienta as ações do indivíduo. Em uma interpretação fundamentada na TA, “os seres humanos são vistos como envolvidos em diversas atividades, distinguindo-se uns dos outros pelos objetos aos quais as suas ações são orientadas” (LEONTIEV, 1978, p. 62).

Ainda conforme Leontiev (1978), a questão principal de uma ação é seu norte consciente para um objetivo que, por seu turno, está de modo direto vinculado a um tempo e lugar. As ações são executadas através de operações realizadas sem atenção consciente. Nesse sentido, as operações são ações que se tornaram práticas inconscientes por meio da repetição (mecanização). A operação, portanto, não é mais orientada a um objetivo, mas apenas uma relação do sujeito com os artefatos que mediam a atividade. As operações acabam se transformando em funções atribuídas à própria ferramenta. Com isso, as ferramentas permitem algum tipo de objetivo, mas não determinam o objetivo.

Dessa maneira, a relação entre atividade, ação e operação é dialética, pois leva em consideração que os objetivos da ação definem quais operações são importantes para a sua realização, também as operações disponíveis impactam os objetivos pretendidos (CASSANDRE, 2012).

Além do pressuposto principal para a existência da atividade ser um objeto, outras três premissas suportam o conceito de atividade: Primeiro, que o objeto é duplo, ou seja, ideal e material (dialético); segundo, em virtude do fator dialético, o objeto da atividade está em constante mudança e terceiro, o objeto da atividade só se alcança coletivamente na sociedade, em que as pessoas se relacionam por atividades coletivas (CASSANDRE, 2012).

Na TA, o coletivo e individual são encarados de maneira dialética, visto que para se entender uma atividade coletiva é preciso ter em apreciação as ações individuais, da mesma maneira que para entender uma ação individual é preciso ter em ponderação o objeto em um contexto socialmente construído (SANNINO;

ENGESTRÖM, 2018; CLOT, 2010). Os instrumentos são construídos historicamente e socialmente, e os mediadores sociais, tais como regras e divisão do trabalho, mediam as relações entre os indivíduos e a comunidade (QUEROL; CASSANDRE; BULGACOV, 2014).

Em função dos objetos de atividades serem construídos socialmente na história da atividade, eles são, de uma forma, dados aos sujeitos *a priori*, e por outra forma, interpretados e reconstruídos por eles. Assim sendo, o conhecimento a respeito do objeto e seus significados, é compreendido e estabelecido de maneira diferente, em diferentes épocas e por diferentes indivíduos de diferentes formas (QUEROL; CASSANDRE; BULGACOV, 2014).

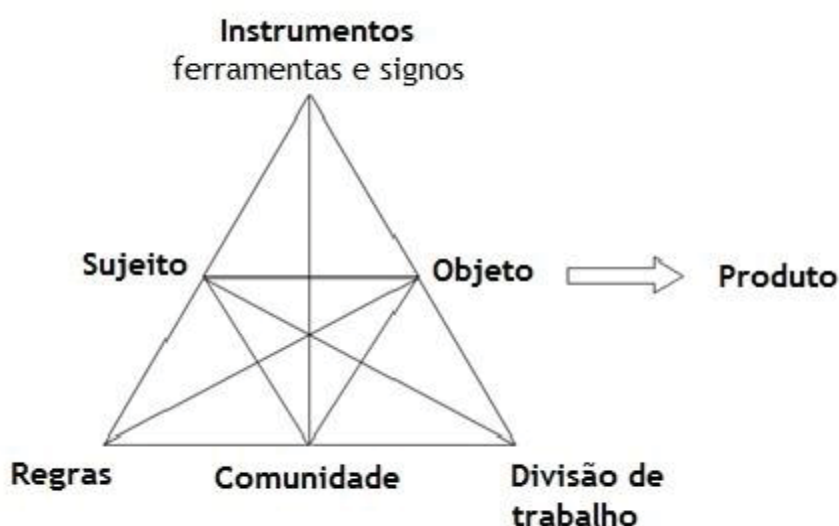
A partir desses pressupostos, Engeström (2001) expandiu a TA de Leontiev modelando os relacionamentos primordiais em sistemas de mediação de uma atividade humana, apresentando assim o Sistema de Atividade como unidade fundamental de análise, o qual inclui a unidade para compreensão das ações humanas. Além do entendimento de que o indivíduo emprega artefatos culturais na transformação do objeto, o autor adicionou também os mediadores que não eram presumidos anteriormente, são eles: regras, comunidade, divisão do trabalho e elementos sociais. Os elementos que compõem o modelo são descritos por Sannino e Engeström (2018) da seguinte forma:

- **Sujeito** – compreende o indivíduo ou subgrupo escolhido como representante do sistema de atividade. É por meio do estudo relativo a esses sujeitos que origina a perspectiva de análise, através de suas posições e pontos de vista.
- **Objeto** – é o “material cru”, para o qual a atividade é orientada, isto é, o que se deseja com determinada atividade.
- **Resultado** – o objeto se transforma no resultado com o auxílio dos instrumentos, isto é, ferramentas e signos. Refere-se ao resultado da atividade antes almejada no objeto.
- **Ferramentas e signos** - mediam o sujeito e o objeto, podendo ser físicos e simbólicos, externos e internos.
- **Comunidade** – simboliza os indivíduos e subgrupos compreendido diante de um mesmo objeto geral.
- **Divisão do trabalho** – Trata-se da divisão horizontal de tarefas e divisão vertical de poder e status.

• **Regras** – são regulamentações implícitas e explícitas, normas, convenções e padrões que orientam ações em um sistema de atividade.

De acordo com Engeström (2015), os sistemas de atividade não são isolados, mas interligados à rede de processos de atividade interdependentes que formam os elementos do sistema e utilizam os seus produtos. O modelo desenvolvido pelo autor retrata os processos de mediação cultural: produção, distribuição e troca, que fazem parte de qualquer atividade coletiva e que, por seu turno, ocorrem em uma atividade. Neste modelo, Engeström (2001) estende o triângulo individual de mediação desenvolvido por Vygotsky, introduzindo mediadores sociais organizacionais, como comunidade, a divisão do trabalho e as regras conforme demonstrado na figura 3.

FIGURA 3 – SISTEMA DE ATIVIDADE DO ENGESTRÖM



FONTE: Engeström (2015, p. 63)

Conforme Engeström (2001), um sistema de atividade possui vozes múltiplas, ou seja, é constituído por uma comunidade em que os indivíduos possuem diversos interesses, visão de mundo e tradições. A divisão do trabalho em uma atividade gera posições diferentes para os integrantes, em que eles e os artefatos utilizados por eles trazem consigo suas convenções, histórias e regras (QUEROL; CASSANDRE; BULGACOV, 2014). Tais vozes múltiplas são capazes de ser tanto uma origem de problemas como uma origem de inovação, requerendo atitudes de compreensão e negociação (VIRKKUNEN, 2019).

Conforme descrito anteriormente, atividades estão em constante mudança. Cada característica histórica de atividade demanda distintas características de conhecimento e, como resultado, distintas características de aprendizagem (PIHLAJA, 2005). Fundamentando-se nessa perspectiva, Engeström (2004) apresenta o aprendizado expansivo do trabalho, tipificando-o como uma aprendizagem transformadora que expande os objetos compartilhados de trabalho através de novas ferramentas, modelos e conceitos (CASSANDRE, 2012).

Com isso, o autor concebe uma teoria de aprendizagem, intitulada de aprendizado expansivo, que caracteriza a aprendizagem essencial para transformar o conceito de uma atividade de um tipo histórico em outro. A teoria do aprendizado expansivo fundamenta-se em solucionar uma contradição interna na forma anterior de atividade por meio de uma ampliação do objeto da atividade (ENGESTRÖM; SANNINO, 2010).

Tal maneira de aprendizagem relaciona-se a situações em que os indivíduos criaram, de forma coletiva, um novo objeto para a sua atividade, isto é, envolvem-se em uma mudança com o objetivo de solucionar uma contradição que está conduzindo a atividade a uma situação de adversidade. Para expandir o objeto da atividade, o indivíduo precisa produzir novas ferramentas e maneiras de organização social do trabalho ao redor deste novo objeto. Engeström e Sannino (2010) indicam que o aprendizado expansivo demanda a construção e a efetivação de um novo conceito de atividade, que abrange a reorganização de todas as perspectivas dentro de um sistema de atividade (QUEROL; CASSANDRE; BULGACOV, 2014).

Sendo assim, o aprendizado expansivo é uma extensa sequência de transformação de determinada atividade coletiva. Cada estágio do processo leva ao aparecimento de uma nova contradição interna na atividade, o que propicia um novo estímulo de aprendizado para os praticantes. A expansão do objeto demanda uma maneira de entender as contradições internas do sistema e de descobrir oportunidades de manter seu desenvolvimento. Para apreender a sua natureza, o indivíduo necessita entender a lógica do seu desenvolvimento, e isso é exequível através do exame de sua construção histórica, das contradições presentes e as maneiras de solução dessa contradição (ENGESTRÖM; SANNINO, 2010).

No âmbito da teoria da atividade do trabalho, Yves Clot (2010) argumenta que o indivíduo é alguém apto de agir na construção de conhecimento sobre o próprio trabalho. Ademais, Clot faz uma distinção primordial para análise de

atividades profissionais. Ao se influenciar nos conceitos de Vygotsky sobre a consciência humana e realidade. Clot (2010) confere dois componentes distintos a atividade, o que ele designa de o real da atividade e atividade realizada. O primeiro abrange tudo aquilo que não foi feito, mas se planejou e se tentou fazer para realização da atividade. No real da atividade estão as atividades impedidas, contrariadas, ocultas que aparecem no decorrer da ação, uma vez que são elas que elucidam a atividade realizada (CLOT, 2010; FRIEDRICH, 2012). Portanto, a atividade realizada é a soma de ações realizadas de forma coletiva e individual, a partir daquilo que foi e do que não foi planejado (CLOT, 2010).

A “atividade é uma provação subjetiva mediante a qual o indivíduo se avalia a si próprio e aos outros para ter a oportunidade de vir a realizar o que deve ser feito” (CLOT, 2010, p.104). Ou seja, a relação entre o real e o realizado na atividade é uma contradição, dado que a ação do sujeito na atividade, no mesmo momento em que se resiste àquilo que deve ser feito, por exemplo não seguir normas e regras, também é o agir de acordo com o que deve ser feito. A partir dos pressupostos de atividade de trabalho como atividade humana apresentada por Engeström (2015), Clot (2010) reconhece que a atividade de trabalho é também qualificada como individual e coletiva. A atividade “é triplamente dirigida: para o objeto imediato da ação [...], e para outro assim como para o próprio sujeito” (CLOT, 2010, p. 189). Essa tripla indicação da atividade refere-se a conexão entre ação individual e coletiva provenientes da natureza humana, bem como a relação do sujeito com o objeto. O objeto é a finalidade que guia possíveis ações dentro da atividade (ENGESTRÖM, 2020). Em virtude de a atividade estar dentro de um contexto cultural, social e histórico.

Com isso, utilizar a teoria da atividade ao estudar a prática organizativa de gestão, tanto a materialidade quanto o processo de construção importam, pois múltiplas realidades podem ser encenadas por meio de diferentes espaçamentos, tempos e atuações. Nesse sentido, o desafio é produzir narrativas de agenciamentos que capturem a materialidade, as paixões e crenças, as práticas de atração e engajamento dentro desses complexos ninhos de associações (GHERARDI, 2021).

2.2.1 As narrativas para compreender a prática organizativa

Conforme Aguiar e Ozella (2013), instrumentos psicológicos (signos), são ingredientes do pensamento não apenas para a comunicação, mas também como instrumento de atividade interna. O pensamento para transformar-se em palavra passa pelo significado e sentido. Pensamento e linguagem têm para o seu entendimento, uma relação de mediação, pois no mesmo instante que são diferentes, não podem ser compreendidos um sem o outro (VYGOTSKY, 1978).

Na constituição do sujeito, os signos são objetos da natureza social, responsáveis pelo contato do homem consigo mesmo e com o mundo exterior. A linguagem é um desses objetos, e é importante pois é gerada histórica e socialmente (AGUIAR, 2002). Assim sendo, a linguagem é o signo que possibilita que uma atividade seja internalizada com significado, mediada semioticamente ao ser internalizada (AGUIAR, 2002).

Desse modo, o fenômeno psicológico, através da Psicologia histórico-cultural, se dá como uma “formação” no nível individual do mundo simbólico que é social (BOCK, 2004), em que o fenômeno psicológico e mundo social estão em relação dialética (BOCK, 2007). A linguagem possui o seu papel mediador, mas em uma concepção diferente da compreendida como mediação dos sentidos e significados. A mediação da linguagem torna viável entender a expressão coletiva do mundo social objetivo, isto é, o mundo simbólico. Representa-se materialmente o mundo abstrato e idealista do fenômeno psicológico (SANTOS, 2018). Sendo assim, falar é um ato em que se desenvolve uma ligação entre o sistema linguístico e o sistema concreto de relações sociais, que chegam à nossa consciência por meio dos enunciados, dos discursos (CZARNIAWSKA, 2011).

Levando em consideração que a teoria da atividade busca compreender e explicar o mundo cotidiano e evidenciar as relações entre praticantes e artefatos, além das nuances das atividades incorporadas pelos praticantes, a linguagem, através das narrativas, surge como principal fonte para desvelar essas questões. Partindo dessa perspectiva é necessário explorar uma outra compreensão ontológica do indivíduo que ultrapasse as dificuldades colocadas pela racionalidade científica. Ou seja, é importante um indivíduo que seja situado no mundo por meio de um conjunto de histórias em um fluxo de recriação contínua (FISCHER, 1987). É

o que Fisher (1984) denomina de *homo narrans*. Esse sujeito conta histórias e, em suas histórias, revela e evidencia suas verdades e sua vinculação histórico-cultural, ou seja, situando os sujeitos dentro do tempo e no espaço, bem como em uma noção de coletividade porque a narrativa nunca é de um indivíduo, mas de um sujeito social, isto é, um ser social. A narrativa é capaz de trazer esse elemento da reflexibilidade do fazer.

Com isso, as narrativas têm o propósito levar ao enfoque da cultura no momento que o indivíduo comum torna-se o narrador, ao determinar o lugar do discurso e o espaço de seu desenvolvimento (CERTEAU, 2014). As histórias narradas pelo indivíduo são necessárias para o estudo das práticas tendo em vista que possibilitam a compreensão das condutas dos sujeitos dado que as narrativas retratam como o indivíduo compreende a sua própria vida (BISPO, 2015).

Segundo Shuman (2012, p. 125), “a narrativa é um recurso cultural para negociar o significado por meio das relações em contextos culturais, históricos e sociais locais”. Ou seja, as narrativas possuem sentidos e significados que permitem transformar ou conceber um juízo a respeito de situações traumáticas que modificam o curso da vida cotidiana (MOUTINHO; CONTI, 2016; SHUMAN, 2012).

As narrativas possuem também uma orientação, estruturado pelas seguintes etapas (RIESSMAN, 2005):

- O ponto da história;
- A orientação espaço-temporal dos personagens;
- A ação complicadora que compõe o enredo;
- A avaliação, quando o narrador não atua, mas comenta a ação;
- A resolução, ou seja, o desfecho do enredo;
- E uma linha que reconecta a narrativa com a realidade.

Essa estrutura de encadeamento da narrativa ajuda a entender para quem e com que intuito uma história é contada, além de buscar compreender como a sucessão dos eventos é organizada e com quais meios (RIESSMAN, 2008).

Além disso, esse percurso epistemológico é apropriado para estudos baseados em prática através da Teoria da Atividade. Narrativas, como percurso para entender a subjetividade, podem ser eficientes em esclarecer os significados atribuídos pelos praticantes aos fatos - bem como traduzir os processos de transformação desses sentidos. Os significados são importantes para desvelar a

ação dos indivíduos para o interacionismo simbólico, um dos pilares ontológicos dos estudos da prática (BISPO, 2015).

Para isso, é preciso entender a narrativa do sujeito como um objeto de análise. Fischer (1987) defende que as narrativas carregam o material que concebe a estrutura social da realidade, que é representado por uma grande coleção de histórias traumáticas e construções retóricas com ações persuasivas. Ainda que possa-se julgar que essas construções retóricas sejam apenas devaneios, em um exame mais aprofundado essa coleção de histórias verosímeis construídas por meio da narrativa pelos indivíduos praticantes corrobora com uma doutrina correspondente. É afirmar, as narrativas possuem os significados que acarretam a conduta dos praticantes, seja na continuidade ou na modificação da prática social. É o que Fischer (1984) denomina de "lógica de boas razões", a maneira de tomada de decisão do *homo narrans*. No mesmo sentido em que se afasta da racionalidade tradicional, essa representação de homem conserva a capacidade de ser racional, desde que o mundo se enquadre nas boas razões de uma narrativa convincente (MACHADO et al., 2019). Segundo Certeau (2014), a fala permite examinar as práticas desenvolvidas pelos praticantes, porque nenhum fato é puro e simples, nenhuma ação é desprovida de sentido e significado.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este tópico aponta os procedimentos metodológicos empregados no desenvolvimento do estudo com o intuito de responder ao problema de pesquisa proposto. Para tal, inicialmente é apresentada a especificação do problema de pesquisa. Posteriormente, realiza-se a delimitação e desenho da pesquisa. O capítulo encerra-se com a apresentação da validação da pesquisa.

3.1 ESPECIFICAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

Este estudo objetiva responder ao seguinte problema de pesquisa: Como ocorre a prática organizativa na constituição das hortas urbanas comunitárias a partir do sistema de atividade desenvolvido pelos hortelões?

3.1.1 Definição constitutiva e percurso empírico

Determinados vocábulos podem não ser naturalmente entendidos por aqueles que estejam fora do campo de estudo, e, em função disso, é necessário que sejam estabelecidos antecipadamente (CRESWELL, 2010). Com o objetivo de tornar compreensível os principais termos utilizados nessa pesquisa, são apontados, a seguir, a definição constitutiva e o percurso empírico dos seguintes vocábulos:

Sistema de atividade

Processo organizativo

Ao passo que a definição constitutiva relaciona-se a uma explicação geral do termo, o percurso empírico é direcionado nas maneiras de observar e/ou mensurar um fenômeno (RICHARDSON, 2017).

Sistema de atividade

Definição constitutiva: É uma maneira de compreender a atividade humana levando em consideração aspectos coletivos da atividade e não somente individuais (ENGESTRÖM, 2001). Abrange também a compreensão de seus componentes constitutivos como sujeito, objeto, mediações (regras, divisão do trabalho, comunidade, ferramentas/signos) e resultado (ENGESTRÖM, 2001).

Percurso empírico: A análise do sistema de atividade das hortas comunitárias urbanas foi desenvolvida por meio da observação participante no dia-dia das HUC. Compreendem o uso de entrevistas interativas, observação participante, diário de campo e gravação de áudios dos diálogos entre membros das hortas comunitárias urbanas e o pesquisador. Com isso, através dos dados coletados e analisados, foi possível compreender os elementos integrantes do modelo do sistema de atividade humana.

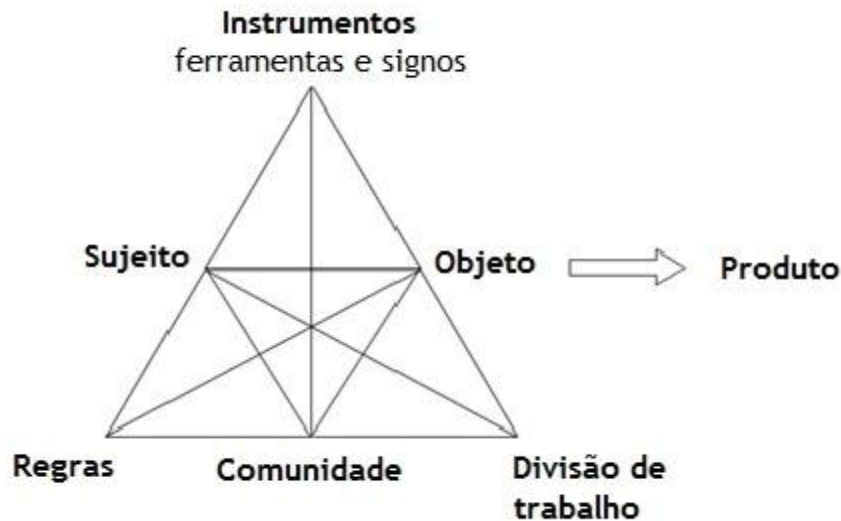
Entende-se que a atividade se estabelece nas diferentes conexões que constituem entre ator/sujeito, ações e contextos sociais em relações singulares e coletivas, tendo em vista que se baseiam nas significações ali (re)produzidas, transformadas e apropriadas (ZANELLA, 2004). Os componentes que foram observados em cada sistema de atividade estão caracterizados na Figura 4.

Cada um dos elementos do sistema de atividade é compreendido como:

- **Sujeito** – compreende o indivíduo ou subgrupo escolhido como representante do sistema de atividade. É por meio do estudo relativo a esses sujeitos que origina a perspectiva de análise, através de suas posições e pontos de vista.
- **Objeto** – é o “material cru”, para o qual a atividade é orientada, isto é, o que se deseja com determinada atividade.
- **Resultado** – o objeto se transforma no resultado com o auxílio dos instrumentos, isto é, ferramentas e signos. Refere-se ao resultado da atividade antes almejada no objeto.
- **Ferramentas e signos** - mediam o sujeito e o objeto, podendo ser físicos e simbólicos, externos e internos.
- **Comunidade** – simboliza os indivíduos e subgrupos compreendido diante de um mesmo objeto geral.
- **Divisão do trabalho** – Trata-se da divisão horizontal de tarefas e divisão vertical de poder e status.

- **Regras** – são regulamentações implícitas e explícitas, normas, convenções e padrões que orientam ações em um sistema de atividade.

FIGURA 4 – ESTRUTURA DE UM SISTEMA DE ATIVIDADE HUMANA



FONTE: Engeström (2015, p. 63)

Por meio da constatação das mediações culturais (regras, ferramentas físicas e simbólicas, comunidade, divisão do trabalho, entre outros) evidenciados pela narrativa dos sujeitos e observação da prática pelo pesquisador nos sistemas de atividade em ação, foi possível responder questões tais como: como este sistema de atividade começou? Quais modificações houveram? Como se encontra hoje? O que é atribuído como determinante nas mudanças, contradições, ferramentas do sistema de atividade? Qual o resultado alcançado em cada uma delas?

Perguntas dessas extensões e desse tipo, juntamente dos métodos de análise, concederam a captação e resgate do processo histórico que integra cada sistema de atividade e seus componentes constituídos e constituintes, visto que, conforme Aguiar e Ozella (2013), o estudo da apreensão de sentido deve ocorrer na prática, empiricamente, indo além da descrição, estudando seu processo histórico. Finalizadas as análises de cada sistema de atividade é possível responder sobre como ocorre a prática organizativa das hortas urbanas comunitárias estudadas.

Processo organizativo

Definição constitutiva: O processo organizativo entende a organização como um processo que é considerado uma construção desenvolvida consensualmente e

ratificada na medida em que acontece, constituindo o comportamento dos sujeitos entrelaçados conscientemente (WEICK, 1979). Essa prática é compreendida como um sistema de atividade inter-relacionada coletivamente (ENGESTRÖM, 2001). A prática organizativa é entendida, neste caso, pelo conjunto de atividades significativas inter-relacionadas representativas às hortas urbanas comunitárias (HUC).

Percurso empírico: Será realizado a identificação e análise dos sistemas de atividades em estudo, ou seja, a relação encontrada na análise de cada sistema de atividade representativos às hortas urbanas comunitárias, junto aos atores do sistema de atividade em questão, caracterizando a prática organizativa. Assim, a partir das técnicas de coleta e análise de dados, serão respondidas algumas questões, por exemplo: como se caracteriza a prática organizativa nas hortas comunitárias urbanas? Como ela está organizada? Quais seus elementos constituintes? Quais atores compõem a prática organizativa como um todo? Quais são os objetos desta prática e como são apreendidos historicamente pelos atores? Como se dá a manutenção dessa prática organizativa?

3.2 DELIMITAÇÃO E DESENHO DA PESQUISA

Essa pesquisa busca compreender a prática organizativa na constituição das hortas urbanas comunitárias a partir do sistema de atividade desenvolvido pelos hortelões. Visando a alcançar tal objetivo, as seções a seguir especificam os métodos que serão empregados no desenvolvimento do estudo.

3.2.1 Delineamentos da pesquisa

Quanto à abordagem, a pesquisa é qualitativa. Frequentemente, a pesquisa qualitativa é apontada como um dos melhores métodos para elucidar e expandir um campo de estudo (STAKE, 2010), esse tipo de pesquisa procura entender e

especificar diferentes elementos relacionados aos fenômenos de forma mais profunda (GIBBS, 2009). Concerne-se, desse modo, de uma maneira adequada de entender as questões de um fenômeno social (RICHARDSON, 2017). Na pesquisa qualitativa, a atenção está na compreensão das particularidades do objeto de estudo e não na pertinência dos dados (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Estas particularidades compreendem textos e produções culturais, histórias de vida, experiências pessoais, artefatos, entre outras coisas, que simbolizam contextos e significados ordinários e hostil para os sujeitos (DENZIN; LINCOLN, 2000).

Independentemente de a subjetividade da pesquisa qualitativa muitas vezes ser apontada como um prejuízo dessa abordagem, Stake (2010) sustenta que ela é essencial para a compreensão da atividade humana. A subjetividade é essencial, pois, independentemente de o pesquisador não conhecer seu alcance intelectual, o reconhecimento da utilidade de informações contraditórias, a validação de observações e as práticas de triangulação corroboram para a importância de pesquisas desse caráter (STAKE, 2010). Os pesquisadores qualitativos, dessa forma, ao investigar determinados contextos, procuram compreender e esclarecer variados fenômenos fundamentado nos significados que os sujeitos dão a eles (DENZIN; LINCOLN, 2000).

No tocante aos objetivos, a pesquisa é descritiva. A pesquisa descritiva “observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los” (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p.60). Nesse gênero de pesquisa os dados são coletados na própria realidade, no contexto em que os fatos ocorrem (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007).

Em relação a estratégia de pesquisa, esse estudo adotou o estudo de caso. É “uma estratégia de investigação em que o pesquisador explora profundamente um programa, um evento, uma atividade, um processo ou um ou mais indivíduos” (CRESWELL, 2010, p. 38). No estudo de caso, o pesquisador não está concentrado em generalizar os resultados encontrados de uma particularidade para todos os outros casos e contextos (STAKE, 2009). São escolhidos casos julgados representativos e com fundamento nisso são realizadas particularizações deles, dado que a relevância está nas especificidades e peculiaridades de cada caso (GODOY, 2010). Assim sendo, são investigadas as ocorrências relevantes, singularidades, sequencialidade e a complexidades dos fatos em determinado

ambiente (STAKE, 2009). Nessa pesquisa, apesar do interesse de análise de múltiplos casos, não há a intenção de generalização.

Optou-se pelo estudo de caso como estratégia de pesquisa nesse trabalho, pois a intenção é descrever uma situação cotidiana (prática organizativa da agricultura urbana nas hortas comunitárias urbanas) com base em teorias previamente estabelecidas (GODOY, 2010) – racionalidade prática, processo organizativo e teoria da atividade. Assim, os resultados dessa pesquisa visaram a revelar “como” ocorre a prática organizativa na constituição das hortas urbanas comunitárias a partir do sistema de atividade desenvolvido pelos hortelões.

Acerca dos meios de investigação, esse estudo abrange a pesquisa de campo por meio de entrevista interativa e observação participante. Foi uma pesquisa de tal modalidade, pois contou com a presença do pesquisador no contexto das práticas e praticantes investigados. Segundo Vergara (1990), na pesquisa de campo o estudo empírico é realizada no próprio cenário em que ocorrem os fenômenos que são objetos de pesquisa, ou em qualquer outro que guardem aspectos apropriados de esclarecer tais fenômenos (VERGARA, 1990). Dessa maneira, “campo” está vinculado com o ambiente natural dos sujeitos, ou seja, não é levado em conta como sendo eventos de laboratório ou controladas pelo pesquisador da pesquisa (GODOY, 1995).

Por último, em relação à dimensão temporal, a pesquisa apresentou um recorte transversal. As pesquisas transversais têm o atributo de unicidade, dessa forma, são realizadas uma única vez e representam a uma fotografia de determinado momento (COOPER; SCHINDLER, 2016).

3.2.2 Seleção dos casos de análise

Para realização desta pesquisa, considera-se apenas os praticantes, atores que agem na construção da prática (sujeitos que sustentam o direcionamento para o objeto, sustentam o resultado, entre outros), por meio de quem são, como atuam e quais recursos utilizam (JARZABKOWSKI; BALOGUN; SEIDL, 2007). Além disso, a estratégia de pesquisa adotada, permite ao pesquisador selecionar junto a um representante que atue na prática, pessoas com conhecimento e recursos

necessários para participação na realização desta pesquisa. De acordo com Querol, Filho e Cassandre (2011, p. 624), “essas pessoas devem representar diferentes perspectivas e contribuir com recursos e conhecimento complementares”. Logo, este estudo propõe trabalhar com as comunidades participantes do Programa Hortas Urbanas Comunitárias (PHUC) da prefeitura de Curitiba-PR para compreender a prática organizativa nas hortas urbanas comunitárias.

O PHUC foi fundado em 1986 e tem como objetivo a utilização racional de espaços vazios urbanos públicos e terrenos disponíveis para a produção de alimentos em hortas e pequenas lavouras, a fim de melhorar a alimentação das famílias. Atualmente, o programa é constituído por 100 hortas, divididas em três modalidades distintas sendo: Escolares, que encontram apoio ao cultivo e ações de educação ambiental e alimentar, desenvolvido em espaços nos terrenos de escolas participantes; Institucionais, em prédios e espaços da prefeitura, em que o cultivo é realizado pelos próprios servidores e usuários; e Comunitárias, que cultivam em vazios urbanos da cidade, por cidadãos organizados a partir de uma associação, recebem apoio material e técnico da prefeitura, como material para a construção da horta, mudas e adubos. Para objetivos deste estudo serão tomadas como objeto de campo somente as hortas comunitárias (CURITIBA, 2021).

No universo das hortas comunitárias, o programa de HUC possui 35 unidades instaladas. Essas hortas são compostas por um grupo de hortelões, organizado por uma associação formalizada que recebe da prefeitura apoio material e técnico. Normalmente, a prefeitura destina mudas para plantio, adubo para as hortas e, para as novas hortas, materiais necessários para a sua edificação – caixa-d'água, cercas, entre outros (CURITIBA, 2021).

Atualmente, o programa possui um modelo de atendimento que visa estimular a participação dos hortelões com mais autonomia. Os hortelões se responsabilizam pela manutenção das hortas – do cultivo à colheita, pela organização da utilização dos espaços, inclusões ou exclusões de participantes, manutenção no entorno das áreas ocupadas, organização e distribuição de insumos recebidos e aquisição de matérias-primas com recursos próprios ou advindos da venda das hortaliças.

Cada horta comunitária possui um coordenador, responsável pelo cadastramento dos horticultores junto a prefeitura, pela fiscalização do cumprimento das regras do programa (relativo à utilização do espaço, ao cultivo orgânico e

participação nas despesas da horta) e, em último caso, a exclusão dos hortelões que não cumprirem com as regras. O apoio técnico é realizado por meio de meios eletrônicos e visitas esporádicas, tendo em vista o reduzido número de técnicos da prefeitura.

Para efeitos deste estudo foram selecionadas duas hortas comunitárias, a escolha baseou-se na disponibilidade do coordenador em apresentar a horta e a comunidade para a pesquisa, e, no intuito de buscar uma variedade de hortas comunitárias analisadas, foram escolhidas hortas comunitárias em diferentes tamanhos, diferentes coordenadores e com diferentes períodos de existência. O quadro 1 resume as comunidades participantes.

QUADRO 1 – HORTAS URBANAS COMUNITÁRIAS PARTICIPANTES DO ESTUDO

Horta Urbana Comunitária	Número de Hortelões	Tempo no programa HUC
AIC - Santa Luiza de Marillac (Prado Velho)	20	02 anos
Rio Bonito (Tatuquara)	70	20 anos

Fonte: O autor (2021).

3.2.3 Técnicas de coleta e análise dos dados

Em pesquisa qualitativa reconhece-se a possibilidade de coleta de dados de diversas origens. Richardson (2017) destaca as entrevistas e a observação participante para as pesquisas qualitativas de campo. Ao mesmo tempo que as entrevistas proporcionam compreender o íntimo de uma questão (RICHARDSON, 2017), a observação participante possibilita ao pesquisador fazer parte do ambiente, do grupo e do dia-dia do seu objeto de estudo em sua totalidade, ou seja, o pesquisador é considerado um membro como qualquer outro da organização (BABBIE, 2007).

Nicolini (2009) defende que o estudo de uma prática seja desenvolvido em dois movimentos. O primeiro movimento se refere a uma aproximação com o que

acontece na vida cotidiana dos praticantes. A prática acontece no submundo do cotidiano, em que detalhes que passam despercebidos - roteiros tácitos e esquemas que organizam o dia a dia - precisam ser revelados. Portanto, para aproximar-se e ser capaz de descrever a prática, este estudo parte de um método que “em vez de tentar apreender toda a *gestalt* da ‘aldeia’ organizacional, (...) parecem cada vez mais orientados para seguir a pessoa (...) ou uma prática organizacional específica (...) ou um objeto ou ‘fato’” (YBEMA et al., 2009, p. 5). Os procedimentos metodológicos envolvem observações e interações conversacionais com graus variados de participação e a percepção proativa do pesquisador no campo. Um relato concreto de observações e experiências participativas no campo é, então, elaborado, com o objetivo de revelar realidades sociais ocultas, expondo o emaranhado da cultura. Para a descrição da prática, a unidade de análise de sistemas de atividade é utilizada.

Esse movimento de *zoom in*, contudo, não é capaz de compreender a relação da prática com seu contexto mais amplo, sendo então necessário um segundo movimento: o *zoom out* na direção do sistema no qual essa prática se desenvolve, permitindo elaborar descrições mais amplas da prática em análise. Assim, apesar de seu foco no praticante, é possível relacionar o cotidiano com configurações institucionais e históricas mais amplas. Ao descrever os sistemas de atividade de diferentes comunidades, é possível identificar particularidades na prática de acordo com as características de cada prática em relação ao processo organizativo existente.

Apreende-se portanto, que o *zoom in* e *zoom out* expressam a formação das práticas, as quais são rodeadas e indissociadas de outras variadas práticas. Conforme Gherardi (2021), as práticas são apoiadas por outras, daí a ideia de uma textura de práticas, pois estão interconectadas. O pressuposto que consiste em torno da textura de práticas reflete ao pensamento de que uma simples prática não pode ser vista como algo individual, mas como uma prática social, que é ancorada por outras práticas mesmo distantes.

Portanto, nessa pesquisa, a coleta de dados para a descrição dos sistemas de atividade (ENGESTRÖM, 2001) da prática organizativa das HUC foram realizadas por meio de observação participante, com o uso de diários de campo nas comunidades selecionadas do PHUC; e entrevistas interativas com os hortelões e coordenadores de hortas. Com essas técnicas buscou-se compreender e identificar

as atividades que se inter-relacionam na prática organizativa nas hortas urbanas comunitárias através de histórias orais, nas quais os sujeitos relatam experiências e eventos de suas próprias perspectivas; narrativas pessoais, nas quais os integrantes apresentam análises pessoais sobre uma experiência ou evento; e entrevistas temáticas nas quais os indivíduos discorrem sobre questões processos ou assuntos específicos (ADAM; JONES; ELLIS, 2015). Esses contatos se dão no dia a dia a partir de “conversas espontâneas em encontros situados” (SPINK, 2008, p. 72). Essas interações foram, então, registradas no diário de campo e/ou gravadas para análise posterior.

É necessário pontuar que os indivíduos participantes do estudo tinha conhecimento desde o início de como ocorreria a etapa de coleta de dados, cujo consentimento está registrado em áudio durante um diálogo com os membros da HUC Prado Velho e Rio Bonito e também há um termo assinado sobre a aceitação da realização e participação na pesquisa. Ou seja, as devidas formalizações em papel e assinaturas foram tomadas antes da entrada no campo (CRESWELL, 2018).

No que se refere a análise dos dados, eles foram realizados a partir da análise das narrativas. Levando em consideração que as narrativas são mecanismos que evidenciam entendimento de fenômenos e estão em expressivo crescimento, assim também está o uso da análise narrativa (FELDMAN; ALMQUIST, 2012).

Segundo Shuman (2012, p. 125), “a narrativa é um recurso cultural para negociar o significado por meio das relações em contextos culturais, históricos e sociais locais”. Ou seja, as narrativas possuem sentidos e significados que permitem transformar ou conceber um juízo a respeito de situações traumáticas que modificam o curso da vida cotidiana (MOUTINHO; CONTI, 2016; SHUMAN, 2012).

Narrativas são explicações causais que se dão entre aspectos que constituem o mundo do indivíduo (CZARNIAWSKA, 2004), permitindo uma análise narrativa interativa. Essa análise compreende que a interação entre pesquisador e participantes é um processo de troca do papel, centrado ao redor da experiências real do contador, que demanda atenção ao registro e análise de características para linguísticas (RIESSMAN, 2005).

É relevante destacar ainda que a análise de narrativas apoia-se em cinco pontos fundamentais correspondentes à estrutura da narrativa, de acordo com Pentland (1999):

1. Estrutura temporal: A narrativa deve incluir um começo, meio e fim claros, com eventos cronologicamente conectados.
2. Atores-focais: Narrativas sempre são sobre alguém ou algo; junto com a sequência da estrutura temporal, os atores fornecem um fio que liga os eventos em uma narrativa.
3. Voz narrativa: Uma narrativa é algo que alguém conta e que reflete um ponto de vista específico. Neste sentido, múltiplas perspectivas diferentes dos mesmos eventos são possíveis, indicando as interpretações apresentadas em narrativas são sempre singulares.
4. Senso de contexto moral: As narrativas são carregadas de significado e valor cultural porque codificam padrões sobre as ações dos atores focais. Narrativas incorporam um senso do que é certo e errado, apropriado ou inapropriado.
5. Outros indicadores de conteúdo e contexto: Narrativas contêm uma variedade de elementos que indicam tempo, espaço, características dos atores, características do contexto, dentre outros. Esses elementos são essenciais para uma interpretação mais complexa dos eventos.

Em face dos apontamentos expressos sobre a análise de narrativas, realizou-se a análise dos dados fundamentado na perspectiva de Pentland (1999), levando em consideração as características evidenciadas pelo autor para a categorização dos dados e posterior interpretação. Utilizou-se essa maneira de análise principalmente para a análise das entrevistas interativas construídas no campo, por meio de um roteiro semiestruturado, e conduzidas de maneira a constituírem uma conversação em que os sujeitos pudessem criar as suas narrativas a partir do tema, dos objetivos e das questões de pesquisa da presente dissertação.

Desse modo, em concordância com as ponderações teóricas explicitadas no tocante a análise de narrativas, buscou-se direcionar a análise dos dados coletados. Primeiramente, decidiu-se por escutar todas as narrativas interativas e fazer uma descrição resumida de cada uma delas, destacando já as partes de transcrição literal necessários, de acordo com os objetivos de estudo. Não foi realizada a transcrição integral literal de cada uma das narrativas porque se pressupõe que, ao realizar a transcrição, perde-se muito da entonação e da expressão do sujeito, fundamentais para a análise das narrativas. Destarte, criou-se um *script* resumido da

descrição e voltou-se à narrativa gravada diversas vezes para se fazer a análise dos dados.

De poder do *script* resumido das entrevistas realizou-se uma análise de cada narrativa, individualmente, de acordo com as premissas das narrativas desenvolvidas por Pentland (1999) e com os objetivos do estudo. A partir desse momento, de acordo com cada objetivo específico do estudo, realizou-se a transcrição literal das partes que respondiam àqueles objetivos, para serem empregados na descrição e análise dos dados do estudo.

Posteriormente, todo esse material individual foi analisado em termos organizacionais, por caso, constituindo a análise do caso da HUC Prado Velho e a análise do caso da HUC Rio Bonito. Depois, de posse das duas análises, teceu-se um panorama comparativo dos dois casos para extrair daí a compreensão da prática organizativa das Hortas Urbanas Comunitárias.

Ressalta-se que a análise dos dados foi sendo realizada também ao passo em que os dados foram sendo coletados, pois após cada entrevista interativa o pesquisador desenvolvia seu diário de campo pontuando questões específicas da entrevista e também discutindo o que haviam coletado. Assim, ao final da pesquisa uma série de considerações analíticas já haviam sido desenvolvidas, as quais contribuíram para a construção da descrição e análise dos dados formalizada neste trabalho.

3.3 VALIDAÇÃO DA PESQUISA

O pesquisador desempenha função importante na validade interna, posto que as observações em profundidade oportunizam revelar pontos fundamentais, os quais não são alcançados por técnicas pré-estabelecidas, a exemplo questionários (RICHARDSON, 2017). Ademais, técnicas de coleta e métodos de análise qualitativos auxiliam para aproximação do investigador com objeto de pesquisa, com o objetivo não controlar ou de manipular, mas para compreensão de manifestações do fenômeno.

A validade de uma pesquisa qualitativa abrange a averiguação de precisão dos dados pelo pesquisador através de determinados procedimentos (CRESWELL,

2010). Assim sendo, neste estudo ela foi atingida conseguindo dados por meio de maneiras diferentes, originando a triangulação de dados. Isto é, a realização da observação participante junto das entrevistas concederam, por exemplo, que fossem confrontadas essas informações de origem distinta na construção da essência do fenômeno observado.

O emprego de diversas maneiras de coleta proporciona a triangulação de dados, certificando a confiabilidade da pesquisa (MARTINS; THEÓPHILO, 2009). A confiabilidade compreende a pesquisa ser realizada por meio de técnicas aceitas e utilizadas por outros investigadores (CRESWELL, 2010), pois possibilitam uma maior compreensão sobre o estudo e melhor análise sobre a pesquisa. É preciso que sejam seguidos padrões sérios de descrição, abrangendo uma descrição densa e rica do fenômeno, assim como dos procedimentos metodológicos aplicados, procedimentos testados e aceitos pela comunidade acadêmica (CRESWELL, 2010). Assim, por meio dos procedimentos de análise dos sistemas de atividade e dos processos organizativos foi possível comparar as informações obtidas através das diferentes maneiras de coleta, triangulando e compondo as características relevantes do objeto de estudo em questão e sua consequente análise e discussão.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

4.1 PERÍODO DE ABRANGÊNCIA E OPERACIONALIZAÇÃO DA COLETA

Considera-se que o primeiro contato do pesquisador com o campo aconteceu em fevereiro de 2021, na ocasião em que Rafael Machado – um dos meus colegas de pós-graduação e “irmão de orientação” – me falou sobre o campo de estudo que ele estava trabalhando. Nesse dia, a pesquisa ainda era incerta quanto ao tema de fato, somente uma possibilidade entre pesquisador, orientadora e os membros das Hortas Urbanas Comunitárias. Após esse dia o pesquisador passou a procurar por mais detalhes sobre as HUC, principalmente nas publicações online, vídeos elaborados pelos membros do projeto e, também, em matérias onde as hortas eram retratadas.

No dia 13 de março de 2021 aconteceu a primeira visita à HUC Rio Bonito, juntamente com o Rafael Machado. O coordenador da horta, Moretti, foi quem recebeu os pesquisadores. Nessa primeira reunião foi exposto em linhas gerais o escopo e cronograma da pesquisa, incluindo a observação participante a ser feita, bem como as motivações diante do estudo. Moretti também explicou as proposições e o escopo da HUC. Esse encontro permitiu que acontecesse o acordo formal entre os pesquisadores e a HUC sobre a pesquisa pretendida. O mesmo aconteceu com a HUC Prado Velho. Com o consentimento de todas as partes, o início do trabalho de campo foi agendado para agosto de 2021, entretanto, sempre que possível os pesquisadores estavam nas HUC acompanhando os trabalhos para compreender melhor tais funcionamentos.

Assim, posteriormente, passados alguns meses e também a aprovação do projeto de dissertação pela banca avaliadora, o pesquisador começou a observação participante. Salvo algumas exceções, daí em diante a observação aconteceu às segundas, terças e sábados durante os meses de agosto, setembro, outubro e novembro, das 8:00 às 12:00 horas.

Algumas mudanças aconteceram e foram importantes para o conhecimento de outras facetas do grupo estudado. Ou seja, à medida que novas fontes de observação surgiam e que outras ficavam conhecidas, o pesquisador alterava sua

rotina de observação, buscando o maior conhecimento sobre a HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito e pôde, concomitantemente à coleta, executar a transcrição de trabalho de campo, análises prévias, estudos teóricos, entre outras etapas da pesquisa durante os dias e horários em que a coleta não acontecia.

O trabalho de campo continuou até o final do mês de outubro, totalizando três meses de coleta intensiva, além dos estudos e contatos prévios sobre a Casa da Videira, que se iniciaram em março de 2021, totalizando assim, quase um ano de pesquisa sobre as referidas HUC.

Desde o início a coleta de dados pautada na observação participante foi apoiada por registros fotográficos, escritas do diário de campo, entrevistas e registros em áudio de momentos de interação e diálogos entre componentes das HUC, deles com o pesquisador e também deles com membros externos ou componentes da prática diária. Incluído na observação participante estava o princípio de que pesquisadores e participantes da pesquisa eram como coanalistas imersos no campo, ou seja, são ambos construtores desse trabalho de análise. Assim, foi feito um esforço do pesquisador durante a observação para desempenhar todas as funções possíveis com um membro do grupo, tentando acessar as particularidades do dia-dia do objeto de estudo.

Os registros fotográficos foram feitos nas semanas de coleta. Eles serviram, além de registro do ambiente das HUC, como uma forma de situar o pesquisador acerca do que ele havia observado e como uma forma de lembrar, especialmente o que lhe havia saltado aos olhos nos encontros. Nelas estão registradas paisagens, pessoas no seu labor, entre outras. O diário de campo era um apoio usado durante a rotina de observação e também com anotações a posteriori. A observação participante foi guiada e beneficiada pelas riquezas de detalhes do diário.

Os registros de áudio também tiveram uma representatividade grande, pois os diálogos entre os membros das HUC e as falas deles com o pesquisador, muitas vezes aconteciam em momentos não propícios a anotações, como durante a realização de trabalhos, por exemplo. Assim as gravações permitiram que o pesquisador prestasse bastante atenção nos diálogos durante a ação, possibilitando-o ao mesmo tempo, exercer os trabalhos que lhe eram designados no dia-dia, uma vez que a gravação registrava as falas na íntegra e poderia ser acessada posteriormente. Sendo assim, as entrevistas interativas aconteceram no dia-dia da pesquisa. Trata-se de registros de diálogos que surgiam mediante os

conhecimentos já adquiridos pelo pesquisador sobre o grupo, relacionados com a busca de outros entendimentos junto dos membros das HUC, durante os trabalhos diários ou eventos do grupo.

Durante a realização das entrevistas contou-se com o auxílio de gravação em áudio dos diálogos e também de anotações no diário de campo. Somados, gravações em áudio e escritas do caderno de campo contribuíram para o registro sistematizado dessa parte da coleta.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMAS DE ATIVIDADE HUMANA DAS HUC

As descrições subsequentes, apresentam-se baseadas no estudo do sistema de atividade identificado nas hortas do Prado Velho e Rio Bonito, onde são desenvolvidas atividades de agricultura urbana desempenhadas pelos membros das respectivas hortas urbanas comunitárias.

A escolha das HUC baseou-se na disponibilidade do coordenador em apresentar a horta e a comunidade para a pesquisa, e, no intuito de buscar uma variedade de hortas comunitárias analisadas, foram escolhidas hortas comunitárias em diferentes tamanhos, diferentes coordenadores e com diferentes períodos de existência.

Assim, nos itens subsequentes serão descritos esses sistemas de atividade identificados e também analisadas as mediações histórico-cultural que permeiam cada um dos sistemas de atividade. Isso faz com que seja possível se alcançar o objetivo proposto no primeiro objetivo específico:

- Identificar e descrever junto aos praticantes os sistemas de atividade significativo às hortas urbanas comunitárias por meio de suas narrativas;

4.2.1 Sistema de atividade: Agricultura urbana comunitária da HUC Prado Velho

A HUC Prado Velho, descrita por ser um conjunto de atividades inter-relacionadas (plantio, cultivo, manutenção, gestão e distribuição dos alimentos produzidos) voltadas para a produção de hortaliças, exercida por dezoito hortelões, que trabalham por um objeto e por regras que foram se estabelecendo ao longo do período. Esse sistema de atividade foi estudado principalmente por meio de encontros na horta comunitária com seus membros. A descrição desse sistema de atividade partiu dessa premissa, buscando suas particularidades dentro de cada artefato mediador, como: objeto; sujeito; regras; comunidade; ferramentas e signos; divisão de trabalho e resultado.

4.2.1.1 HUC Prado Velho: Objeto

O principal objetivo pretendido com a criação da horta urbana comunitária do Prado Velho é proporcionar melhoria na qualidade e variedade da alimentação diária das famílias carentes pertencentes à comunidade da região da Paróquia São João Batista. Uma das coordenadoras da horta, Inês Burrato, narra a seguir o contexto histórico e o objeto da HUC Prado Velho.

Há muitos anos, a gente faz um trabalho aqui, acho que uns 15 anos, a gente faz um trabalho com cestas básicas e atendimento social com as famílias carentes da Vila Torres, 99% da nossa clientela é da Vila Torres. Então, pertence a região da paróquia e nós, como paroquianas, aqui dentro, a gente começou esse trabalho. Aí, assim, a gente começou a fazer visitas para as famílias para conhecer qual a necessidade que elas tinham [...]. Então, nós fizemos um cadastro e fomos fazer visita para conhecer *in loco* como viviam, o que realmente precisavam e, às vezes, elas diziam uma coisa, mas, daí, você chega lá e você vê que o melhor não é aquilo que ela está pensando, é uma outra coisa para melhorar a vida deles, às vezes, é aquilo mesmo. E aí, comecei a perceber [...] que eles comiam muito mal, né? Então, assim, você chegava na casa da pessoa, o que ela estava fazendo aquele dia? Feijão com o “toicinho”, com *bacon*. [...] Ganhava os “restos” nos mercados, aqueles pedaços de *bacon* lá e fritava e comia aquilo. [Perguntava] qual problema de saúde que você tem? [Respondiam] tenho colesterol, tenho problema de coração, tenho diabetes, eu tenho isso, eu tenho aquilo. Daí eu vim aqui [na paróquia] e falei: [...] Gente, mas esse povo...tudo bem a maioria mora em cima de “pedra”, né?! Mas uma verdura, ela é saudável, vamos fazer uma horta e ensinar esse povo plantar, não é?!

[...] Aí, conversando com uma amiga daqui da paróquia, eu disse: Olha, eu estou preocupada, nós damos, aqui, arroz, feijão, óleo, macarrão, leite, mas ela [a pessoa carente] chega lá [em casa], ela não tem uma salada, ela não tem um legume [...] não sabe nem comer, eu acho. [...] Nós podíamos incrementar isso! Daí, ela disse: Mas o que você “pensa”? Eu falei: O meu sonho, e eu já tenho um terreno, é fazer uma horta, nós vamos trabalhar todo mundo junto nessa horta (Inês Burrato, coordenadora).

Com isso, percebe-se, claramente, que a Associação Santa Luísa de Marillac começou a visualizar que as famílias carentes da região se alimentavam somente daqueles produtos doados, não tendo em suas refeições diárias produtos como hortaliças (legumes e verduras) para garantir uma variedade nutricional mínima, e por consequência, ter uma alimentação saudável.

Além de garantir alimentação saudável para as famílias carentes, a horta da Associação Santa Luísa de Marillac traz outro objeto para alguns dos agricultores urbanos da HUC do Prado Velho. A horta, também, conecta histórias e resgata memórias afetivas, muito importantes para a maioria dos participantes que é idoso. Segundo a professora aposentada Maria Mazon Buratto, 80 anos, a ida diária ao local é uma verdadeira terapia. "A gente conversa, mexe com a terra e ainda sai daqui com hortaliças para nosso almoço ou jantar", afirma ela. A dona de casa Inês Munado, 71 anos, é companheira frequente de Maria Mazon no dia a dia da horta. Segundo ela, o trabalho na horta da Associação Santa Luísa de Marillac é uma viagem ao passado. "Eu resgato minhas memórias de infância e juventude, quando morava em Videira (SC) e Cascavel, no interior do Paraná. Quando coloco as mãos na terra eu me vejo lá atrás, no sítio, e isso me deixa feliz", explica.

4.2.1.2 HUC Prado Velho: Sujeitos

Poder-se-iam ser considerados como sujeitos dessa atividade todos os membros que fazem parte da horta, no entanto, restringiu-se a análise a um número de quatro hortelões, por considerar que esses indivíduos atuam com mais intensidade nessa atividade.

Assim, a primeira horteloa descrito é a Inês Burrato. Ela desempenha o papel de coordenadora da HUC Prado Velho. Foi dela a ideia de buscar um terreno

baldio nas redondezas da comunidade para fundar uma horta comunitária com o objetivo de promover alimentação saudável às famílias carentes.

[...] Daí, ela [a amiga] disse: Aonde? Eu falei: Vamos lá, já! E eu fui! Então tinham dois terrenos maravilhosos [...], é um terreno que está aberto ali, tal. [...] Aí, fomos nós duas lá. Chegamos lá e fomos conversar com a vizinhança e a vizinhança disse: Olha, só esse mês já mataram três [pessoas] aí nesse terreno [...], porque o terreno é aberto e fica aí um “fumódromo” e eles matam aí. Aí, eu falei: Então “tá” bom. Achei o telefone do dono [do terreno]. Esse dono, ele vive no exterior [...], eu levei quase um ano para conseguir falar com o homem um dia e o homem estava na Inglaterra. Ele [o dono do terreno] disse: Olha, eu penso em vender esse terreno ou quem sabe construir, mas eu vou pensar no seu caso. Eu falei: Moço, a gente faz um contrato para a gente não tomar o terreno de você, só que nós não podemos pagar nada [de aluguel]. Ele falou: Vou pensar e dou a resposta para senhora. Eu esperei mais de seis meses e ele não me deu resposta. Aí, liguei para minha amiga, essa que eu dividi a ideia [...]. Eu falei: Esse terreno não vai dar certo, mas eu já tenho outro terreno. Ela disse: Aonde? Eu falei: O terreno que fica do lado da tua casa. Ela disse: Pois eu sei quem é o dono. Eu falei: Sério? – E fechamos, foi aquele ali! [...]. Isso já faz uns sete anos [...].

Eu falei: Nossa, Senhora! Mas nós não temos dinheiro, como é que nós vamos limpar esse terreno e como é que nós vamos saber se o solo é bom para plantar? Sabe de uma coisa, vamos ligar para a prefeitura. Quem sabe a prefeitura nos ajuda. Ligamos para a prefeitura e com a graça de Deus nós caímos na mão da Fabiana que é a responsável pela parte de alimentação [...]. Aí, marcou já uma reunião e veio o Mário, que é o agrônomo, ela veio [a Fabiana], veio mais não sei quem, veio uns “trocentos” da prefeitura. E a gente falou: Nós queremos saber se vocês nos ajudam?! Aí, a prefeitura como é órgão público você sabe?! Não é para amanhã, é para daqui 10 anos. [...] Eu falei: Eu não vou ficar esperando a prefeitura, nós vamos “toca”. [...] Toda terça-feira a gente se reunia aqui com umas 45, 50 mulheres [...], aí eu falei: O negócio é o seguinte, nós vamos trabalhar lá na horta e vocês vão. [Algum indivíduo falou:] Á, mas eu não gosto de mexer com a terra! Eu falei: Você não gosta de mexer com a terra, você vai lá para “catar caco”, resto de tijolo. [Algum outro indivíduo falou:] Mas eu não sei plantar nada! Eu falei: Vai aprender lá, também! Eu também não sei, eu nunca peguei numa enxada, mas nós vamos aprender juntos. E aí, fomos. Nós não tínhamos uma pá, nós não tínhamos uma enxada, nós não tínhamos nada. [...] Assim, fizemos alguns mutirões de entrega de cesta [básica], lá. O que a gente fez: eles iam pegar cesta, mas, primeiro, todo mundo ajuda. [...] A velha tem 90 anos?! Não tem importância, ela pega um vaso, vai lá, põe as “pedrinhas” dentro do vasinho e joga dentro do “negócio”. Então, a gente “juntou” [fez] muita coisa assim [...]. A gente foi quase um ano sem a prefeitura [...] A gente colhia mais verdura do que hoje se quer saber (Inês Burrato, coordenadora).

Na narrativa apresentada acima, é possível identificar as ações desenvolvidas para o implementação da horta. Primeiramente, dona Inês buscou visualizar os potenciais terrenos disponível na região. No primeiro terreno pretendido ela não obteve êxito, pois o dono não retornou com uma resposta autorizando o uso do terreno. Após uma nova busca por terreno baldio, conseguiram arrumar outro para o início da HUC. Posteriormente, após conseguir um terreno, ela buscou o

apoio da prefeitura para começar os trabalhos na horta, pois ninguém possuía muito conhecimento relacionado as atividades necessárias para manter uma horta. Para realizar tais ações, foi necessário a utilização da comunicação (celular) para entrar em contato com o dono do terreno, bem como com a prefeitura.

Desde a sua fundação, dona Inês é a principal responsável por realizar a gestão administrativa da horta. Ela é responsável por manter a relação com a prefeitura, ou seja, cadastrar os hortelões, receber e distribuir as mudas, adubo e ferramentas. Além disso, ela coordena as atividades internas da horta, comandando a sistema de plantação, cultivo, colheita e distribuição realizado na horta. Isso fica evidente na narrativa abaixo sobre a prática organizativa no início da horta e que é realizado até os dias atuais.

No começo, eles [prefeitura] traziam mudas e eles pensavam na nossa horta como era as outras hortas, aquela coisa assim: Você, família, vai lá “pega” dois canteiros e vocês fazem o que vocês querem e eu, família, vou lá “pego” mais dois canteiros e eu faço o que eu quero. Daí, o que que aconteceu... quando a gente foi fazer a nossa, eu “peguei” duas mulheres nossas daqui [...] e eu disse: Olha, eu vou deixar esses dois canteiros aqui, nós vamos virar a terra, e vocês vão plantar o que vocês querem. A gente dá as mudas. O que que aconteceu com os dois canteiros?! Não saiu daquelas primeiras mudinhas de couve que eu “passei”. Elas iam lá toda semana e sabe onde elas queriam estar?! Onde eu estava, onde o outro estava, onde a gente estava fazendo outras coisas. Falei: Esse sistema não vai funcionar. Então, o que que eu vou fazer?! Eu vou administrar, eu digo o que plantar e eu digo o que elas vão fazer. Menino, e o “troço vai de vento em poupa” (Inês Burrato, coordenadora).

Regina Maria é a substituta imediata quanto há necessidade de a horta ser conduzida por outra pessoa na ausência da dona Inês. Além disso, ela é a presidente da Associação Santa Luísa de Marilac, sendo assim, Regina é oficialmente responsável pelas ações da associação, seja a própria horta comunitária ou em outras obras sociais. No que tange a horta, ela se considera como o “braço direito” da Inês e trabalham juntas na organização das atividades no intuito de manter a HUC viva e prosperando.

Eu sou a presidente da Associação Santa Luísa de Marilac e estou trabalhando na horta desde o início com a Inês. A Inês [Burrato] é a principal responsável pela gestão da horta, mas, às vezes, quando ela não pode comparecer na horta, eu assumo as responsabilidades que ela normalmente desempenha. Ela me considera o “braço direito”. Nós temos uma amizade muito grande. Então, estamos sempre conversando sobre o que precisa ser feito na horta e conseguimos conciliar tudo (Regina Maria, horteloa).

Outra horteloa dessa atividade é Inês Munaro. Ela pode ser considerada o “braço esquerdo” da Inês Burrato. A senhora auxilia no plantio e distribuição das hortaliças para os moradores da região. Além disso, é uma das pessoas mais assíduas no dia a dia da horta comunitária, desenvolvendo os trabalhos rotineiros necessários. A Figura 5 mostra dona Inês colhendo hortaliças para realizar a distribuição.

FIGURA 5 – DONA INÊS MUNARO COLHENDO VERDURAS



FONTE: O Autor (2021)

A última horteloa descrita nessa atividade é Maria Mazon – mãe da dona Inês Burrato – principal responsável por regar a plantação, ou seja, todo o dia dona Maria desloca-se até a horta para desempenhar tal operação. Como a HUC do Prado Velho não é grande, eles possuem uma mangueira comprida que consegue molhar toda a horta. Ademais, ela também é responsável por colher e distribuir as hortaliças nos dias pré-determinados.

Como eu já sou muito idosa, tenho 80 anos, eu não faço o plantio das hortaliças, pois não consigo ficar muito abaixada, senão minhas costas doem e eu não posso. Então, minhas principais atividades, que eu faço, aqui, na horta são molhar as hortaliças, pois se não molhar, pelo menos duas vezes na semana, as plantas não “vão para frente” e eu também realizo a colheita das hortaliças e coloco no saco para entregar para as famílias carentes da comunidade (Maria Mazon, horteloa).

4.2.1.3 HUC Prado Velho: Regras

Dentre as regras, algumas são explícitas e outras implícitas (ENGESTRÖM; SANNINO, 2018). Entre as regras explícitas está o dia de plantação e/ou manutenção da HUC e de distribuição das hortaliças para as famílias carentes, ambas as ações ocorrem na segunda-feira, no período matutino (08:00 às 11:30).

Elas [horteloas] vem trabalhar na segunda-feira, elas trabalham e, daí, no final, elas já levavam a sua sacola [com as hortaliças distribuídas] e nós fazemos um lanche, lá! “Um senhor lanchão, meu filho”.
[...] Daí, assim, de repente, eu tenho dezoito famílias para levar [o produto para a casa], mas só deu nove chuchu. Eu vou priorizar aquelas que - porque tem umas que não faltam nunca, tem algumas que são mais doentes. Daí, eu priorizo por essas necessidades (Inês Burrato, coordenadora).

Entretanto, com a pandemia da Covid-19, a regra de funcionamento da HUC precisou ser modificada em razão dos protocolos de segurança adotados. A primeira medida tomada foi a suspensão e proibição da entrada dos agricultores na horta, ficando o acesso liberado para somente um número restrito de pessoas.

O que que a gente fez...a gente ficou apavorado porque é tudo velho, né. Aí não sai vacina, não sabe as coisas, esses velhos não podem se juntar e nós somos mulheres muito carentes, a gente tem que se abraçar, a gente tem que estar “pegando”, a gente deitada no ombro uma da outra, elas vêm chorar para a gente, a gente conta a história da vida da gente para elas. Então, nós somos muito afetivas e elas gostam muito da gente, tanto que tem umas que vem de braços abertos e se joga em você. O que que nós fizemos? Não dá para nos juntar, primeiro, porque temos que cuidar delas. Segundo, temos que cuidar de nós. Se elas vierem, elas vão se aproximar e nós vamos nos aproximar e, aí, o risco é muito grande, não dá. Minha mãe é uma que tem 80 anos e tem gente mais velha, tem uma de 92 [anos] que vai lá.

Aí, o que que eu falei: Não, então, nós vamos começar a só entregar na segunda-feira – como nós vamos entregar, nós não podemos trabalhar. Então, nós entregamos na segunda e na terça nós viemos trabalhar. Quem vem na segunda e terça? Eu, minha mãe [dona Maria] e a Cida, vizinha. Quando aperta muito, que, às vezes, acontecia de vir [...] a prefeitura com aquela enxurrada de muda, então você tem que “tocar” [plantar]. Daí, é só um dia para plantar, as vezes não dá. Daí, a gente chamava uma que é, também, jovem, a Aline que agora ela foi embora para São Paulo e a Diva. Então, daí, eu ligo para elas e digo: Escuta, tem como você “dar um mão” lá para mim? Mas você vai ficar longe de mim e eu vou ficar longe de você. Então, eu chamei [elas] umas 2 ou 3 vezes, só. E, no mais, nós três que “tocamos” (Inês Burrato, coordenadora).

Além disso, outra regra bem clara é a organização do espaço comunitário utilizado por mais de 18 famílias, uma vez que este é cedido gentilmente pelo

proprietário do terreno – que exige como contrapartida do grupo, a manutenção e limpeza do local.

Elas [horteloas] chegam lá e dizem assim: O que que eu faço hoje? Eu digo: Vocês, hoje, vão...pega aqueles canteiros lá e tiram o mato, pega aquele escanteio e “chega” [colocar] a terra na plantinha [...]. Então, a gente foi ensinado, apesar de que algumas até hoje não aprenderam, tá. Mas não tem problema, a gente ensina cada vez. Ó, tem que limpar o “carreiro”, o mato está cheio, aqui, no meio do “carreiro”. Tem algumas situações que depois que elas vão embora a gente vai lá e replanta planta porque elas se “perdem”, né?! E, funciona. [...] Na administração, sou eu que determino (Inês Burrato, coordenadora).

No relato acima, evidencia-se uma deliberação de uma regra explícita e, por consequência uma alteração da prática organizativa. No início da implantação da horta, cada família era designada a ser responsável pelo plantio e cultivo das hortaliças no seu próprio canteiro. Entretanto, dona Inês percebeu que os canteiros estavam ficando abandonados e sem cuidados, tornando, assim, o processo de produção falho. Com isso, ela resolveu mudar o processo. Os canteiros passaram a ser coletivos, ou seja, todos os membros são responsáveis por todos os canteiros. Para isso funcionar, dona Inês reúne os agricultores e informa quais funções devem ser realizadas naquele determinado dia para que seja cumprida as atividades necessárias. Mas ela reitera que as pessoas possuem a liberdade de escolher qual atividade irão executar dentre as mencionadas por ela.

Outra regra existente, porém de forma implícita, é o respeito e harmonia entre os hortelões. Por serem pessoas idosas, a convivência, no geral, é de harmonia e respeito. Entretanto, dona Inês relata que já ocorreram alguns desentendimentos, mas sempre conseguiu contornar a situação da melhor maneira possível.

Eu sou muito moderadora. Sou brava, mas sou muito moderadora, isso é uma característica minha. Um dia, uma questão, lá, uma pegou o cabo de vassoura para “moer” na cabeça da outra. Por quê? Porque uma foi lá e plantou [uma planta], a outra para se vingar, porque achou que não [estava certo], foi lá e arrancou o “troço”. Criança, coisa de criança...foi uma “confusão do peru”. Quando eu cheguei, fiquei sabendo da história. Eu escutei de uma e escutei de outra. No primeiro encontro que estava todo mundo, nós “moemos”, aí a Regina também foi. Nós pegamos [falamos]: Isso não pode ser feito, nós temos que conviver em paz, aqui é para todo mundo, aqui não é meu, não é seu, não é dele, é nosso. É aqui que nós vamos aprender, aqui que nós temos que conviver, a diferença faz parte da nossa vida.

Conversa! Chama “neguinha”. “Neguinha”, vem cá. Que história é essa? Escuta aqui, por que você fez isso? Isso, não se faz, está errado. Isso, não é de um ser humano. Isso, não é de uma mãe. Isso, não é de uma mulher. Que exemplo você está dando?! Você tem que ter humildade. Ela errou

assim de fazer com você, mas você também não podia fazer com ela. Depois, chama a outra...e assim nós funcionamos.

Por exemplo, um dia, uma mulher, aqui, disse para mim que eu ia - ficou tão brava comigo - e falou, para mim, que eu ia para o inferno. Mas muito bravo. Mandou tomar naquele lugar. Eu encontrei ela depois e disse para ela: A senhora vai voltar para lá, porque eu gosto da senhora. A senhora falou besteira para mim, não devia ter falado. [...] A senhora vai voltar porque eu lhe amo, eu gosto da senhora e a senhora faz falta lá. A senhora só falou ***** [palavrão] aquele dia, a senhora vai voltar. Conclusão, ela voltou. E, cada vez que ela vinha, eu sempre abracei, beijei ela e eu dizia: “Fulana”, vem aqui que eu quero lhe dar isso aqui. Então, eu sou uma pessoa que eu agrego muito. Então, ninguém vai embora [sair da horta] por minha causa...por questões assim. Eu consigo administrar numa boa, tá. Não tem caso que foi [sair da horta] e não voltou.

Tem umas historinhas assim – mas elas não falam para mim, eu fico sabendo depois. “Ã, porque ela deu mais chuchu para aquela, lá”. Eu fico sabendo, aí eu digo: Escute, volta aqui, vem cá. Você sabe por que ela ganhou dois chuchu e você só ganhou um? Quantas pessoas tem na tua casa? [A pessoa responde]: Quatro. Quantos tem na casa dela? [A pessoa responde]: Oito. Então, vou dar dois para ela. Pronto. [...] Nós temos que ter uma didática na questão, né (Inês Burrato, coordenadora).

4.2.1.4 HUC Prado Velho: Comunidade

A comunidade envolve, por exemplo, todos os membros que fazem parte da horta comunitária, em torno de dezoito famílias. Conforme narra, dona Inês: “[...] Ali, elas são dezoito mulheres. São dezoito mulheres, cada uma com sua família. Dá mais de cem pessoas. Daí, elas levam alimentos para casa para mais de cem pessoas”. Além disso, a horta é disponível e aberta para novos participantes dispostos a ajudar e contribuir com o trabalho na HUC, não existe “fila de espera” para quem deseja participar.

[...] A gente “abre” para todo mundo. Até a comunidade. Tem gente da comunidade que vai lá trabalhar. Tem uma mulher que tem um dinheiro “lascado”, filho. Mas ela gosta. Ela disse: Olha, eu já tenho horta na minha casa, mas eu quero vir aqui para aprender com vocês. Então, ela vai lá, nem café ela toma (o café organizado na horta). Você sabe que ela só tem carro importado, a cada feriado viajam para o exterior, tem uma mansão, ali, que é um negócio de outro mundo e ela é um coração [enorme]. Até tem nos ajudado, assim, numa série de coisas. Então, ela vai lá e fala: Mas eu posso vir aqui? [A gente responde]: Claro que pode, você vem aqui ajudar. Vai arrancar mato, vai plantar. Isso serve para isso. Isso eu não sei, você pesquisa? Ela é boa, sabe. Acho que foi professora da federal. Então, ela pesquisa e na outra semana ela traz. Então, assim, quem quiser chegar lá [participar da horta], vai ficar, sabe (Regina Maria, horteloa).

Nem todos comparecem em todos os encontros, mas estão sempre em contato uns com os outros, seja nos encontros realizados na HUC ou até mesmo por

relacionamentos de amizade entre os membros que tem mais afinidade. Essa relação entre as famílias vai além quando um dos membros pede algum tipo de ajuda para outro membro ou algum conhecido que não é comum ao grupo da comunidade, por exemplo. A partir daí, a HUC Prado Velho também se expande.

Há também uma comunidade histórica, se é que assim pode ser chamada, que foi constituída durante a existência da HUC e da Associação Santa Luísa de Marillac, ligada à Paróquia São João Batista. São pessoas que fizeram parte da associação como fiéis, como pessoas necessitadas assistidas por alguma ação do grupo ou ainda alguma instituição que tenha por vezes se relacionado com eles. Assim, entre um diálogo ou outro são mencionados e lembrados. Alguns desses relacionamentos chegam até a ser reatados algumas vezes. Como os casos relatados abaixo.

Uma delas [agricultoras], que está desde o começo conosco, um dia chegou perto [e falou]: Eu quero falar com a senhora, mas sozinha porque eu tenho vergonha. Fomos para o profundo lá e sentamos. Eu pensei: Meu Deus, o que será que aconteceu com a dona Ana – ela é uma senhora bem de idade. Ela veio me pedir, [falando] que ela tem uma filha casada, que a filha não fez primeira comunhão, que a filha não se casou na igreja, o sonho dela é que ela [a filha] “se case”, que as netas já são mocinhas e não foram batizadas. E [queria saber] como é que ela fazia isso. “Cê”, entendeu?! Então, assim, uma preocupação muito grande com uma parte espiritual porque ela é muito fervorosa na fé. Eu falei: Está resolvido seu problema. Eu preparo as suas netas para serem batizadas, preparo sua filha para a primeira eucaristia, para o casamento. Porque como eu estou na igreja, eu faço todo esse trabalho aqui dentro. Eu tenho autorização e ainda sou formada como agente de pastoral familiar, pela arquidiocese. Então, a gente agrega tudo, entendeu. Já fizemos casamento comunitário. [...] A maioria delas são evangélicas. Então, a gente também não interfere. Aqui, nós somos abertas ao ser humano. Nosso trabalho pela paróquia é aberto ao ser humano. Não é para o católico, não é para o evangélico, não é para o espírita. Aqui, é uma igreja católica “aberta” (Inês Burrato, coordenadora).

Nós fazemos todo um trabalho, assim. Emprego. [Alguém fala]: Aí, meu filho está desempregado tem dois anos, tem dois filhos. [Ela responde]: Tá bom, eu tenho teu telefone e eu já vou ver. O que nós arrumamos de emprego, aí. Às vezes, dez horas da noite eu recebo um negócio lá e mando para “fulaninho”, sabe. Então, já vai para o emprego. [...] Nós ajudamos em tudo. Tinha um senhor, ali. Eu não sei quantas vezes nós fomos para ver a questão da aposentadoria dele. Então, ia lá no parque social. Uma outra [agricultora]...ela tem uma filha que ela tem déficit. Ela tem déficit atenção [...]. Fomos com essa mãe atrás do Ministério Público, casa de repouso para tirar ela da rua. [...] Então, tudo pela horta, por nós, por este grupo, entendeu (Maria Mazon, horteloa).

Os membros argumentam o benefício que as ações do grupo proporcionaram às famílias e hoje fazem questão de manter o relacionamento com a horta e de espalhar as notícias sobre as suas conquistas.

Será abordado no item “resultado” dessa atividade alguns projetos que foram desenvolvidos por membros da associação. Mas aqui vale dizer antecipadamente que muitos desses projetos executados acabam por aumentar a comunidade que se relaciona com o grupo. Um exemplo disso é o movimento de construção/reforma de casas de famílias carentes. Eles começaram a promover diálogos com outras pessoas e instituições como, por exemplo, empresários, lojas e comércios da região. Assim, à medida que a dona Inês amplia seus relacionamentos pessoais, o grupo também os amplia, consequentemente. Existe uma afirmação do grupo que diz que se o problema de um é problema de todos, assim também acontece com os relacionamentos criados diante de projetos, na medida em que há envolvimento de todo o grupo com a causa promovida por algum membro.

4.2.1.5 HUC Prado Velho: Ferramentas e Signos

As principais ferramentas identificadas na HUC são as necessárias para o cumprimento do objetivo da atividade de agricultura urbana comunitária. Ou seja, as mudas das hortaliças a cada mês e o adubo entregues pela prefeitura a cada seis meses. É necessário ressaltar que a entrega das mudas somente uma vez por mês não é suficiente para a manutenção do fluxo constante de cultivo na horta. Sendo assim, dona Inês relata que a associação compra de forma independente nos viveiros da região as mudas necessárias para complementar o plantio na horta. Além disso, ela informa que a compra se faz necessária pois a prefeitura encaminha poucas variedades de hortaliças. Portanto, comprando mudas de forma independente, o grupo consegue plantar e cultivar variados tipos de verduras e legumes.

A prefeitura nos traz muda, mas ela não traz, assim, diversidade [de mudas]. Agora na pandemia, ele está trazendo a cada 3 meses. Aí, isso não é suficiente para atender. E, mesmo antes [da pandemia] não dava. Porque assim, ela vinha todo mês, mas o que que ela traz? Alface de dois, três tipos de qualidade, cebolinha, couve, brócolis, jiló e couve-flor. Aí eu quero [para a horta] alho poró. Daí, eu quero outras coisas assim. [...] De tempo em tempo, a gente, eu ou a Regina, vai ali [no viveiro], uma vez a gente foi no Ceasa também. Aí, a gente vai lá e compra 500, 600 mudas e nós não perdemos nada. Nós plantamos tudo ali [na horta]. Beterraba, cenoura...que a prefeitura quase não traz. Nós tocamos independente. E a gente diz isso para prefeitura. Nós não dependemos da prefeitura. Ela nos ajuda aqui.

“Nos” ajudou, inclusive, desde o começo, porém nós caminhamos sozinhos (Inês Burrato, coordenadora).

Ademais, podemos pontuar os materiais do trabalho diário da atividade (como enxadas, regadores, luvas, botas, material “pvc” para fazer os canteiros, e algumas outras coisas) são considerados ferramentas da atividade. Outra ferramenta importante, é a edícula construída pelo grupo para guardar os utensílios mencionados. Inês conta que antes da construção da edícula, as ferramentas ficavam guardadas em um canto da horta, mas não possuía proteção contra o sol ou chuva.

[As ferramentas são] todas nossas. No começo que a gente não tinha, elas [as agricultoras] traziam “pázinha de pedreiro”. Era com “pázinha”. Faziam um buraco com “pázinha de pedreiro”. Mas aí, depois que nós ganhamos esse prêmio, esse prêmio foi a glória. Aí, nós compramos aquelas coisas [material pvc] para fazer divisória, nós fomos melhorando, né. E depois a prefeitura veio e deu também, né. Então, daí melhorou. Tanto que a gente tem uma enxada para cada uma, tinha, porque o ladrão entrou [na horta] e roubou tudo. Aí, a gente tinha uma enxada para cada, um tacho para cada, um “negocinho” para cada uma e a gente intercalava (Inês Munaro, horteloa).

O diálogo entre todos os membros do grupo e também com as pessoas e estabelecimentos parceiros também é uma ferramenta fundamental, pois possibilita que sejam criados relacionamentos considerados fundamentais pelo grupo. “Elas [as agricultoras] querem conversar, entendeu. Elas chegam e querem contar que ficou doente, que não sei quem está fazendo isso ou aquilo. Elas querem contar e contar. Então, elas conversam muito conosco”, segundo dona Regina.

A comunicação entre os membros conta com a facilidade que a maioria deles são vizinhos. No entanto, o telefone, por meio do *Whatsapp*, é uma ferramenta muito utilizada entre eles, inclusive no contato com hortelões e voluntários. As vezes e-mail e *Facebook* também corroboram na comunicação interna.

Os signos são compostos por reuniões diferentes das convencionais, simbolizando uma informalidade que predomina o ambiente. A única coisa parecida é que decisões são tomadas, mas elas acontecem em ambientes inusitados, durante momentos de lazer ou ainda durante um trabalho muito pouco relacionado com o assunto da reunião, sem interromper o trabalho para que a reunião aconteça.

O café da manhã que ocorre principalmente antes das atividades diárias de plantação e cultivo também pode ser considerado como um signo por caracterizar o

convívio, mas ao mesmo tempo uma ferramenta que estimula interação entre os membros.

Nós fazemos um lanche, lá! “Um senhor lanchão”, meu filho. Tinha dia que tinha três, quatro tipos de pratos, achocolatado. Daí, sempre alguém trazia alguma coisa e nós, aqui, sempre dávamos o lanche. [...] A gente se reunia, aqui, com umas 45, 50 mulheres para fazer os trabalhos manuais. É tudo “velharada”. Algumas é só para conversar mesmo, “bater papo”, contar fofoca, piada, essas coisas. E elas vêm, ficam duas horas e depois nós fazemos um “lanchão” para todo mundo. Comemos tudo junto [...] e elas vão para casa (Regina Maria, horteloa).

Os problemas representam outro signo ao grupo, pois são vistos por eles como ferramentas que ajudam a associação a superar as contingências vividas no dia a dia. Um exemplo disso é quando acontece algum furto de materiais por indivíduos de fora da comunidade. Para resolver essas questões a associação se reúne e compra novos materiais.

E existe, inclusive, um respeito [no bairro/comunidade] pela nossa horta. [...] Só uma vez que entraram para roubar nossas abóbora. Daí, eu “catei um cara”, de rua, é de rua. Falei: Meu filho, vem cá. Seguinte, você viu quem roubou ali, porque eu vou “matar” quem roubou. Eu quero que você descubra para mim e ver aqui me contar. [A pessoa respondeu]: Pode deixar que eu cuido. Nunca mais ninguém entrou na hora. E era com tapume, aí nós arrumamos bonitinho e colocamos cerca. Daí, agora entram de novo, mas agora roubaram todas as nossas ferramentas, botijão [de gás], essas coisas todas, o carrinho. Chamei ele [o morador de rua] de novo. [Falei]: Você vai descobrir para mim. Ele andou a vila [o bairro] inteirinha. Então, o que que a gente deduz, quem roubou não vendeu aqui. Porque aqui ninguém descobriu, a vila inteira ficou sabendo e todo mundo ficou em cima. Então, eles devem ter ido vender, a gente deduz que foi lá no Parolin [outro bairro]. Porque lá, a gente não vai. E ele disse, estou cuidando da sua horta. [...] Então, os próprios de rua [moradores de rua], eles cuidam para nós da horta. A comunidade respeita nossa horta. E a gente vai fazendo amizade, né. Eles acabam conhecendo a gente. Eles respeitam a gente. Eles chamam a gente de “irmã” (Inês Burrato, coordenadora).

4.2.1.6 HUC Prado Velho: Divisão do Trabalho

A descrição da divisão de trabalho se pautou, segundo Engeström e Sannino (2018), de forma horizontal, por meio da análise da divisão de tarefas e de forma vertical, por meio da busca por evidências de poder e status no sistema de atividade da HUC Prado Velho.

Horizontalmente, notou-se que há, na maior parte do tempo, uma divisão livre do trabalho e baseada na disponibilidade de cada um, ou seja, baseada no fato de que cada um faz o que quiser levando em consideração as atividades necessárias para a organização da horta. A cobrança que pode acontecer é alguém chamar atenção de maneira geral a todo grupo pedindo ajuda na execução das tarefas. No entanto, não é possível afirmar que essa seja uma divisão igualitária de trabalho e obrigações a todos os membros, uma vez que são sempre os mesmos que acabam trabalhando e ajudando mais nas tarefas cotidianas da horta.

Quando assim, por exemplo, quando eu vou viajar [...]. Segunda e terça eu não fui. A Regina foi, a Regina e a [Inês] Munaro foram. Como elas não estão lá toda semana, elas só vão quando eu preciso. Elas também ficam sabendo direito o que que faz e também, assim, se eu [Inês] fiz isso aqui e elas acham que é melhor do outro jeito. Mas elas não mexem porque elas [pensam]: Não sei o que que a Inês queria fazer aqui. Então, assim, elas sustentam, né. Segunda-feira, a minha mãe [dona Maria] entregou todas as verduras, sozinha. Na terça-feira, ontem, foram as duas, lá. [...].

Uma outra segunda-feira que eu e a mãe estávamos viajando, foram as duas [Regina e Inês Munaro] atender, sabe. Daí, eu digo, quando vocês vão lá, vocês são donas. Vocês façam o que vocês “acharem”, da melhor forma que vocês “acharem” – porque não adianta eu querer ensinar para elas quando elas não estão lá direto – e vocês atendam as mulheres e pronto. Elas atendem. Está tudo certo, porque é nosso. Até porque a Regina é presidente da associação (Inês Burrato, coordenadora).

As tarefas incluem, por exemplo, preparação e arrumação do café da manhã, dos insumos da horta, entre outros. Mas há também a divisão de tarefa específica que se destina, por exemplo, à atividade de plantio, cultivo, manutenção, colheita, gestão e distribuição dos alimentos produzidos. No entanto, mesmo havendo divisão, elas não acontecem por obrigatoriedade, mas sim por disponibilidade e capacidade.

Cada um no seu limite. Nós temos duas senhoras bem de idade, elas têm marca-passo [no coração]. Então, elas vão lá. Só que a função delas...eu não deixo elas se abaixarem, pegarem a enxada, essas coisas, nada. Qual é a função delas? É ir debaixo do “chuchuzeiro” lá. [...] Elas tiram todas as folhinhas secas, “ponha” [coloca] os ramos por cima, entrelaçam e colhe quando chuchu está bom. Elas apanham e colocam dentro do balde e eu vou lá e busco para fazer a distribuição (Regina Maria, horteloa).

Assim, de repente, ela [agricultura] vai lá [na horta] aquele dia, ela não quer trabalhar, mas ela só quer conversar. E ela vai ficar só conversando. E ela diz: Eu vim hoje, só quero conversar. Para você ter uma ideia, tem uma delas que tem 84 [anos]. Ela é doida para arrumar um namorado. Então, assim, ela chega lá e ela diz: Hoje, eu não quero trabalhar. Você não vai arrumar um namorado pra mim? Eu falo: Eu vou arrumar um velho bonito, cheiroso, rico. [...] Aí ela senta lá, ela conta piada e a gente dá risada. [...] Aí está hora do café, [eu falo]: dona Maria das Dores, arruma a mesa para nós,

aí. Xícara para todo mundo, veja quantas pessoas. [...] Então, assim, elas fazem como elas querem, né. Mas eu sempre cutuco [para as agricultoras trabalharem/ajudarem], mas se elas não têm vontade de trabalhar, elas não vão trabalhar aquele dia (Maria Mazon, horteloa).

Verticalmente, há uma divisão que parece acompanhar conhecimento e experiência sobre o grupo e em relação ao objeto da atividade. Destaca-se, entre todos, o papel de Inês Burrato, que é a pessoa do grupo que melhor responde a esses requisitos. Ela desempenha o papel de coordenadora da HUC Prado Velho. Foi dela a ideia de buscar um terreno baldio nas redondezas da comunidade para fundar uma horta comunitária com o objetivo de promover alimentação saudável às famílias carentes.

Primeiramente, dona Inês buscou visualizar os potenciais terrenos disponíveis na região. No primeiro terreno pretendido ela não obteve êxito, pois o dono não retornou com uma resposta autorizando o uso do terreno. Após uma nova busca por terreno baldio, conseguiram arrumar outro para o início da HUC. Posteriormente, após conseguir um terreno, ela buscou o apoio da prefeitura para começar os trabalhos na horta, pois ninguém possuía muito conhecimento relacionado às atividades necessárias para manter uma horta. Para realizar tais ações, foi necessário a utilização da comunicação (celular) para entrar em contato com o dono do terreno, bem como com a prefeitura.

Desde a sua fundação, dona Inês é a principal responsável por realizar a gestão administrativa da horta. Ela é responsável por manter a relação com a prefeitura, ou seja, cadastrar os hortelões, receber e distribuir as mudas, adubo e ferramentas. Além disso, ela coordena as atividades internas da horta, comandando o sistema de plantação, cultivo, colheita e distribuição realizado na horta. Isso fica evidente na narrativa abaixo sobre a prática organizativa no início da horta e que é realizado até os dias atuais.

Regina Maria é a substituta imediata quanto há necessidade de a horta ser conduzida por outra pessoa na ausência da dona Inês. Além disso, ela é a presidente da Associação Santa Luísa de Marilac, sendo assim, Regina é oficialmente responsável pelas ações da associação, seja a própria horta comunitária ou em outras obras sociais. No que tange a horta, ela se considera como o “braço direito” da Inês e trabalham juntas na organização das atividades no intuito de manter a HUC viva e prosperando.

Outra horteloa dessa atividade é Inês Munaro. Ela pode ser considerada o “braço esquerdo” da Inês Burrato. A senhora auxilia no plantio e distribuição das hortaliças para os moradores da região. Além disso, é uma das pessoas mais assíduas no dia a dia da horta comunitária, desenvolvendo os trabalhos rotineiros necessários.

A última horteloa descrita nessa atividade é Maria Mazon – mãe da dona Inês Burrato – principal responsável por regar a plantação, ou seja, todo o dia dona Maria desloca-se até a horta para desempenhar tal operação. Como a HUC do Prado Velho não é grande, eles possuem uma mangueira comprida que consegue molhar toda a horta. Ademais, ela também é responsável por colher e distribuir as hortaliças nos dias pré-determinados.

4.2.1.7 HUC Prado Velho: Resultado

O principal resultado alcançado dessa atividade foi a melhoria na qualidade da alimentação das famílias carentes da comunidade, pois, por meio da HUC, as famílias recebem semanalmente, de maneira gratuita, cesta com hortaliças de diversas variedades para compor a alimentação diária do seu núcleo familiar de forma saudável e nutritiva. "Como tenho problema de saúde, não estou plantando agora, mas venho sempre pegar minha sacola com verduras para mim e meu neto que vive comigo. Essa sacola é uma benção de Deus", conta Maitêz, 69 anos, uma das moradoras da Vila Torres beneficiada com o trabalho desenvolvido na HUC do Prado Velho. A Figura 6 demonstra dona Maitêz na horta recebendo as hortaliças destinadas as famílias carentes.

Ademais, a convivência do hortelões proporciona outro resultado. Tal resultado é visto na troca de experiências dos membros, sejam experiências sobre a horta, como o modo de cultivo e preparo dos produtos ou experiências de vida, como questões pessoais em que os membros compartilham e se apoiam, ou seja, existe uma interação por parte dos membros da horta.

FIGURA 6 – DONA MAITÊZ RECEBENDO HORTALIÇAS



FONTE: O autor (2021)

Por exemplo, ao proporcionar o plantio e o cultivo, as horteloas passaram a aprender, por meio da troca de experiência entre os membros, como realizar o preparo das hortaliças, pois até então, como as participantes não possuíam esses determinados produtos na alimentação diária de suas famílias, elas desconheciam diferentes modos de prepará-los.

[A gente pergunta]: O que você vai levar para comer hoje? [A pessoa responde]: Alface. [A gente fala]: Mas você só come alface? Porque não leva o “peixinho” [A pessoa pergunta]: Mas como é que faz o “peixinho”? [A gente fala]: “Peixinho” é uma planta *planc* (planta alimentícia não convencional), é do mato. Olha, você faz assim, limpa ela, lava bem, passa no ovo, passa no negócio [farinha] e frita. Fica [tipo] um peixinho. Já comeu lambarizinho? É um lambari. Por isso se chama peixinho.

[...] Você vai ensinando. [A pessoa pergunta]: Isso aqui é cebolinha? [A gente fala]: Não, não é cebolinha. Isso aí é alho poró. Isso faz o efeito do alho, você faz uma quiche, você faz uma torta, você pode pôr na carne, no molho. Você põe na sopa. Você põe na salada, pica bem miudinho. Isso aqui é uma beleza para o organismo, para isso e para isso. [A pessoa fala]: Me dá um pé [de alho poró] para experimentar. Quando chega na outra semana, [a pessoa fala]: A senhora tem mais? Me dá mais um pé, porque eu gostei do alho poró. [...] Pronto, aí elas já tiram foto, mandam para você, olha o que estou fazendo hoje na minha casa, o que eu fiz aqui.

[...] Aí, mas isso é muito ardido, o almeirão. [...] Não precisa fazer assim que fica ardido, que você acha ardido. Você corta miudinho e refogue. Dar uma refogada, ele tira esse [ardido]. Põe um limãozinho por cima e dar uma refogada. Faz um bem para o fígado, para o pâncreas. Nós, velhos, precisamos disso. [...] Hoje elas comem de tudo o que se planta na hora (Ines Burrato, coordenadora).

Além disso, outro resultado obtido foi a divulgação da atividade que aconteceu tanto por meio de veículos de comunicação como televisões e jornais, por meio de publicações de manuais sobre a atividade, como também por pesquisas acadêmicas. Ou seja, foi possível disseminar o conhecimento gerado pela atividade. Inês argumenta ainda algo que ela considera como uma grandeza da atividade: “vira e mexe aparece alguém querendo fazer entrevistas e matérias sobre a nossa horta”, referindo-se às diferentes formas de mídia que já quiseram fazer matérias sobre a atividade HUC Prado Velho.

A partir da divulgação das ações da horta comunitária surge a inspiração, fato importante para Inês e para os outros membros, pois muitas pessoas ao serem informadas sobre o que é feito na horta e pelas ações do grupo, se inspiram e desenvolvem atividades parecidas. Os membros argumentam ainda que as atividades são feitas de maneira simples, sem tecnologias caras e difíceis de serem executadas, esperando justamente que as pessoas pensem que elas possam executar projetos melhor que eles, em atividades com esse enfoque na valorização dos seres humanos.

Outro projeto também é resultado dessa atividade, como a venda de hortaliças para pessoas de fora da comunidade que possuem condições de pagar pelos produtos. Segundo Inês, nunca foi intuito do grupo realizar a venda de hortaliças, entretanto, as pessoas começaram a perguntar se a horta realizava a venda deles, pois elas estavam interessadas em adquirir. Com isso, o grupo passou a realizar vendas esporádicas com o objetivo de usar o dinheiro arrecadado na compra de mudas, adubo, ferramentas, pagar a conta de água, entre outros.

A gente “pede” assim para a comunidade [pessoas de fora da horta], [quando eles falam]: Aí, mas eu queria comprar um pé de alface. Então, se eu vejo que cada uma delas [as agricultoras] pode levar alface e vai sobrar alface [...] daí nós vendemos. É orgânico, porque ali não tem um produto químico, nada. Ali só tem casca de ovo, pó de café e casca de banana. Nós não temos outro produto, lá. Então, daí, nós vendemos. Vem gente do Jardim Social comprar, ali. Vem gente do Jardim Botânico. Então, eles já chegam no finalzinho de todo o trabalho (Regina Maria, horteloa).

[O dinheiro da venda é revertido] para pagar água. Porque nós temos, nós colocamos água solidária. Então, o que que a água solidária, não é o preço que nós pagamos normal. É uma taxa pequena. Mas nós também cuidamos para não gastar [muito]. Nós fizemos a captação da edícula para água. Então, a gente também tem esse cuidado todo e ensinar elas também a fazerem. [...] Então, todo o dinheiro que entra ali é revertido para a própria e pagar esse custo também (Maria Mazon, horteloa).

Essa venda de produtos conecta-se a um resultado que ainda é buscado pela atividade que é ser economicamente sustentável. Na visão dos membros, para provar que a HUC Prado Velho atingiu seus objetivos só falta isso. Pois, atualmente, o projeto ainda caminha, principalmente, com o auxílio de doações da prefeitura, de amigos, conhecidos, parceiros e da Paróquia São João Batista.

A festa junina realizada na Paróquia São João Batista foi um exemplo do resultado obtido pela atividade. Nela foi fomentado um relacionamento dos sujeitos da atividade, junto de outras pessoas da comunidade que permeiam a atividade, como vizinhos, amigos pessoais ou outros contatos profissionais. Todo o dinheiro obtido com a realização da festa junina foi revertido para as ações do grupo. Assim, a festa junina foi o exemplo de um relacionamento expandido entre os sujeitos e a comunidade relacionada à HUC Prado Velho, fomentando diretamente os objetivos da atividade.

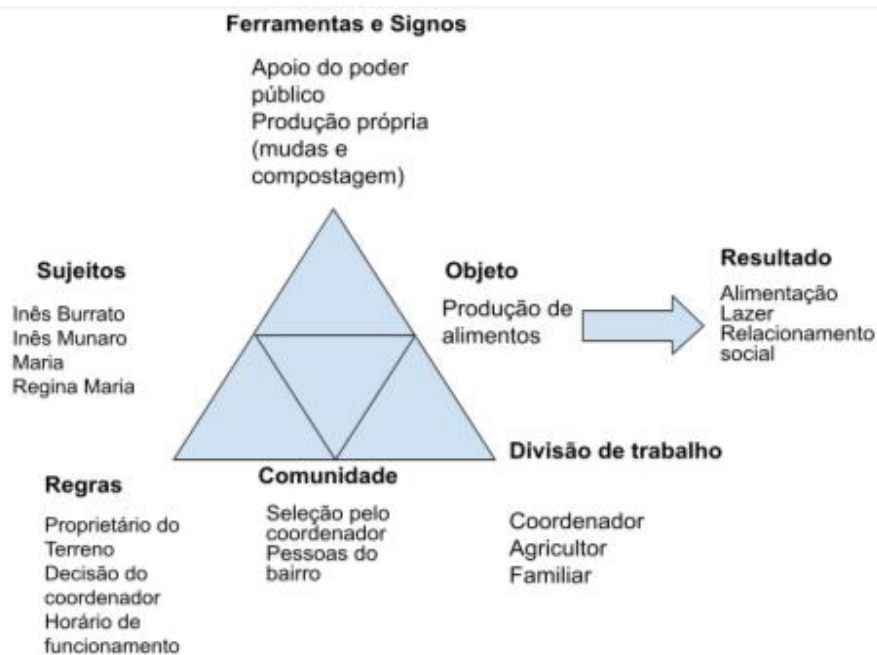
Dessa atividade, resultaram-se alguns planos para o futuro. O principal é a expansão da horta comunitária. Há aproximadamente dois anos, o grupo conseguiu outro terreno sem uso no bairro para expandir a produção da horta. Nesse segundo terreno o grupo está desenvolvendo o plantio e cultivo de alimentos maiores e que seu processo de cultivo é mais demorado, como mandioca/aipim, abóbora, milho, entre outros. Além disso, o grupo está com a intenção de conseguir um terceiro terreno para realizar o plantio e cultivo de plantas frutíferas, como carambola, abacate, limão, manga, entre outros. Inês justifica a necessidade de possuir três hortas ao afirmar que quando plantou todos esses tipos de produtos (hortaliças, verduras e frutas) em uma única horta, o processo de cultivo não funcionou, pois o espaço da horta é reduzido. Ela afirma também que ao conseguir produzir todos esses produtos em diferentes locais, a oferta de variedade dos produtos para serem entregues as famílias aumentarão consideravelmente, melhorando ainda mais a qualidade nutricional das famílias atendidas.

Veja, tem produtos que ele ocupa muito espaço e nós temos pouco espaço. Então, ali nós tínhamos plantado tudo aquilo que tem ali, mais abóbora, mais mandioca, batata doce...não dá [o espaço], meu filho. Daí, eu falei para Regina, escuta nós temos de aumentar o “troço”, não funciona. E abóbora, aquilo vai [crescendo] assim, ó. [...] Não dá certo. [...] Eu pensei, não, lá naquela [na horta principal] nós vamos plantar essas coisas assim, alface, almeirão, couve, essas coisas pequenas que é de canteiro. Nessa outra [a segunda horta] nós vamos plantar mandioca, abóbora, batata doce, milho. Que demora mais. Por exemplo, a mandioca é um ano e meio para “dar” e você não precisa aguardar. A batata doce é seis meses, um ano, mais ou menos isso, nós não precisamos estar lá toda semana. Indo, lá, uma vez

ou outra para dar uma “carpida”. Então, aí sim, agora a gente terminou, a gente plantou antes do inverno. Está tudo plantado, lá. [...] E a terra é boa. Eu tenho mais um sonho [...]. Eu já tenho o terreno que até eu já conversei uma vez, mas não voltei falar. [...] Que é plantar frutas. [...] A gente pode plantar “trocentas” frutas e daí distribuir para essas mulheres (Inês Burrato, coordenadora).

Sumariamente, a Figura 7 apresenta os itens descritos em cada um dos artefatos mediadores desse sistema de atividade da HUC Prado Velho.

FIGURA 7 – REPRESENTAÇÃO SISTEMA DE ATIVIDADE “HUC PRADO VELHO”



FONTE: O autor (2021)

4.2.2 Sistema de atividade: Agricultura urbana comunitária da HUC Rio Bonito

A HUC Rio Bonito, descrita por ser um conjunto de atividades inter-relacionadas (plantio, cultivo, manutenção, gestão e distribuição dos alimentos produzidos) voltadas para a produção de hortaliças, exercida por setenta hortelões, que trabalham por um objeto e por regras que foram se estabelecendo ao longo do período. Esse sistema de atividade foi estudado principalmente por meio de encontros na horta comunitária com seus membros. A descrição desse sistema de atividade partiu dessa premissa, buscando suas particularidades dentro de cada

artefato mediador, como: objeto; sujeito; regras; comunidade; ferramentas e signos; divisão de trabalho e resultado.

4.2.2.1 HUC Rio Bonito: Objeto

O principal objetivo pretendido com a criação da horta urbana comunitária do Rio Bonito é a produção de alimentos e, por consequência, proporcionar a obtenção de alimentos saudáveis aos membros pertencentes à comunidade da região do bairro Tatuquara. Os sujeitos abaixo narram o objeto da HUC Padro Velho.

[...] Aqui funciona assim: a sua plantação, a sua produção é livre. O propósito aqui é consumo. Mas a sobra [do cultivo], você pode doar, você pode vender, entendeu. Mas o propósito, aqui, é o consumo familiar. Aquilo que produz aqui para levar para casa. Mas fica livre escolha, entendeu. É bem poucas pessoas [que vendem], maioria faz doação mesmo. [...] E alimentação saudável, você pode ver aqui, não tem produto químico, não tem nada. Usamos esterco (adubo) orgânico (Moretti, coordenador).

[...] Aqui, só quando dá bastante que a gente não consegue comer que a gente vende um pouquinho para tirar [comprar] as mudas, né. Porque a gente compra as mudas. Porque a muda que vem da prefeitura é muito pouquinho. Daí, é muito pouquinho, a gente tem que comprar. Então, a gente vende um pouquinho para tirar [comprar mudas]. Daí, tirou as mudas, o resto a gente doa. Pega e dá para os vizinhos, filhos e amigos (Dona Maria, horteloa)

[...]Eu estou sem emprego, daí essa [horta] está me ajudando a distrair e as “verdurinhas” daqui já está ajudando também em casa, né. Moro com meu esposo, ele trabalha. Por enquanto eu estou em casa, daí, eu venho e fico cuidando aqui. [As verduras] já ajudam na alimentação. As coisas que dão aqui já não precisa comprar, né (Rita, horteloa).

Eu planto para o meu “gasto” (consumo) e para algumas pessoas que querem [verduras] também. A gente planta só para o gasto da gente, para a gente ter uma verdura e não precisar comprar. E as pessoas que querem também, a gente realiza doação (Matheus Roberto, hortelão).

4.2.2.2 HUC Rio Bonito: Sujeitos

Moretti é o principal hortelão dessa atividade, tanto por sua representatividade como coordenador da horta do Rio Bonito como também por ele

considerar o projeto da horta como atividade principal de sua vida atualmente. Ele cuida da parte financeira e de outros assuntos formais da atividade, desempenhando um papel essencial na prestação de contas e organização formal da horta. Dessa forma, Moretti desenvolve sua vida permeada pelo projeto e, por isso, ele é o mais atuante e envolvido com a horta atualmente. Ele é também o membro mais acessado por pessoas de fora que buscam parcerias, voluntariado, entre outros relacionamentos com a HUC Rio Bonito. Ele relata que o trabalho desenvolvido como coordenador nem sempre é fácil, mas tenta lidar da melhor maneira possível com os diversos interesses dos membros e, por consequência, lidar com a prática organizativa.

[...] É complicado, amigo. Porque assim, aqui, cada um tem uma ideia diferente da outra. Bom, aqui não, todos [os lugares]. É difícil você chegar em um consenso. Mas geralmente quando eu faço as reuniões, eu coloco o que a gente tem que fazer e o por quê que a gente tem que fazer. Daí, as pessoas acabam aceitando, que é a melhor ideia. Muitas vezes eu chego com uma ideia na reunião e às vezes outra pessoa tem uma ideia melhor que a minha. Então, a gente acata a ideia da outra pessoa. Então, por isso que é sempre feito reunião aqui, para discutir (Moretti, coordenador).

Paulo é outro hortelão da atividade. Ele tem 80 anos, nasceu e cresceu no interior de Mato Grosso e se mudou para o Paraná quando já era idoso. Segundo ele, foi criado na roça e diz que gosta de possuir um canteiro na horta só para “ver tudo plantado e verdinho”. Ele é um dos primeiros hortelões da HUC Rio Bonito.

[...] Entrei aqui no tempo da Iolinda (antiga coordenadora). Isso aqui era tudo capoeira (mato baixo). Era difícil ver um pé de couve no meio do mato aí. Eu estava “tocando” seis hortas e o fiscal da prefeitura falou que não podia e juntaram para tirar as pessoas daqui. Eu falei: Quero ver você me tirar. Ele [o fiscal] tem que falar comigo, entender o que estou fazendo. Não estou roubando, não estou matando, eu estou é cultivando. [O fiscal falou]: Não, Sr. Paulo. É porque não pode. Eu falei: Então é o seguinte, primeiramente, eu vou dizer para você que eu vou comprar “cabrito”, aqui está fechado mesmo, eu vou “tocar” cabrito aqui. [O fiscal falou]: Mas não pode, aqui é área de plantação. Eu falei: Então manda plantar, rapaz. Eu estou com seis hortas aqui, libera (Paulo, hortelão).

Outra horteloa da atividade é Rita. Ela tem 54 anos e está desempregada atualmente. Rita é uma das mais novas integrante da horta. Ela entrou em novembro de 2020 e cuida da horta e da roça que possuem no espaço, com rara ajuda do marido, pois ele está empregado e trabalhando durante a semana. A HUC Rio Bonito além de ajudar na distração e composição da alimentação diária da família da Rita, também resgata a infância dela. “Eu trabalhei na roça até os 18 anos. Meu pai ainda mora no sítio, minha mãe já faleceu. Então, até os 18 anos fiquei lá com ele,

eu trabalhava na roça, ajudava na roça, na plantação de feijão, milho, tudo” afirma ela.

Dona Maria é outra horteloa da atividade. Ela, assim com o Sr. Paulo, é uma dos primeiros hortelões da horta. O trabalho no seu canteiro é realizado por ela e seu esposo. Quando a produção do seu canteiro é maior que a sua demanda de consumo e doação, eles vendem o excedente para comprar novas mudas de hortaliças. Maria conta que adora ter um canteiro na horta, pois cresceu trabalhando em roça.

[...] Desde que eu nasci, eu moro roça. Morei no sítio, me criei no sítio. Meu pai tinha quinze alqueires de terra. Daí, nós plantávamos. Nós já sabemos mexer com roça, né. Por isso que a gente gosta de ficar aqui, eu falo que isso é uma terapia pra a gente. Eu saí da roça para ir para a cidade com quase 20 anos. Casei-me e continuei indo para a roça, nós trabalhávamos de “boia fria”. Pega um caminhão cedo e “some” no mundo para trabalhar. Nós colhíamos algodão, “quebrava” milho, colhia café, carpia roça. Isso era todo dia, só no sábado que não íamos [...]. Eu gostava de trabalhar na roça, eu adorava. Coisa mais “bão” que tem é trabalhar na roça. Todo mundo falava na horta. Daí, depois eu vim aqui e era tudo aberto. Nós passamos e tinha um mandiocal aqui, não sabíamos quem plantou. Tinha um mandiocal no meio do mato. E dali que surgiu a horta. Ai a dona lolinda que era não sei o que da comunidade, [as pessoas] foram e falaram com ela e daí que surgiu essa horta. Ai, cada um pegou um [pedaço/canteiro]. E nós fomos uns dos primeiros. E estamos aqui até hoje. E não é fácil entregar (deixar a horta). Só quando não aguentar mais. Quando eu disser que não aguento mais, aí, eu vou entregar, antes não. Porque é bom [ter a horta]. Você tem vontade de ter uma cebolinha, você vem pegar. Uma salsinha, você vem pegar. Outra verdura, você vem pegar. Nós nunca mais compramos verduras. Ajuda bastante. E meus vizinhos também comem, eu reparto com meus vizinhos. Porque dá dó, eles não tem onde plantar, né. Então, se eu vejo que está sobrando, vai perder mesmo, eu doou (Maria, horteloa).

Matheus Roberto representa o quinto hortelão dessa atividade. Ele tem 74 anos e é aposentado. Ele possui seu canteiro na HUC Rio Bonito há um ano e planta diversas hortaliças com a ajuda de sua esposa. Além disso, as hortaliças cultivadas são para o seu consumo próprio e para distribuição para seus parente, vizinhos e amigos.

[...] Eu morava aqui [no bairro], só que na época eu estava trabalhando e eu não tinha como [ter a horta], por causa do meu serviço, eu trabalhava no shopping. Eu trabalhava direto, de domingo a domingo, sabe. Tinha uma folga a cada cinco dias. Só que no dia da folga não dava para fazer (ter uma horta), porque a gente tem muitas coisas para fazer. Aí, depois eu me aposentei. O shopping, o setor que eu trabalhava fechou por causa da pandemia. Daí eu falei com o Moretti e ele me arrumou essa hortinha. A pessoa [que estava antes] desistiu e ele me arrumou aqui. Minha esposa me ajuda [na horta] também. A minha esposa vem ajudar a fazer muda, arrumar os canteiros, vem limpar. Ela vem junto comigo. Ela me ajuda também, sabe. [Na horta] eu venho qualquer dia da semana, porque eu sou

aposentado, não trabalho mais em firma. Trabalhei uns 40 anos, mas agora não. Durante a semana venho aqui (Matheus Roberto, hortelão).

Outra horteloa dessa atividade é Josélia. Ela tem 66 anos e possui seu canteiro para produção de alimentos há 10 anos. Ela conta que nunca tinha trabalhado com uma horta e que “a primeira vez foi, aqui, na horta. Mas eu sempre gostei de lidar com a terra, jardim”, explica ela. Ademais, dona Josélia narra que diariamente está na horta para plantar, limpar e cuidar do canteiro.

[...] Eu planto porque eu gosto. Sempre morei em apartamento. Daí, um tempo [atrás] que eu pedi para Deus assim: Aí Deus, eu queria ter uma casa com quintal. Porque eu amo isso aqui (a horta), para eu plantar cebolinha, beterraba. E eu me sinto bem. E para ter em casa, né, um “cheirinho” verde, uma couve, uma cebola, cenoura não preciso comprar, repolho. E quando eu não tenho aqui, a pessoa (hortelão) do lado que tem, me substitui (troca verduras) se a gente pedir, entende. Eu gosto mesmo, eu gosto de ficar aqui, de lidar com a terra. Em casa eu também tenho. Tem “pouquinha” coisa, mas tenho também em casa, porque às vezes não dá tempo de vir na horta pegar um “cheirinho” verde, uma cebolinha, uns pés de couve. [...] Todo dia eu dou uma “passadinha” aqui quando eu posso. Todo dia não, porque esses dias de chuva não dá para vir, né, por causa da rede [de energia]. E porque eu cuido da minha neta. Os dias que eu venho mais é sábado e domingo. Amanhã, eu venho, esse canteiro, aqui, já vou deixar pronto. Limpo com a cortadeira, já vou arrumar esse canteiro que está vazio para assim que chegar as mudas, o canteiro está pronto (Josélia, horteloa).

O último sujeito desta atividade é Claudionã. Ele é morador do bairro Tatuquara desde 2006 e possui o canteiro de horta há 13 anos. Geralmente ele cuida da horta na companhia da sua esposa. Ele narra que possui um sítio na cidade de Antonina, mas não é permitido a produção de alimentos, somente para lazer e a horta supre essa necessidade.

[...] A gente começou a dividir uma horta com uma pessoa, daí, a gente acabou gostando. Aí o Moretti...nem era o Moretti, era outra pessoa (coordenador), ela conseguiu um pedacinho para gente aqui. Nós temos um “pedaço” de terra em Antonina, mas é difícil a gente ir direto para lá, vai quando dá. Lá em Antonina não dá para mexer muito por causa da florestal (IBAMA). Não dá para você “abrir” (desmatar) e plantar. Tem muito palmito e árvore nativa, daí, a florestal “bate” (faz fiscalização) direto lá. Então, se você mexer em alguma coisa, lá, já [leva] multa. Então, é mais para lazer mesmo. Então, para plantar é aqui mesmo. Lá a Terra também não é tão boa, muito arenosa. Aqui, a gente planta para subsistência mesmo e para [dar para] o vizinho. Alguma coisa que a gente não come ou planta demais vai para os vizinhos. Às vezes, vem um pessoal querendo comprar, mas não rola (Claudionã, hortelão).

4.2.2.3 HUC Rio Bonito: Regras

Dentre as regras, algumas são explícitas e outras implícitas (ENGESTRÖM; SANNINO, 2018). No que tange as regras explícitas, a maioria delas estão relacionadas a prática organizativa da horta para que os trabalhos desenvolvam da melhor maneira possível. A principal regra é o horário de funcionamento da horta (05:00 até 17:00). Além disso, outras se referem a forma de plantio e cultivo dos alimentos, conforme destaca o coordenador Moretti.

[...] São 26 regras. Todas que você imaginar. [...] Não pode molhar a horta com mangueira, não pode lavar verdura com o cano que enche o regador, tem que ser na torneira, quando você for colher bastante verdura não é para você ficar lavando a torneira, é para você trazer um balde, só para tirar aquela terra ali, você enche meio balde e dá para você lavar dez pés de alface. Brigou, aqui [na horta], está fora. Independentemente de quem seja. Brigou, discutiu, chegou quase as vias de fato, estão as duas [pessoas] fora da horta. Manter “tudo” os canteiros limpos, cuidados. Lógico, que nem todos fazem isso, mas a gente sempre está orientando, sempre está falando que tem que fazer assim...assim, que assim não está certo. Cara, é muita regra (Moretti, coordenador).

Como a HUC Rio Bonito está instalada em um terreno onde passa a rede de energia e, por consequência, existem riscos de descarga elétrica, rompimento de cabo e risco de queda da torre, na entrada da horta está fixado uma placa com algumas regras necessárias que devem ser atendidas tais como: é proibido trabalhar na horta com chuva ou trovoadas; proibido subir nas torres; jamais tocar nos cabos condutores se estiverem no chão; proibido alterar as estruturas da cerca e, permitido somente irrigação rasteira e individual, conforme demonstra a Figura 8.

Outra regra na HUC Rio Bonito é a contribuição mensal em dinheiro para o rateio das despesas. Com isso, cada hortelão deve pagar um valor estipulado pelo coordenador (R\$2,50 a R\$5,00). “A gente paga cinco reais todo mês. Cada pessoa que tem horta ajuda com 5 reais para cooperar na energia”, conta o hortelão Matheus Roberto. O dinheiro também é usado para algumas manutenções necessárias na HUC Rio Bonito.

[...] A luz a gente paga, R\$ 5,00 reais cada pessoa, por mês. De cada pessoa ele (coordenador) cobra R\$ 5,00 reais, mas cinco reais não é nada, meia dúzia de pé de alface você paga. É que nem ele falou: Eu cobro R\$ 5,00 reais porque tem que ligar [a bomba] para puxar [a água] na caixa. Não vai tudo o dinheiro que ele pega, mas tem torneira que estraga, tem cano. Então, daí, tem aquela sobra [de dinheiro] para ele arrumar. Ajuda na

manutenção da horta. Aí o que sobra da luz, que ele paga a luz, ele faz a manutenção. Torneira estraga, ele vem, compra e troca (Maria, horteloa).

Aqui é assim, as pessoas falam que pagam a água, aqui não paga a água, aqui paga energia. A energia está no nome da associação. Então, cada pessoa paga. Aqui tem hortas (canteiros) de 130 metros e hortas (canteiros) de 75 metros. As pessoas que têm horta de 130 metros, que nós chamamos de “horta inteira” pagam R\$ 5,00 reais por mês e as pessoas que têm “meia horta” (75 metros) pagam R\$ 2,50 reais por mês para contribuição da energia. O restante [de dinheiro] que sobra, muitas pessoas até contesta esse negócio de sobra. Mas a sobra [de dinheiro] vai para [consertar] cano, para mangueira, para registro, para um cadeado que quebra. Que nem aquela cerca, ali, você pode ver que foi tudo arame novo, entendeu. Aí no final do ano, agora, a gente vai comprar tinta para pintar tudo. Vai para manutenção. E dessa parte [de todo o dinheiro], como eu venho aqui cedo e a tarde e, às vezes, até meio dia. Então, eu tiro em média de 50, 60 reais por mês para me ajudar na gasolina. (Moretti, coordenador).

FIGURA 8 – REGRAS RELACIONADA A TORRE DE ENERGIA



FONTE: O autor (2021)

Outra regra importante são as reuniões organizadas mensalmente com os hortelões para discutir pontos de interesse da HUC Rio Bonito, as reuniões são realizadas dentro da horta mesmo, geralmente no sábado, pois a participação das pessoas é maior. A Figura 9 demonstra uma reunião que ocorreu na horta para ajustar questões técnicas da horta. Em virtude da pandemia da Covid-19, as reuniões ficaram suspensas por mais de um ano, pois era necessário respeitar as regras de segurança sanitárias imposta pelos governos. Nesse período, as reuniões e comunicações pertinentes ficaram restritas ao *WhatsApp*.

FIGURA 9 – REUNIÃO NA HUC RIO BONITO



FONTE: O autor (2021)

[...] Quando não tinha a pandemia, nós fazíamos todo mês. Nós ficamos quase um ano, por causa da pandemia, sem fazer a reunião. Agora, depois que já entrou para a bandeira amarela (da prefeitura de Curitiba), nós já fizemos três reuniões, entendeu. Então, é sempre quando há necessidade de uma reunião. “Que nem” para fazer a manutenção, limpar (Moretti, coordenador).

[...]Assim, “que nem” hoje, [por exemplo]. Teve o mutirão [de limpeza], aí todo tem que vir. Ele (Moretti) anuncia, ele faz a reunião. Daí, ele pede para todo mundo comparecer. Mas, aqui, não está nem a metade da turma. Não veio. Aqui é muito grande, são 62 hortas inteira. Aí tem as roças, os “roçeiros”, mas aqui está faltando bastante gente. É mais gente, mas o povo não vem, né. (Maria, horteloa).

4.2.2.4 HUC Rio Bonito: Comunidade

A comunidade envolve todos os membros que fazem parte da horta, em torno de 70 famílias. Nem todos comparecem todos os dias na HUC Rio Bonito, mas estão sempre em contato uns com os outros, seja nos encontros na horta ou até mesmo por relacionamentos de amizade entre os membros que tem mais afinidade.

“Hoje estamos com setenta “horteiros”. Contando com mais as roças, de plantio e cultivo longo, estamos com aproximadamente 100 pessoas”, conta o coordenador Moretti.

No que se refere ao relacionamento dos hortelões dentro da comunidade, a convivência observada é de respeito e harmonia coletiva. Entretanto, em alguns momentos surgem algumas divergências na prática organizativa. Como exemplo, foi relatado que, às vezes, algum hortelão colhe/pega verduras no canteiro alheio sem autorização, mas tudo isso é contornado por meio de conversas e reuniões.

[...] Aqui tem convivência, tem amizade, tem tudo. Na época que eu peguei (assumiu a coordenação) isso aqui era um “brigreiro danado”, um brigando com o outro. Aí, eu já botei [ordem], falei: Quem discutir ou brigar está fora. Seis anos que eu estou aqui no comando, não teve nunca uma discussão, entendeu. Falei: Quando vocês virem alguma coisa errada que a pessoa fez, não vai falar com a pessoa, vem falar comigo que é para isso que eu estou aqui. Se precisar, a gente fazer uma acareação entre vocês dois, a gente faz. E se eu não resolver, eu mando para prefeitura também, que é a última instância, mandar para a prefeitura. Mas até então nunca precisou de fazer isso (Moretti, coordenador).

Às vezes, vem gente de fora e você acaba dividindo [a horta/canteiro] com outra pessoa sem querer. Assim, [ao invés da pessoa] chegar aqui [e perguntar]: Dá para você me arrumar alguma coisa, né. Então, às vezes, [a pessoa] espera a gente sair, acaba vindo [no canteiro] e pisa em cima do canteiro. Se você não souber colher uma salsinha, se você arrancar ela, tipo, puxar ela, assim, que ela quebre lá embaixo (a raiz), o pé morre inteiro. Então, a pessoa tem que saber colher. Às vezes, não sabe colher e acaba estragando (Claudionã, hortelão).

[...] A gente se dá bem, aqui. Até estava falando com o Moretti (coordenador) para final de ano fazer entre nós, aqui, um café, uma confraternização. Cada um traz uma coisa e, daí, conversa o que “passou” do ano. Porque, aqui, esse ano, teve muita tristeza, aqui, dentro. Só aqui morreram dois casais de covid, daí, morreu o senhor Lenon de derrame. Só sei dizer que só aqui, na horta, esse ano foram oito óbitos. Então, foi triste para gente (Josélia, horteloa).

Existe ainda um relacionamento de comunidade que pode ser considerado institucional. Nessa categoria se incluem principalmente a prefeitura, que dá suporte material (como mudas, adubos e palhas) e técnico (como orientação técnica de agrônomos e nutricionistas); as escolas municipais, estaduais e particulares, que sempre estão realizando visitas na HUC Rio Bonito com o objetivo de gerar e promover a importância da alimentação saudável aos estudantes; as universidades, que realizam pesquisas acadêmicas como essa de mestrado em parceria com o Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade Federal do Paraná; e algumas iniciativas comerciais particulares, que consiste em restaurantes que

concordam em comprar legumes e verduras de hortas comunitárias assistidas pela prefeitura, remunerando a comunidade responsável semanalmente. Outras iniciativas envolvem mutirões comunitários, comercialização local, montagem de cestas para revenda, por exemplo. Em geral, esses relacionamentos não seguem uma lógica tradicional de mercado.

Os últimos componentes da comunidade dessa atividade são os estabelecimentos parceiros e/ou doadores. Por exemplo, a Diocese de Curitiba se dispôs a ajudar o projeto, doando dinheiro para que fosse adquirido materiais (regadores, botas, carro de mão, entre outros) e que servisse como material essencial à atividade da HUC Rio Bonito.

4.2.2.5 Ferramentas e Signos

As principais ferramentas identificadas na HUC são as necessárias para o cumprimento do objetivo da atividade de agricultura urbana comunitária. O coordenador Moretti ressalta que “cada um tem a sua [ferramenta] e não pode ficar ferramenta na horta. Se quiser deixar, deixa, mas se levarem embora não tem que “abrir a boca” para reclamar”. Ou seja, as ferramentas devem ser adquiridas pelos próprios hortelões e é de responsabilidade de cada hortelão cuidar das suas ferramentas. Ele também conta que a HUC Rio Bonito já ganhou doação em dinheiro que foi revertido em compra de ferramentas e, posteriormente, distribuído aos membros da horta.

[...] Uma vez eu entreguei, aqui, setenta regadores, setenta botas, tudo (outras ferramentas), porque foi um projeto da Diocese de Curitiba. Foi um projeto que nós fizemos. O projeto “Seguindo em frente”. Nós fizemos o orçamento de R\$ 11 mil reais, foi aprovado, só que não veio os R\$ 11 mil reais, veio R\$ 6 mil reais. Daí, eu comprei calcário, bota, comprei regador (Moretti, coordenador).

Apesar da recomendação/proibição de deixar ferramentas na horta, o Sr. Paulo, por ser idoso, 80 anos, e morar um pouco distante da horta, construiu uma caixa de ferramentas, na própria horta, onde ele consegue colocar e guardar suas ferramentas (regador, enxada, rastelo, semeadora, pá, entre outros), conforme mostra a Figura 10. Com a observação participante, foi possível constatar que

quando o Sr. Paulo está na horta, muitos hortelões que não possuem uma determinada ferramenta necessária para realizar o trabalho no seu canteiro, vão até a caixa de ferramentas do Sr. Paulo e pegam emprestado. Sendo assim, além da caixa ser uma ferramenta importante para a atividade, ela também se tornou um signo da atividade.

FIGURA 10 – CAIXA DE FERRAMENTAS



FONTE: O autor (2021)

A outra parte das ferramentas importantes para essa atividade são entregues pela prefeitura. Ela entrega para a HUC Rio Bonito mudas e adubo periodicamente. Entretanto, a prefeitura está com a intenção de que as hortas se tornem autossuficientes. Com isso, o espaço de tempo das entregas estão cada vez maior, obrigando os hortelões a adquirirem suas próprias mudas quando acaba as mudas distribuídas pela prefeitura.

[...] Hoje em dia está acabando [a entrega de mudas e adubo]. Já fizeram um projeto que no ano passado iria vir [muda] bimestral, agora é trimestral esse ano, o ano que vem quadrimestral e, daí, vai parar de entregar muda, porque não tem mais o projeto...não foi renovado o convênio com a Eletrosul. [Adubo] vinha sempre duas vezes por ano, agora esse ano vem uma [vez], ano que vem mais uma [vez] e depois não vai vir mais também.

Aí, vai ficar por nossa conta. Eles (prefeitura) só vão ficar com a parte técnica, né. Engenheiro [agrônomo] vem aí dá uma olhada. Mas se olhar bem, o povo (os hortelões), aqui, são mais engenheiros do que os que vem aqui, tem mais conhecimento, entendeu (Moretti, coordenador).

A compreensão e o entendimento é um signo importante ao grupo. Ao entender que os membros participantes dessa atividades são pessoas socioeconomicamente desfavorecidas, o coordenador e o grupo relevam quando algum hortelão não possui o dinheiro para o pagamento (rateio) da conta de energia, mesmo sendo uma regra explícita.

[...] Tem uma regra que é assim: A pessoa não pagou três meses [seguidos] está fora da horta. Mas como que você vai tirar uma pessoa fora da horta, uma pessoa que você sabe que ela tem pouca renda, que é uma pessoa que tem problema de saúde, que é uma pessoa antiga [na horta]. Não tem como você chegar e falar que por causa de R\$ 2,50... não tem como você chegar e fazer (tirar a pessoa da horta), não vai ser legal, entendeu. As coisas têm os regulamentos, mas muito deles você tem que parar para refletir e ver como que você vai fazer (lidar), entendeu. Se eu tiro uma pessoa dessa por causa disso aí (falta de pagamento), a pessoa “dá um treco” nela, ela fica doente, ou de vergonha ou de ter perdido a horta e morre em casa. Então, eu prefiro que ela fique devendo os R\$ 2,50 e fique viva, aqui, né (Moretti, coordenador).

Outro signo importante é a forma de seleção dos novos hortelões na HUC Rio Bonito. Ao perceber que a maneira de seleção antiga, onde era formada uma fila de espera, não estava funcionando, pois na maioria das vezes a pessoa que pegava a horta não tinha conhecimento e, logo, abandonava a horta, o coordenador Moretti mudou a forma de seleção. Agora, não existe mais fila de espera e a pessoa interessada passa por um “teste” para demonstrar na prática que possui familiaridade com as tarefas da agricultura urbana, ou no mínimo, disposta a aprender.

Antigamente, era feito um cadastro [para entrar na horta], os antigos coordenadores faziam 50, 100 cadastros e, daí, essas pessoas ficavam na fila 4, 5, 10 anos. Para uma pessoa entregar a horta ela não entrega de um dia para o outro, né. É bem demorado. A pessoa, aqui, só perde a horta se ela não cuidar ou não plantar [...]. Como é muito cadastro, as pessoas ficavam ligando direto, todo dia era 7, 8, 10 ligações perguntando de roça (horta). Então, eu mudei o sistema. Agora, eu não faço mais cadastro. Apareceu a horta, sobrou uma horta, a pessoa entregou [a horta], eu deixo ela, ali, um mês, mais ou menos, até aparecer uma pessoa que queira. Aí, eu faço tipo um teste com a pessoa. Eu faço uma sabatina, pergunto se sabe plantar, se sabe cuidar, se já mexeu com horta. Eu peço para essa pessoa preparar um canteiro para eu ver se ele realmente entende. Porque teve muitas vezes que eu coloquei [pessoas na horta], as pessoas que não sabiam o que era um pé de alface e, daí, a pessoa estava na vez do cadastro, era ela. E não é bem assim, a pessoa fala que quer uma horta e acha que a horta vai produzir sozinha. Se a pessoa não tiver um conhecimento, um pouco de conhecimento ou tiver interesse de aprender é

difícil. Então, agora é assim, não tem cadastro mais, não tem fila de espera mais. Apareceu uma horta, sobrou, vem a pessoa [interessada], a gente faz um questionamento com ela, faz meio que um teste com ela. Porque isso, aqui, é muito complicado. E está funcionando [esse método], tanto que eu mostro umas hortas novas que eu passei, aí. É completamente diferente com as outras que eu passava antigamente. Que a pessoa não sabia nem fazer um canteiro, teve horta que entregamos que precisou eu e o Sebastião fazer canteiro, para mostrar para a pessoa como é que faz um canteiro. Então, daí, Deus o livre (Moretti, coordenador).

[...] Na hora que a gente desiste [da horta], a gente (hortelão) não pode passar para outra pessoa, tem que entregar [e avisar] para o coordenador, Moretti. Daí, ele vê quem que ele coloca no lugar (Josélia, horteloa).

4.2.2.6 HUC Rio Bonito: Divisão do Trabalho

Horizontalmente cada hortelão é responsável pelas tarefas do seu canteiro. “Falando a verdade, cada um faz o que quer [no seu canteiro], porque estando plantado está tudo certo”, relata o hortelão Paulo. Sendo assim, cada hortelão tem a liberdade de decidir o que vai plantar, como vai plantar, quando colher, o que fazer com a sua produção e com que frequência vai na horta, conforme relata os hortelões.

[...] Minha esposa me ajuda [na horta] também. A minha esposa vem ajudar a fazer muda, arrumar os canteiros, vem limpar. Ela vem junto comigo. Ela me ajuda também, sabe. [Na horta] eu venho qualquer dia da semana, porque eu sou aposentado, não trabalho mais em firma. Trabalhei uns 40 anos, mas agora não. Durante a semana venho aqui (Matheus Roberto, hortelão).

[...] A hora que dá certo nós estamos aqui, direto. Ontem mesmo nós estivemos aqui. Viemos carpir, tiramos os matos grandes, tirei semente e semeei, ali, já, os coentros. Nós não temos horário para vir. É de manhã cedo ou bem de tardezinha, depois da 16h, nós estamos aqui. Então, a gente sempre está aqui. Aqui cada um cuida do seu [canteiro]. Assim, “que nem” hoje, [por exemplo]. Teve o mutirão [de limpeza], aí todo tem que vir. Ele (Moretti) anuncia, ele faz a reunião. Daí, ele pede para todo mundo comparecer (Maria, horteloa).

Verticalmente há somente duas “camadas” de hierarquia nas tarefas diárias e, principalmente no entendimento do propósito, bases e valores que compõem a atividade. Moretti representa ser o líder, pessoa de maior destaque quando se imagina a estrutura vertical da HUC Rio Bonito. Ele como coordenador é responsável pela administração da prática organizativa da horta. Ou seja, ele é o elo e porta voz da relação entre a prefeitura, a horta e os hortelões, ele organiza as

reuniões e quais tarefas dever ser realizadas por todos os membros. As Figuras 11 e 12 ilustram o aviso de uma manutenção, conforme discutido e aprovado em reunião e o mutirão de limpeza e conserto da cerca da horta realizado pelos hortelões. Caminhando junto dele, mas um pouco abaixo verticalmente, estão os demais hortelões.

FIGURA 11 – AVISO DE MANUTENÇÃO



FONTE: O autor (2021)

FIGURA 12 – REALIZAÇÃO DA MANUTENÇÃO



FONTE: O autor (2021)

[...] Sempre quando há necessidade de uma reunião. “Que nem” para fazer a manutenção, limpar. As mulheres limpam tudo, aí. Você viu o tanto de lixo que deu. Parece que não tem lixo aí dentro, mas, às vezes, vem com o vento, com rodaminho. Lógico que se cada um fizesse a sua parte não iria dar três sacos de lixo, mas tem que fazer (a manutenção/limpeza). Isso até empresa é assim. Você pode ver que chega no final do ano eles fecham para fazer manutenção, limpeza de máquinas, do chão. Então, sempre tem que fazer, por mais que o “horteiro” cuide, a gente faz esse mutirão. Daí, os homens vai para o serviço pesado e as mulheres fazem a limpeza aqui dentro (Moretti, coordenador).

4.2.2.7 HUC Rio Bonito: Resultado

O resultado da atividade de agricultura urbana comunitária na HUC Rio Bonito é a produção de alimentos. Tal resultado proporciona aos hortelões e, por consequência, suas famílias alimentos de qualidade e de diversas variedades por um custo muito baixo e, em alguns casos, sem nenhum custo. Em virtude de os hortelões serem socioeconomicamente desfavorecidos, sem a produção de alimentos obtida na horta, muitas famílias da comunidade não teriam condições de adquirir esses alimentos para compor a alimentação diária.

Outro resultado observado é o relacionamento social. Em sua maioria, os membros da horta são pessoas idosas e que na infância tiveram maior contato com atividades relacionadas ao campo. Além disso, elas estão aposentadas e/ou com tempo livre no seu dia a dia. Sendo assim, essa atividade oportuniza a convivência entre os hortelões por meio da troca de experiência e conhecimento, gerando um vínculo e relacionamentos de amizade entre eles e, em virtude disso, melhorando a saúde dos membros.

[...] A horta proporciona saúde. Tem um “senhorzinho”, aqui, ele fazia fisioterapia. Quando ele me pediu a horta, ele ia três vezes por semana fazer fisioterapia no Sítio cercado. Depois que ele pegou essa horta, três meses [depois] parou com a fisioterapia, parou com tudo. Estava aqui todo dia mexendo na horta. Sarou. [...] Todo aquele problema que ele tinha no corpo acabou. E [proporciona] convivência...convivência, aqui tem amizade, tem tudo (Moretti, coordenador).

Ademais, a geração de renda através da comercialização de hortaliças por parte de alguns membros, de forma independente, da HUC Rio Bonito promove outro resultado. Paulo é um exemplo de hortelão que comercializa parte da sua produção. Todo sábado ele monta uma “carrinhola” com hortifrúteis variados (alface,

couve, salsa, coentro, cenoura, repolho, entre outros) e entrega os produtos para o dono de uma empresa de materiais para construção que fica há uns 300 metros da horta. O valor de vinte reais pela comercialização, ele utiliza para comprar novas mudas e para comprar alimentos para sua residência.

Outra forma de renda na HUC Rio Bonito foi o projeto “Horta do Chef”. A “Horta do Chef” consistia em um grupo de chefs/restaurante que compravam os hortifrúteis da horta para utilizar os produtos em seus estabelecimentos. O projeto estava ocorrendo de maneira satisfatória, pois os hortelões conseguiam renda com a sua produção e, com isso, o dinheiro ajudava bastante cada hortelão. Entretanto, com a chegada da Covid-19 e, por consequência, o fechamento dos restaurantes em virtude dos decretos da prefeitura, os *chefs* pararam que realizar a compra dos hortifrúteis da horta.

[...] Nós criamos a “Horta do Chefe”. Eram três *chefs* de restaurantes que vinham, aqui, pegar uma vez por semana. Eles vinham pegar e era cobrado. Eles faziam uma contribuição de 300 reais. Aí naquela época foi bem. Um ano foi bem. Aí, veio a pandemia. Aí, fechou os restaurantes e acabou [o projeto]. Tinha uns [hortelões] que aceitaram o projeto da horta do chefe e outros que não aceitaram. Os que não aceitaram tinha uma “plaquinha” vermelha [no canteiro]. Então, quando o chef vinha acolher e via a “plaquinha vermelha já sabia que, ali, não fazia parte do projeto (Moretti, coordenador).

Resumidamente, a Figura 13 apresenta os itens descritos em cada um dos artefatos mediadores desse sistema de atividade.

FIGURA 13 – REPRESENTAÇÃO SISTEMA DE ATIVIDADE “HUC RIO BONITO”



FONTE: O autor (2021)

4.3 ANÁLISE DA PRÁTICA ORGANIZATIVA DAS HORTAS URBANAS COMUNITÁRIAS

Esse item destina-se ao cumprimento do segundo e do terceiro objetivos específicos propostos nesse trabalho. O segundo é:

- Analisar a prática organizativa das hortas urbanas comunitárias a partir do conjunto de mediações histórico-cultural identificadas nos sistemas de atividade descritos;

Já o terceiro compreende:

- Realizar análise das especificidades e pontos em comuns da prática organizativa das hortas urbanas comunitárias estudadas.

Desse modo, esses objetivos são apresentados de forma conjunta, de maneira que a apresentação da prática organizativa das hortas seja mediada pelas discussões teóricas acerca da teoria da atividade e da racionalidade prática que guia as ações da HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito.

A horta urbana comunitária (HUC) Santa Luísa de Marillac (Prado Velho) foi criada em 2013, dentro de um terreno particular por iniciativa dos integrantes da Associação Santa Luísa de Marillac, ligada à Paróquia São João Batista em Curitiba. O proprietário cedeu espaço em comodato para a Prefeitura, que repassou para a Associação Santa Luísa de Marillac. No local de 300 metros quadrados, 18 mulheres – muitas delas moradoras da Vila Torres – plantam, cultivam e colhem cerca de 80 espécies de hortaliças. A Figura 14 mostra a visão geral da HUC do Prado Velho.

Após terem a ideia de fundar uma horta urbana comunitária para proporcionar melhoria na qualidade e variedade da alimentação diária das famílias carentes pertencentes à comunidade da região da Paróquia São João Batista, dona Inês conta como foi o início da prática organizativa.

A prefeitura veio, veio um plano do governo federal. A Fabiana [da prefeitura] disse: Vocês tem que entrar nessa. Daí trouxe o responsável, o chefe das hortas, lá. Ele veio, fez um cadastro nosso. Inclusive era um dia de chuva, a gente foi na casa da vizinha, com quem eu tive a ideia [de fundar a horta]. Aí, nós ficamos lá. O Mário veio, mais “periquito” e “papagaio” da prefeitura. [...] Nesse meio tempo, nós fizemos um cadastro num prêmio Internacional [pelas ações da associação e da horta]. Nós

ganhamos um prêmio das Américas. Nós somos o único estado do Brasil, Curitiba, que ganhou esse prêmio. Nós ganhamos em dólar. Com esse prêmio, a gente conseguiu fazer a edícula [com pia, banheiro e dispensa]. Porque, daí, assim, as velhas não tomavam água porque não tinha banheiro para fazer xixi. Daí, eu não podia pedir emprestado as casas [da vizinhança para usar o banheiro], porque a gente também não conhece as pessoas direito, né. Então, eu não podia pedir. [Antes da edícula] quando vinha chuva, a gente tinha de correr para casa [ir embora]. Fazia o lanche, mas elas não tomavam café, não tomavam suco porque não podia fazer xixi. Aí, com este prêmio que veio, a gente conseguiu construir a edícula, aí nós compramos tudo. Nós compramos carrinho, nós compramos enxada, pá. Depois que nós tínhamos feito tudo isso, que a prefeitura veio com mais pá, enxada, rastelo, bota, luva. Aí veio com tudo, mas nós já tínhamos tudo (Inês Burrato, coordenadora HUC Prado Velho).

FIGURA 14 – HUC DO PRADO VELHO



FONTE: O autor (2021)

Já a Horta Urbana Comunitária (HUC) Rio Bonito começou informalmente, em 2004, por iniciativa dos moradores do bairro Tatuquara em Curitiba. Os moradores começaram a realizaram o cultivo de hortaliças no terreno onde passa a rede de energia da Eletrosul. Somente em 2007, o proprietário cedeu espaço em comodato para a Prefeitura, que formalmente repassou para a comunidade do bairro. A Figura 15 mostra a visão geral da HUC do Prado Velho.

Aqui, era tudo mato. Quando saiu o loteamento do Rio Bonito [no bairro Tatuquara], que era grande, o pessoal começou a jogar entulho [no terreno]. Então, quatro, cinco moradores se reuniram e começaram a plantar, carpir, não era horta. Começou carpir, plantar feijão, milho, essas coisas. Como era uma terra produtiva e tudo, a associação [de moradores] chamou a prefeitura. [Eles] fizeram uma reunião com a Eletrosul e fizeram o convênio para fazer uma horta comunitária aqui, entendeu. A Eletrosul aceitou o convênio, deu as cercas, a prefeitura entrou com a parte técnica e a associação com a administração. Daí, nós temos a permissão. Então, estamos tocando, aí foi aumentando, de dez "horteiros" passou para vinte,

de vinte passou para trinta, hoje está com setenta “horteiros”. Contando com mais as roças, de plantio e cultivo longo, estamos com aproximadamente cem pessoas (Moretti, coordenador HUC Rio Bonito).

[...] Entrei aqui no tempo da Iolinda (antiga coordenadora). Isso aqui era tudo capoeira (mato baixo). Era difícil ver um pé de couve no meio do mato, aí. Eu estava “tocando” seis hortas e o fiscal da prefeitura falou que não podia e juntaram para tirar as pessoas daqui. Eu falei: Quero ver você me tirar. Ele [o fiscal] tem que falar comigo, entender o que estou fazendo. Não estou roubando, não estou matando, eu estou é cultivando. [O fiscal falou]: Não, Sr. Paulo. É porque não pode. Eu falei: Então é o seguinte, primeiramente, eu vou dizer para você que eu vou comprar “cabrito”, aqui está fechado mesmo, eu vou “tocar” cabrito aqui. [O fiscal falou]: Mas não pode, aqui é área de plantação. Eu falei: Então manda plantar, rapaz. Eu estou com seis hortas aqui, libera (Paulo, hortelão HUC Rio Bonito).

Todo mundo falava na horta. Daí, depois eu vim aqui e era tudo aberto. Nós passamos e tinha um mandiocal aqui, não sabíamos quem plantou. Tinha um mandiocal no meio do mato. E dali que surgiu a horta. Ai a dona Iolinda que era não sei o que da comunidade, [as pessoas] foram e falaram com ela e daí que surgiu essa horta. Ai, cada um pegou um [pedaço/canteiro]. E nós fomos uns dos primeiros. E estamos aqui até hoje (Maria, hortelão HUC Rio Bonito).

FIGURA 15 – HUC RIO BONITO



FONTE: O autor (2021)

Essa proposta de começar as hortas como movimento origina numa forma estratégica de colaborar na atribuição de sentido pelos praticantes as atividades de trabalho na prática organizacional, fortalecendo com a definição de que o sentido é constituído pela interpretação do indivíduo, com base nas experiências sociais,

culturais e históricas vivenciadas. Portanto, o sentido não é atribuído da mesma maneira por todos os sujeitos (VYGOTSKY, 1978; 1991).

A HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito tem como atividade central a produção de alimentos por meio de uma rede de atividades interconectadas. Esse resultado, no entanto, não está relacionado ao mesmo objeto nas duas comunidades. Enquanto há hortelões que desempenham esta atividade com o objeto de alimentar-se do que plantam, há também aqueles que o fazem com o objetivo de vender a produção e obter renda; outros, com objetivos de lazer e relacionamento social.

Toda prática organizacional possui um objeto, a sua razão de existir, o que direciona e atribui identidade a atividade de trabalho na prática. O objeto não é algo estável e temporário, mas está em constante construção (LEONTIEV, 1978; ENGESTRÖM, 2020). Ele proporciona uma concepção para possíveis ações dentro do sistema de atividade. Entretanto, os praticantes geralmente não conferem a mesma definição ao objeto.

[...] Eu resgato minhas memórias de infância e juventude, quando morava em Videira (SC) e Cascavel, no interior do Paraná. Quando coloco as mãos na terra eu me vejo lá atrás, no sítio, e isso me deixa feliz (Inês Munaro, horteloa HUC Prado Velho).

[...] Aqui, só quando dá bastante que a gente não consegue comer que a gente vende um pouquinho para tirar [comprar] as mudas, né. Porque a gente compra as mudas. Porque a muda que vem da prefeitura é muito pouquinho. Daí, é muito pouquinho, a gente tem que comprar. Então, a gente vende um pouquinho para tirar [comprar mudas]. Daí, tirou as mudas, o resto a gente doa. Pega e dá para os vizinhos, filhos e amigos (Dona Maria, horteloa HUC Rio Bonito)

[...]Eu estou sem emprego, daí essa [horta] está me ajudando a distrair e as “verdurinhas” daqui já está ajudando também em casa, né. Moro com meu esposo, ele trabalha. Por enquanto eu estou em casa, daí, eu venho e fico cuidando aqui. [As verduras] já ajudam na alimentação. As coisas que dão aqui já não precisa comprar, né (Rita, horteloa HUC Rio Bonito).

[...] Aqui funciona assim: a sua plantação, a sua produção é livre. O propósito aqui é consumo. Mas a sobra [do cultivo], você pode doar, você pode vender, entendeu. Mas o propósito, aqui, é o consumo familiar. Aquilo que produz aqui para levar para casa. Mas fica livre escolha, entendeu. É bem poucas pessoas [que vendem], maioria faz doação mesmo. [...] E alimentação saudável, você pode ver aqui, não tem produto químico, não tem nada. Usamos esterco (adubo) orgânico (Moretti, coordenador HUC Rio Bonito).

A diferença de caracterização do objeto pode ser relacionada ao processo de sentido subjetivo dado pelos praticantes a atividade. Esse processo transcorre na

vivência social culturalmente organizada, e historicamente situada, oportunizando a formação do passado e futuro como um conjunto inseparável da construção subjetiva atual (REY; MARTÍNEZ, 2017). Cada uma das hortas, com seus objetos e seu desenvolvimento histórico, estabeleceu diferentes atividades relacionadas com essa atividade central.

A atividade de produção de alimentos depende de instrumentos. Como ponto em comum, as duas comunidades dependem da cessão do terreno, uma infraestrutura tão fundamental para a prática que sequer é mencionada como um recurso necessário para o desenvolvimento das atividades pelas comunidades. A HUC Rio Bonito tem poços e, ainda que não dependa de um serviço público de água, utiliza energia elétrica para bombear água dos poços para caixas d'água e torneiras. Já a HUC Prado Velho utiliza a água do sistema público de tratamento de água e sistema de captação de água de chuva para seu uso.

[...] Água é do poço artesiano. Aí, vai [bombeada] para aquelas caixas [d'água] e das caixas vai para a torneira. Antigamente era [só] os poços, tinha uma bombinha para bombear a água, mas era muito complicado. Eram três poços, mas não “vencia” (não dava conta). Nós sofriamos. Daí, que foi sorteado, a prefeitura sorteou dois lugares (hortas) e nós ganhamos o poço artesiano, a prefeitura fez. Ai do lado daquela caixa [d'água] é o poço, aí a luz (energia) puxa [a água] e leva para a caixa e depois vem para nós (Maria, horteloa HUC Rio Bonito).

O serviço de água e energia gera uma fatura mensal a ser paga e diferentes ações para a obtenção dos recursos necessários para o pagamento dessa despesa são adotadas. Na HUC Rio Bonito é realizado o rateio da despesa entre a comunidade. O coordenador Moretti explica que “a contribuição (dinheiro) é para energia e manutenção, não tem como você fazer dinheiro em caixa”. Na HUC Prado Velho é realizado a venda de produção para a vizinhança, adoção por uma instituição ou restaurante ou bazares.

[O dinheiro é revertido] para pagar água. Porque nós temos, nós colocamos água solidária. Então, o que que é água solidária, não é o preço que nós pagamos normal. É uma taxa pequena. Mas nós também cuidamos para não gastar [muito]. Nós fizemos a captação da edícula para água. Então, a gente também tem esse cuidado todo e ensinar elas também a fazerem. [...] Então, todo o dinheiro que entra ali é revertido para a própria horta e pagar esse custo também (Inês Burrato, coordenadora HUC Prado Velho).

Os insumos para o plantio e cultivo (como mudas, adubos e palhas) também são relevantes na prática organizativa. No contexto do programa municipal, as hortas são apoiadas com uma doação desses insumos, mas em quantidade

insuficiente para o potencial de produção do terreno que ocupam. A prefeitura envia adubo para as hortas uma vez no ano e mudas para plantio bimestralmente. Entretanto, a prefeitura está cortando gradualmente a doação de insumos para que as hortas consigam obter por conta própria os produtos.

[...] Hoje em dia está acabando [a entrega de mudas e adubo]. Já fizeram um projeto que no ano passado iria vir [muda] bimestral, agora é trimestral esse ano, o ano que vem quadrimestral e, daí, vai parar de entregar muda, porque não tem mais o projeto...não foi renovado o convênio com a Eletrosul. [Adubo] vinha sempre duas vezes por ano, agora esse ano vem uma [vez], ano que vem mais uma [vez] e depois não vai vir mais também. Aí, vai ficar por nossa conta. Eles (prefeitura) só vão ficar com a parte técnica, né. Engenheiro [agrônomo] vem aí dá uma olhada. Mas se olhar bem, o povo (os hortelões), aqui, são mais engenheiros do que os que vem aqui, tem mais conhecimento, entendeu (Moretti, coordenador HUC Rio Bonito).

Então, é necessário o desempenho de uma atividade adicional para obtenção desses recursos pelos próprios agricultores. Entre as estratégias identificadas na HUC Rio Bonito estão a compra de mudas e adubos individual por parte do agricultor em aviários próximos da horta; a compra coletiva em viveiros; a compostagem de resíduos da horta ou da vizinhança; e a revenda de insumos pelo coordenador para a comunidade, conforme destaca o coordenador Moretti na narrativa abaixo.

[...] Eu vou no viveiro, encomendo [as mudas] e eu falo: Pessoal, eu fui lá [no viveiro], eu encomendei as mudas e está tanto (valor) para comprar. Aqui nos aviários está R\$ 4,00 uma dúzia de alface. Aí, eu ia lá com o carro, pegava as mudas, encomendava e trazia para eles (hortelões) e cobrava R\$ 2,00 a dúzia. Ao invés deles pagarem R\$ 4,00, pagavam R\$ 2,00. E muda bonita, [pegava a muda] na hora. Para eu tirar [um lucro], porque eu pagava a bandeja [para transportar as mudas], manutenção e gasolina do carro, então, eu cobrava R\$ 2,00 por dúzia (Moretti, coordenador HUC Rio Bonito).

Na HUC Prado Velho as estratégias utilizadas são a compra coletiva em viveiros; a doação de esterco e palhas por indústrias, chácaras ou outros empreendimentos; a compostagem de resíduos da horta ou da vizinhança. Nesse sentido, os processos relatados acima corroboram com a afirmação de Clot (2010) quando o autor argumenta que a atividade é mediada por artefatos, pessoas, símbolos e contexto ao mesmo tempo que ela é mediatizante desses elementos.

Tal experiência na obtenção de insumos evidencia a manifestação do poder de agir, capacidade de ação coletiva dos sujeitos para criação e recriação da atividade, a partir do diálogo destes com gênero profissional, estilo e gesto. A partir da reflexão da atividade que eles precisavam fazer, o plantio e cultivo, e da

realização da atividade, os hortelões criam uma nova forma de exercer a atividade, no caso a adoção de uma nova maneira para enfrentar limitações impostas pela falta e/ou não envio de insumos por parte da prefeitura.

Há ainda outros recursos importante para a atividade das hortas: ferramentas, equipamentos e instalações. Esses recursos, que dependem de um investimento de maior valor, envolvem um planejamento da comunidade – ou de sua liderança – e uma busca específica por recurso. Alternativas identificadas na prática organizativa para obter esse tipo de recurso são o rateio entre os membros da comunidade, requisição ao poder público – diretamente ao Programa de Hortas Urbanas Comunitárias (PHUC) ou por meio de emendas legislativas destinadas às hortas – e busca de patrocínios.

A capacitação dos sujeitos na prática organizativa da atividade é desenvolvida pelo poder público em treinamentos formais realizados na Fazenda Urbana Municipal. Esses treinamentos tratam de técnicas que o poder público pretende promover, como a alimentação saudável (conforme Figura 16), a compostagem e o pré-processamento de alimentos. O caso do treinamento em compostagem, no entanto, mostra a limitação desse tipo de ação, por não ter sido capaz de promover a prática em nenhuma das comunidades estudadas. Isso evidencia o real da atividade, pois abrange tudo aquilo que não foi feito, mas se planejou e se tentou fazer para realização da atividade, compreendendo as atividades impedidas, contrariadas, ocultas que surgem no decorrer da ação, uma vez que são elas que esclarecem a atividade realizada (CLOT, 2010; FRIEDRICH, 2012).

Na HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito, os sujeitos aprendem no convívio, por meio do diálogo, com os próprios sujeitos ou em iniciativas de compartilhamento da própria comunidade, normalmente realizadas informalmente. Nesse processo, a aprendizagem compreende o diálogo que propicia o reconhecimento de contradições e conflitos como fontes ao desenvolvimento para transformação da atividade de trabalho na prática (CLOT, 2010; DANIELS, 2011). Os sujeitos começam a atribuir significado e sentido subjetivo a atividade de trabalho na prática organizacional.

FIGURA 16 – TREINAMENTO SOBRE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL HUC RIO BONITO



FONTE: O autor (2021)

[...] Você vai ensinando. [A pessoa pergunta]: Isso aqui é cebolinha? [A gente fala]: Não, não é cebolinha. Isso aí é alho poró. Isso faz o efeito do alho, você faz uma quiche, você faz uma torta, você pode pôr na carne, no molho. Você põe na sopa. Você põe na salada, pica bem miudinho. Isso aqui é uma beleza para o organismo, para isso e para isso. [A pessoa fala]: Me dá um pé [de alho poró] para experimentar. Quando chega na outra semana, [a pessoa fala]: A senhora tem mais? Me dá mais um pé, porque eu gostei do alho poró. [...] Pronto, aí elas já tiram foto, mandam para você, olha o que estou fazendo hoje na minha casa, o que eu fiz aqui (Inês Burrato, coordenadora HUC Prado Velho).

Ou seja, a aprendizagem possibilita aos indivíduos atribuírem sentido e significado na atividade de trabalho, a partir diálogo. Além disso, fica demonstrado a interação dos membros das HUC que pode vir a desenvolver a manifestação de ZPD, onde o indivíduo se desenvolve pela interação social com o meio em que está inserido. A partir do compartilhamento de diferentes saberes socialmente produzidos e particularmente interpretados de forma intersubjetiva (VYGOTSKY, 1978). A Zona de Desenvolvimento Proximal com a confrontação ativa de saberes possibilita o desenvolvimento de novas capacidades, bem como a atribuição de significados e sentidos, a oportunidade de novas criações (LEITE, 2013).

As regras de ação nas HUC Prado Velho e Rio Bonito são pouco formalizadas. A prefeitura exige das comunidades apenas o respeito a práticas de agricultura orgânica, a manutenção dos canteiros produzindo e limitar-se ao cultivo

de hortaliças nos canteiros. Algumas hortas estão também sujeitas a regras dos proprietários dos terrenos, como a HUC Rio Bonito que fica sob linhas de energia e, por isso, tem restrições de trabalho em dias chuvosos e exigência de equipamentos de proteção. As regras efetivas das comunidades, no entanto, são estabelecidas ou unilateralmente pelo coordenador, que decide o que é permitido ou não partindo dos conflitos que surgem na comunidade, como a HUC Prado Velho, ou por meio de reuniões que podem, inclusive, envolver os agentes da prefeitura, como acontece na HUC Rio Bonito. Corroborando com Gherardi (2021) em que a prática organizativa é caracterizada em relação a ações situadas, conhecimentos situados e corporificações situadas, em que os gerentes não são a fonte central de conhecimento.

[...] É complicado, amigo. Porque assim, aqui, cada um tem uma ideia diferente da outra. Bom, aqui não, todos [os lugares]. É difícil você chegar em um consenso. Mas geralmente quando eu faço as reuniões, eu coloco o que a gente tem que fazer e o porquê que a gente tem que fazer. Daí, as pessoas acabam aceitando, que é a melhor ideia. Muitas vezes eu chego com uma ideia na reunião e às vezes outra pessoa tem uma ideia melhor que a minha. Então, a gente acata a ideia da outra pessoa. Então, por isso que é sempre feito reunião aqui, para discutir (Moretti, coordenador HUC Rio Bonito).

A formação da comunidade na prática organizativa da HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito, por sua vez, é geralmente realizada a partir da indicação de outros membros. Ainda que haja uma obrigatoriedade de distribuição dos canteiros quando disponíveis aos interessados que estão na fila, de acordo com o regulamento do PHUC, isso não acontece na prática. Cabe ao coordenador destinar os canteiros vazios ou acolher um novo membro para a comunidade nas hortas em que o espaço é completamente compartilhado.

Antigamente, era feito um cadastro [para entrar na horta], os antigos coordenadores faziam 50, 100 cadastros e, daí, essas pessoas ficavam na fila 4, 5, 10 anos. Para uma pessoa entregar a horta ela não entrega de um dia para o outro, né. É bem demorado. A pessoa, aqui, só perde a horta se ela não cuidar ou não plantar [...]. Como é muito cadastro, as pessoas ficavam ligando direto, todo dia era 7, 8, 10 ligações perguntando de roça (horta). Então, eu mudei o sistema. Agora, eu não faço mais cadastro. Apareceu a horta, sobrou uma horta, a pessoa entregou [a horta], eu deixo ela, ali, um mês, mais ou menos, até aparecer uma pessoa que queira. Aí, eu faço tipo um teste com a pessoa. Eu faço uma sabatina, pergunto se sabe plantar, se sabe cuidar, se já mexeu com horta. Eu peço para essa pessoa preparar um canteiro para eu ver se ele realmente entende. Porque teve muitas vezes que eu coloquei [na horta], as pessoas que não sabiam que era um pé de alface e, daí, a pessoa estava na vez do cadastro, era ela. E não é bem assim, a pessoa fala que quer uma horta e acha que a horta vai produzir sozinha. Se a pessoa não tiver um conhecimento, um pouco de conhecimento ou tiver interesse de aprender é difícil. Então, agora é assim, não tem cadastro mais, não tem fila de espera mais. Apareceu

uma horta, sobrou, vem a pessoa [interessada], a gente faz um questionamento com ela, faz meio que um teste com ela. Porque isso, aqui, é muito complicado. E está funcionando, tanto que eu mostro umas hortas novas que eu passei, aí. É completamente diferente com as outras que eu passava antigamente. Que a pessoa não sabia nem fazer um canteiro, teve horta que entregamos que precisou eu e o Sebastião fazer canteiro, para mostrar para a pessoa como é que faz um canteiro. Então, daí, Deus o livre (Moretti, coordenador HUC Rio Bonito).

A seleção, baseia-se principalmente nos quesitos de necessidade do interessado, experiência com agricultura, disponibilidade de tempo para trabalhar e relacionamento familiar ou de amizade com outro agricultor. Isso corrobora com o pressuposto de que a visão do indivíduo praticante não pode ser negligenciada, devido a este atribuir sentido a existência da prática (SANDBERG; TSOUKAS, 2011).

O trabalho é dividido em diversos papéis na prática organizativa da HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito. Além do coordenador, que tem o papel específico de viabilizar a horta, manter a infraestrutura e mediar os conflitos da comunidade, há os agricultores que são responsáveis por manter o seu canteiro produzindo, buscando os recursos necessários para tal e contribuindo para as despesas da horta conforme a regra da comunidade. Familiares e colaboradores dos agricultores também desempenham um papel importante na horta, pois em algumas situações em que o trabalho na horta é mais intenso eles participam de mutirões de plantio e de preparo da terra, por exemplo. Alguns familiares também se envolvem com atividades que são desenvolvidas fora dos limites da horta, como a venda de produtos e a obtenção de determinados recursos.

Na HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito as decisões são tomadas por meio de democracia direta, mas membros como os coordenadores Inês e Moretti tem influência maior. Isso não acontece por meio de uma imposição hierárquica ou formalmente em número de votos, mas acontece assim pelo que esses membros constroem e representam no dia a dia das suas respectivas hortas. Eles exercem papel de liderança no dia a dia e por isso tem essa representatividade perante o grupo. E, a partir daí servem como espelho para que os outros membros do grupo na busca desse mesmo caminho.

Sendo assim, a prática organizativa na HUC Prado Velho e HCU Rio Bonito se relacionam a experiência dos sujeitos, bem como ao processo de aprendizagem coletiva. A ação coletiva combina a experiência e os conhecimentos apreendido no

processo de aprendizagem fazendo com que o conhecimento da prática se desenvolva (GHERARDI, 2006).

A HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito planejam suas ações por meio de duas perspectivas, a diária e a de futuro. A diária se inicia diante da análise das tarefas a serem executadas, relacionando-as com a força de trabalho dos que estão dispostos a ajudar. Ou seja, membros ou voluntários se comprometem com algum trabalho que possam desempenhar tanto considerando o tempo e habilidade requeridos para tal, e a partir daí, o grupo se organiza como um todo e se ajudam para dar conta de todas as suas obrigações. De certa forma, existe um mecanismo de autogerenciamento, em que primeiro cada um define o que fazer e como pode fazer para que com isso possa ser organizado o trabalho das hortas diante das tarefas diárias. Destaca-se que, na teoria da atividade, organizar e aprender são elementos interligados de um processo de construção coletiva (CZARNIAWSKA, 2008a; GHERARDI, 2006), a aprendizagem é considerada um componente muito importante na existência e desenvolvimento das organizações e dos processos organizativos (CZARNIAWSKA, 2008a).

Em geral, as ações que fazem parte das atividades da HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito são executadas mediante a busca de gerar benefícios a todos os membros envolvidos, bem como a comunidade. Outrossim, a prática organizativa se baseia na responsabilidade. Por um lado, a responsabilidade que todos têm de garantir que as ações do presente sejam realizadas à medida que cada um cumpre com seu papel no desenvolvimento das tarefas assumidas perante o grupo diariamente. E por outro, de ser responsável em relação ao futuro das hortas, de modo que os valores e cultura que guiam o escopo das hortas sejam sempre seguidos, mesmo que por algum momento possa parecer que caminhos tenham mudado.

Principalmente na HUC Prado Velho, eles acreditam que essa atitude de responsabilidade está na verdade relacionada à resposta vocacional do grupo frente ao desejo de Deus em ajudar os mais carentes, ou seja, os valores religiosos fornecem a base para o compartilhamento de ações nas atividades.

As pessoas veem o nosso trabalho e vê que é um trabalho sério, que nós não fazemos [nada de errado], é muito justo. [...] Tem um menino [Paulo, do bairro vila torres] que ele é do conselho tutelar. Então, ele nos ajuda de monte e nós o ajudamos também. Ele é muito de ajudar, é muito solidário. Então, quando nós nos “apertamos”, a gente liga para ele. Paulo, você tem tempo?! Venha nos ajudar. No começo da pandemia, nós ficamos quatro

dias. Eu, ele e a Regina, na horta, fazendo sabão, de óleo, para levar para doar para as famílias. Então, nós fizemos 250 pedaços de sabão. [...] Nós trabalhamos junto com a pastoral da criança, aqui. Então, a família vem aqui pedir alguma coisa ou vai buscar na horta. [O pessoal da horta pergunta]: Quantos filhos você tem? [A pessoa responde]: Oito. [O pessoal da horta pergunta]: Esses filhos estão “aonde”? [A pessoa responde]: Em casa. [O pessoal da horta pergunta]: Estão na escola? [A pessoa responde]: Não. [O pessoal da horta pergunta]: Mas por que que não estão na escola?. Paulo, precisamos ir lá. Vamos, lá. Você vai comigo. Cláudia da pastoral da criança, vamos, lá. [...] É assim, filho! É assim! Então, nós juntamos tudo [as pessoas]. A gente trabalha muito assim. Os caminhos a gente sabe. Para que melhore a vida deles (Inês Burrato, coordenadora HUC Prado Velho).

A essência está na existência da troca e ajuda mútua entre os membros. O grupo valoriza a cooperação a qual também é valorizada na relação entre a horta e a comunidade. Nessa relação não há espaço para competição e individualismos, mas sim para relações de trabalho que se expandam ao nível de relacionamentos pessoais e de amizade.

Seguindo esta linha de pensamento, observou-se prática organizativa na HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito sob duas lentes teóricas, *zoom in* e *zoom out*. Com base no *zoom in*, percebeu-se que os fazeres e dizeres emergem tanto das diretrizes da prefeitura, quanto da interação entre os envolvidos, seja no momento do trabalho ou em conversas informais. Assim, existe uma forma de se agir ao desenvolver determinada prática (NICOLINI, 2009a), entretanto, é transformada por cada hortelão.

É perceptível que existe uma ordem no desenvolvimento das atividades, a qual deve ser pautada na coletividade. Existe a negociação das mesmas e até resistência por parte de alguns hortelões, os quais, caso não consigam se adaptar, acabam retirando-se; pois o objetivo das hortas deve ser atender o interesse coletivo. Desse modo, organizam-se as atividades, com base nas regras predeterminadas (NICOLINI, 2009a). Observou-se um forte traço da questão moral no desenvolvimento das atividades, que está enraizado no grupo que deve prezar pela coletividade; o que pode ser interligado com a tensão entre criatividade e normatividade, dado que os indivíduos agem partindo da lógica de que há um limite, pois não podem realizar algo que não seja reconhecido. Por isso, entende-se enquanto aprendizagem coletiva que possui relação com práticas de um grupo, visto ser um fenômeno social (GHERARDI, 2021).

Além disso, os processos de legitimação e estabilização das atividades emergem ao entendimento da temporariedade (NICOLINI, 2009a), pois uma

atividade pode se transformar caso seja reconhecida pelo grupo, gerando aprendizado, sendo construída ao longo do tempo. Assim, acredita-se que as hortas, principalmente a HUC Rio Bonito, facilitam tal aprendizagem, posto que os indivíduos têm autonomia para criarem e negociarem entre si. Por outro lado, sob o viés do *zoom out*, com base nas conexões entre as atividades, como tais conexões formam nexos e quais são seus efeitos, percebe-se a relação da HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito com seu meio externo, o qual impacta e é impactado por ela. A rejeição da ideia de parceria com restaurantes ou a venda por conta própria da produção revela o impacto negativo gerado, uma vez que as hortas não podem obter uma autossuficiência em relação a prefeitura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo final da dissertação, expõem-se as considerações finais resgatando os objetivos e principais descobertas obtidas com o presente trabalho, as contribuições do estudo e por fim, sugestões para pesquisas futuras. O presente projeto de pesquisa buscou compreender como ocorre a prática organizativa na constituição das hortas urbanas comunitárias a partir do sistema de atividade desenvolvido pelos hortelões, revelando, assim, a racionalidade prática, situacional e histórica com sua especificidade singular.

Para atingi-lo foram definidos três objetivos específicos que puderam ser contemplados após a realização de entrevistas interativas com os indivíduos atuantes na prática organizacional (Hortas Urbanas Comunitárias). O alcance dos objetivos também foi possível, por meio da atuação do pesquisador mediante observação participante, a partir do desempenho de atividades no dia a dia da horta juntamente com atores da prática organizacional. Ao ir a campo, entrevistou-se e interagiu-se com hortelões considerados sujeitos praticantes, restringiu-se a escolha dessas pessoas, por conta de ter verificado na literatura que praticantes são atores que agem na elaboração da prática, mediante quem são, como atuam e quais recursos dispõem.

Desse modo, o primeiro propósito alcançado nessa pesquisa foi ter conseguido descrever e entender a extensão da HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito. Como pôde ser notado, as duas hortas urbanas comunitárias apresentam em suas composições o relacionamento com a prefeitura e de pessoas como os voluntários, por exemplo. Isto é, possui uma formação orgânica e que ultrapassa os limites institucionais de cada horta. Não se tinha em mente no início do estudo que fosse dado essa focalização além dos limites da HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito, mas tal enfoque mostrou-se importante visto que as ações executadas pelo grupo de pessoas que compõem as hortas ultrapassaram tal limite institucional.

Ou seja, a delimitação do campo organizacional da HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito foi entendida principalmente pela análise histórico-cultural, pois a partir dela foi possível acessar as mediações caracterizadoras da prática organizativa da HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito. A ferramenta considerada fundamental nesse processo de identificação das mediações foi a análise dos sistemas de atividade da

agricultura urbana nas duas hortas comunitárias, que além de caracterizar uma abordagem teórica, pela qual se estudou essa prática, funcionou empiricamente como um instrumento de análise eficaz. Por meio dos sistemas de atividade, pequenas unidades nomeadas de artefatos mediadores puderam ser caracterizadas, como os sujeitos, objeto, ferramentas e signos, entre outros.

Ao revelar os sistemas de atividades nas HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito foi possível identificar a racionalidade prática que guia as ações nas hortas, compreendendo a totalidade significativa em que os praticantes estão imersos, revelando a singularidade situacional e o tempo histórico experimentado pelos praticantes (SANDBERG; TSOUKAS, 2011). Ou seja, visualizando a prática organizativa sob as duas lentes do *zoom in* e *zoom out*, percebeu-se que a gestão das hortas, proporcionado pelo trabalho coletivo, facilita a aprendizagem dos indivíduos, os quais conseguem agir com maior autonomia e espontaneidade, o que faz com que modifiquem e criem novas formas de fazer; gerando um espaço em constante construção de aprendizagem coletiva. Além disso, o *zoom in* e *zoom out* oportunizaram uma visão geral da prática organizativa da HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito, em que olhando de forma mais afastada (*zoom out*), notou-se que o ambiente externo, por vezes, limita seu desenvolvimento devido refletir forças que estão além do controle das hortas.

Na HUC Prado Velho o contexto de construção histórica do objeto e dos sentidos compartilhados estão baseados em proporcionar melhoria na qualidade e variedade da alimentação das famílias carentes pertencentes a comunidade da região da paróquia onde está instalada a horta. A igreja faz parte da “comunidade” da horta, pois indiretamente contribui para o alcance do objetivo da prática organizativa da HUC Prado Velho por meio da mediação de valores religiosos das “paroquianas”, ou seja, do sonho e da realização de ajudar o próximo. Já na HUC Rio Bonito, o contexto de construção histórica do objeto e dos sentidos compartilhados estão baseados em viabilizar a produção de alimentos e, por consequência, proporcionar a obtenção de alimentos saudáveis aos membros pertencentes à comunidade da região do bairro Tatuquara por meio da mediação de valores comunitários, ou seja, funcionando como “terapia” para o bem estar dos participantes, bem como funcionando como uma geração de renda para determinados hortelões, ou ainda, somente proporcionando a aquisição de alimentos para sua própria utilização.

Foi possível, igualmente, o conhecimento dos sentidos e significado das atividades, que foram fundamentais no fornecimento de informações utilizadas na descrição e análise da prática organizativa. Assim, ao analisar os sistemas de atividade estudados em relação a prática de organizativa caracterizada na HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito, foi possível responder ao segundo e terceiro objetivo proposto. Percebeu-se que na prática organizativa da HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito há uma rede de atividades interconectadas significativas em cada uma das hortas.

A prática organizativa delas parte de redes de atividades principais: sujeitos, regras, divisão de trabalho, comunidade e instrumentos. Os sujeitos aprendem a atividade de trabalho no convívio, por meio do diálogo, com os próprios sujeitos ou em iniciativas de compartilhamento da própria comunidade, normalmente realizadas informalmente. As regras são pouco formalizadas, a prefeitura exige das comunidades apenas o respeito a práticas de agricultura orgânica, a manutenção dos canteiros produzindo e limitar-se ao cultivo de hortaliças nos canteiros. As regras adicionais são discutidas e implementadas de acordo com a vivência de cada horta respeitando as construções históricas e culturais de cada horta. Os instrumentos são apoiados por meio de doação desses insumos por parte da prefeitura, mas em quantidade insuficiente para o potencial de produção do terreno que as hortas ocupam. Então, é necessário o desempenho de atividades adicionais para obtenção desses recursos pelos próprios agricultores de cada horta.

A prática organizativa na HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito está guiada principalmente pela busca de um valor, que apresenta diferentes manifestações ao contexto organizacional, caracterizando uma prática organizativa diferente da gestão instrumental. Dentre diversos exemplos estão o aceite das contingências frente às ações diárias, a não valorização da estrutura organizacional, valorização das relações pessoais proximais, valorização de relacionamentos organizacionais baseados na codependência ao invés da competição, autogerenciamento substituindo métodos de divisão de trabalho formais, democracia direta pautando tomada de decisões, vínculos entre pessoas e organização pautados na compatibilidade de valores e não de relações salariais.

Todas essas características definem a prática organizativa das hortas na busca da realização de seus propósitos, focando sempre no benefício coletivo dos membros e o compartilhamento desses valores pelos membros das hortas. Ao

compartilhar, as hortas fomentam a criação de um contexto social característico, que compõe a HUC Prado Velho e HUC Rio Bonito, os projetos, as famílias dos membros e a comunidade.

Como contribuição teórica para área da administração, esta pesquisa ilustra a perspectiva da Teoria da Atividade para o estudo da prática organizativa. Os princípios da Teoria da Atividade provenientes da Psicologia Histórico-cultural fornece condições de caracterizar a racionalidade prática das organizações que podem vir a subsidiar uma gestão coerente com as condições histórico sociais situadas. Frente a isso, o método de ação da teoria da atividade possibilita a revelação da conexão entre processos subjetivos e construções históricas e culturais na atividade. O *zoom in* e *zoom out* utilizados proporciona a realização de encontros de sujeitos consigo e com os outros mediante situações identificadas pelo pesquisador com base na análise das narrativas dos próprios sujeitos de pesquisa.

Outra contribuição importante para os Estudos Organizacionais é a aproximação da Teoria da atividade com as organizações para compreender uma racionalidade diferentemente da racionalidade instrumental. Ao agir de maneira consciente diferente da lógica dominante baseada na racionalidade instrumental e burocratizada, os membros das HUC demonstraram um agir de maneira parentética. Ou seja, se esforçam para influenciar seu ambiente e também em se satisfazer nele caracterizando um grupo que se mostra comprometido por valores e partilha da racionalidade substantiva.

Além disso, com este trabalho é possível visualizar que em um programa de hortas urbanas de 30 anos, as HUC ainda estão lutando pela emancipação e autogestão de nicho. A variedade de práticas produzidas foi o material para a contribuição da TA: revelar redes de sistemas de atividades que podem ser relevantes para o problema da autossuficiência, revelando várias oportunidades de reflexão que podem ser analisadas por outros estudiosos de agricultura urbana.

No que se refere a contribuição prática, os resultados chamam atenção das hortas urbanas comunitárias, em Curitiba bem como em outras hortas no Brasil, para a caracterização da racionalidade prática que pode subsidiar uma prática organizativa coerente com o contexto histórico-cultural e, assim, acredita-se que reuni condições para melhorar o entendimento da gestão empregada nas comunidades e, também, proporcionar para as HUC percepção para apropriação e/ou expansão de práticas de agricultura novas e inovadoras. Ademais, os

resultados desta pesquisa revelam a subjetividade em atividades de trabalho, no que diz respeito a atribuição de sentido subjetivo a atividade a partir da tomada de consciência pela interpretação da realidade e o reconhecimento do poder de agir do coletivo de trabalho na transformação da prática.

Como sugestões de pesquisas futuras recomenda-se estudos, com base na realização desta pesquisa, que busquem investigar práticas organizacionais além de teorias tradicionais da administração. Além de descrever e analisar as relações dos sujeitos com a prática enquanto relação de causa e efeito. Mas que investiguem a relação do ser humano com o mundo, buscando compreender a subjetividade que permeia as atividades humanas, mediadas pelo individual, coletivo e social num todo relacional material, a exemplo o processo de atribuição de sentido subjetivo pelos sujeitos a atividade de trabalho na prática.

Além disso, sugere-se à aplicação da autoconfrontação simples ou cruzada como método complementar à análise de dados aqui aplicada. Pois ao colocar os sujeitos das HUC se autoconfrontando, os indivíduos poderiam aprofundar suas falas e, assim, capturar melhor suas subjetividades e/ou suas intersubjetividades que estão envolvidas nos relacionamentos e nas atividades empregadas pelos membros das hortas. Ademais, com esse método desenvolvido pelo Clot poderia vislumbrar outros prismas que não foram visualizados pela metodologia empregada nesta pesquisa.

A discussão aqui começada abre caminho para uma aproximação maior dos estudos sobre prática em administração e a psicologia histórico-cultural. A importância da imersão e mediação de processos subjetivos na atividade precisa ser tratada, a fim de que análise da prática não seja restrita a níveis de análise como um objeto isolado, comum nos estudos sobre prática possa ser superado, a discussão da subjetividade na perspectiva da atividade histórico-cultural pode promover essa aproximação.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, T. E.; JONES, S. H.; ELLIS, C. **Autoethnography**. New York: Oxford University Press, 2015.
- AGUIAR, W. M. J. Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002. p.95-110.
- AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 94, n. 236, p. 299-322, 2013.
- BABBIE, E. **The Practice of Social Research**. 11.ed. Belmont: Thomson, 2007.
- BISPO, M. S. A aprendizagem organizacional baseada no conceito de prática: contribuições de Silvia Gherardi. **RAM, REV. ADM. MACKENZIE**, V. 14, N. 6, Edição Especial. SÃO PAULO, SP. NOV./DEZ., p. 132-161, 2013.
- BISPO, M. S. Methodological reflections on practice-based research in organization studies. **BAR - Brazilian Administration Review**, v. 12, n. 3, p. 309– 323, 2015.
- BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, n. 1, p. 63-76, 2007.
- BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cadernos Cedes**, v. 24, n. 62, p. 26-43, 2004.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.
- BOURDIEU, P. **The logic of practice**. Stanford University Press, 1990.
- BUEGER, C.; GADINGER, F. The play of international practices. **International Studies Quarterly**, v. 59, n.3, p. 1-27, 2015.
- BULGACOV, Y. L. M.; CUNHA, S.; CAMARGO, D. Contribuição do Conceito de Prática Social para o Campo da Inovação. In: XIV CONGRESSO LATINO - IBEROAMERICANO DE GESTION TECNOLÓGICA, 2011, Lima. **Anais...** Lima: ALTEC, 2011.
- CASSANDRE, M. P. **Metodologias Intervencionistas na Perspectiva da Teoria da Atividade Histórico-Cultural: um aporte metodológico para estudos organizacionais**. Tese (Doutorado em Administração). Universidade Positivo, 2012.

CASSANDRE, M. P.; BULGACOV, Y. L. M.; CAMARGO, D. O conceito de prática a partir da Teoria da Atividade. In: COLÓQUIO DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO, 1, 2011, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2011.

CASSANDRE, M. P.; GODOI, C. K. Metodologias intervencionistas da teoria da atividade histórico-cultural: abrindo possibilidades para os estudos organizacionais. **Revista Gestão Organizacional**, v. 6, n. 3, 2014.

CERVO, A.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6ª ed. São Paulo: Pearson, 2007.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. v. 1.

CHIA, R.; HOLT, R. The nature of knowledge in business schools. **Academy of Management Learning & Education**, v. 7, n. 4, p. 471-486, 2008.

CLEGG, S.; KORNBERGER, M.; RHODES, C. Learning/Becoming/Organizing. **Organization**, v. 12, n. 2, p. 147-167, 2005.

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Tradução de Adail Sobral. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CLOT, Y. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

COOPER, R.; LAW, J. Organization: distal and proximal views. **Research in the Sociology of Organizations**, v. 13, p. 237-74, 1995.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em Administração**. 12 ed. Mc Graw Hill Education, 2016.

COOREN, F.; BRUMMANS, B.; CHARRIERAS, D. The coproduction of organizational presence: a study of médecins sans frontières in action. **Human Relations**, 61(10), 1339-1370, 2008.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**, 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. **Research design: qualitative, quantitative and mixed methods**. 5 th. Sage, 2018.

CZARNIAWSKA, B. A Golden Braid: Allport, Goffman, Weick. **Organization Studies**, v. 27, n. 11, p. 1661-1674, 2006.

CZARNIAWSKA, B. **A theory of organizing**. Edward Elgar, 2008a.

CZARNIAWSKA, B. After Practice: A Personal Reflection. **Nordic Journal of Working Life Studies**, v. 5, n. 3a, p. 105-114, 2015.

CZARNIAWSKA, B. Going back to go forward: on studying organizing in action nets. In: Hernes, T.; & Maitlis, S. (Eds.). **Process, sensemaking, & organizing**:

perspectives on process organization studies (pp. 140-160). New York, NY: Oxford University Press, 2010.

CZARNIAWSKA, B. Narrating organization studies. **Narrative Inquiry**, v. 21, n. 2, p. 337-344, 2011.

CZARNIAWSKA, B. **Narratives in Social Science Research**. Sage Publications: London, 2004.

CZARNIAWSKA, B. Organizations as obstacles to organizing. In: Robichaud, Daniel; Cooren, François (eds.) **Organizations and organizing**. Materiality, agency, and discourse. New York: Routledge, 3–22, 2013.

CZARNIAWSKA, B. Organizing: how to study it and how to write about it. **Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal**, Vol. 3 n. 1, p. 4-20, 2008b.

CZARNIAWSKA, B.; DIEDRICH, A.; ENGBERG, T.; ERIKSSON-ZETTERQUIST, U.; GUSTAVSSON, E.; LINDBERG, K.; NORÉN, D.; WALTER, L.; ZACKARIASSON, P. **Organisering kring hot och risk**. Lund: Studentlitteratur. 2007.

DANIELS, H. Vygotsky and psychology. In U. Goswami (Ed.), **The Wiley-Blackwell handbook of childhood cognitive development**, p. 673–696, 2011.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introduction: The Discipline and Practice of Qualitative Research. In: _____. (Eds). **The handbook of qualitative research**. 2nd ed. Sage Publications, 2000. p. 1-28.

DREYFUS, H. L. **Being-in-the-world**: A commentary on Heidegger's Being and Time, Division I. MIT Press, 1995.

DUARTE, M. F.; ALCADIPANI, R. Contribuições do Organizar (Organizing) para os Estudos Organizacionais. In: EnANPAD, 2013. São Paulo. **Anais do EnANPAD**, 2013.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **O que é realidade**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ENGESTRÖM, Y. Ascending from the abstract to the concrete as a principle of expansive learning. **Psychological Science and Education**, v. 25, n. 5, p. 31-43, 2020.

ENGESTRÖM, Y. Expansive learning at work: toward an activity theoretical reconceptualization. **Journal of Education and Work**, v.14 n.1, p. 133-156, 2001.

ENGESTRÖM, Y. **Learning by expanding**. Cambridge University Press, 2015.

ENGESTRÖM, Y. New forms of learning in co-configuration work. **Journal Of Workplace Learning**, Bradford, v. 16, n. 1/2, p. 11-21, feb. 2004.

ENGESTRÖM, Y; SANNINO, A. Studies of expansive learning: foundations, findings and future challenges. **Educational Research Review**, v. 5, n. 1, p. 1-24, Jan. 2010.

FELDMAN, M. S.; ALMQUIST, J. Analyzing the implicit in stories. **Varieties of narrative analysis**, p. 207-228, 2012.

FERRARINI, N. L.; CAMARGO, D.; BULGACOV, Y. L. M. Comunidades de práticas sociais e o debate sobre a formação do psicólogo. **INFAD/International Journal of Developmental and Educational Psychology**. v. 2, n. 1, p. 299-306, 2014.

FISHER, W. R. **Human Communication as narration**: Toward a Philosophy of Reason, Value and Action. Columbia: University of South Carolina, 1987.

FISHER, W. R. Narration as a human communication paradigm: The case of public moral argument. **Communications Monographs**, v. 51, n. 1, p. 1-22, 1984.

FRIEDRICH, J. **Lev Vygotski**: mediação, aprendizagem e desenvolvimento. Uma leitura filosófica e epistemológica. Campinas: Editora. Mercado de Letras, 2012.

GHERARDI, S. A posthumanist epistemology of practice. In M. Reihlen & D. Schoeneborn (Eds.), **Epistemology of management**. Berlin: Springer, 2021.

GHERARDI, S. **How to conduct a practice-based study**: problems and methods. Cheltenham: Edward Elgar, 2012.

GHERARDI, S. **Organizational knowledge**: the texture of workplace learning. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

GHERARDI, S.; STRATI, A. **Administração e aprendizagem na prática**. Elsevier Brasil, 2014.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**: coleção pesquisa qualitativa. Bookman Editora, 2009.

GODOY, A. S. Estudo de caso qualitativo. In: SILVA, A. B.; GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 115-146.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOLSORKHI, D.; ROULEAU, L.; SEIDL, D.; VAARA, E. Introduction: what is strategy as practice? In: GOLSORKHI, D.; ROULEAU, L.; SEIDL, D.; VAARA, E. **Cambridge handbook of strategy as practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 2. ed., p. 1-20, 2015.

HATCH, M. J.; YANOW, D. Organization theory as interpretive science. In: TSOUKAS, H.; KNUDSEN, C. (Eds). **The Oxford Handbook of Organization Theory**: meta-theoretical perspectives. New York: Oxford University Press, 2005. p. 63-87.

HEIDEGGER, M. **Being and time**: A translation of Sein und Zeit. SUNY press, 1996.

KIRK, J.; ANDERSEN, O.; PETERSEN, J. Organizational transformation in health care: an activity theoretical analysis. **Journal of health organization and management**, 2019.

JARZABKOWSKI, P. An activity-theory approach to strategy as practice. In: GOLSORKHI, D.; ROULEAU, L.; SEIDL, D.; VAARA, E. **Cambridge handbook of strategy as practice**. Cambridge: Cambridge University Press, p.127-140, 2010.

JARZABKOWSKI, P.; BALOGUN, J.; SEIDL, D. Strategizing: The challenges of a practice perspective. **Human relations**, v. 60, n. 1, p. 5-27, 2007.

KUMAR, R. **Research methodology**: a step by step guide for beginners. 3 ed. London: SAGE, 2005.

LEITE, L. R. T. **Zona de desenvolvimento proximal e o comportamento organizacional a dialética de Vygotski no ambiente de uma organização**. Repositório da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. 2013.

LEONTIEV, A. N. **Activity, consciousness, and personality**. Hillsdale: Prentice-Hall, 1978.

LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares de parentesco** (M. Ferreira, trad. Rio de Janeiro: Vozes. (Obra original publicada em 1949), 1982.

MACHADO, R. C.; CHROPACZ, F.; BULGACOV, Y. L. M. Epistemologia de Certeau e sua Contribuição para os Estudos Baseados em Prática em Organizações. **Revista Ciências Administrativas**, v. 26, n. 2, 2020.

MACHADO, R. C.; HALICKI, Z.; COSTA, A. B.; CUNHA, S. K. **A adoção da biodigestão na prática de tratamento de dejetos animais**. Revista Tecnologia e Sociedade, v. 15, n. 37, p. 529-545, jul./set. 2019.

MARSH, D.; FURLONG, P. A skin, not a sweater: ontology and epistemology in Political Science. In: MARSH, D.; STOKER, G. (Eds). **Theory and Methods in Political Science**. New York: Pallgrave McMillan, 2002. p. 17-41.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2009.

MASCARENHAS, S. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **Phenomenology of perception**. Motilal Banarsidass Publishe, 1996.

MORGAN, G. **Imagens da Organização**. São Paulo: Atlas, 2002.

MORGAN, G. Paradigmas, metáforas e resolução de quebra-cabeças na teoria das organizações. In: CALDAS, M. P.; BERTERO, C. O. **Teoria das organizações**. São Paulo: Atlas, 2007. p. 12-33.

MOUTINHO, K.; CONTI, L. Análise narrativa, construção de sentidos e identidade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 2, 2016.

NICOLINI, A. Qual será o futuro das fábricas de administradores? **RAE - Revista de Administração de Empresas**, v. 43, n. 2, p. 44-54, 2003.

NICOLINI, D. **Practice theory, work, and organization**: an introduction. Oxford: Oxford University Press, 2012.

NICOLINI, D. Zooming in and zooming out: A package of method and theory to study work practices. **Organizational ethnography: Studying the complexities of everyday life**, p. 120-138, 2009.

NICOLINI, D.; MONTEIRO, P. The practice approach in organizational and management studies. In: **The SAGE Handbook of Process Organization Studies**. London, 2017.

ORLIKOWSKI, W. J. Practice in research: Phenomenon, perspective and philosophy. In: D. Glosorkhi; L. Rouleau; D. Seidl; E. Vaara (Orgs.); **Cambridge Handbook of Strategy as Practice**. 2nd ed, p.70–83, 2015. Cambridge: Cambridge University Press.

PENTLAND, B. T. Building process theory with narrative: from description to expectation, interpretation and suspension. **Academy of Management Review**, v. 24, n. 4, p. 711–724, 1999.

PIHLAJA, J. **Learning in and for production**. An activity-theoretical study of the historical development of distributed systems of generalizing. Helsinki: Helsinki University Press, 2005.

POLANYI, M. 'Personal knowledge'. In Polanyi, M. and Prosch H. (Eds), **Meaning**. Chicago, IL: University of Chicago Press, p. 22–45, 1975.

QUEROL, M. A. P.; CASSANDRE, M. P.; BULGACOV, Y. L. M. Teoria da Atividade: contribuições conceituais e metodológicas para o estudo da aprendizagem organizacional. **Gestão & Produção**, v. 21, n. 2, p. 405-416, 2014.

QUEROL, M. A. P.; FILHO, J. M. J.; CASSANDRE, M. P. Change Laboratory: uma proposta metodológica para pesquisa e desenvolvimento da Aprendizagem Organizacional. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 12, n. 4, p. 609-640, 2011.

QUEROL, M. A. P.; SEPPÄNEN, L. A Base Teórica e Metodológica do Laboratório de Mudança. In: VILELA, Rodolfo Andrade de Gouveia, et al. (org.). **Desenvolvimento Colaborativo para a Prevenção de Acidentes e Doenças Relacionadas ao Trabalho: Laboratório de Mudança na Saúde do Trabalhador**. 1 ed. São Paulo: Ex-Libris Comunicação Integrada. 2020. p. (50 - 68).

REED, M. Teorização Organizacional: um campo historicamente contestado. In: CLEGG, Stewart; HARDY, Cynthia; NORD, Walter (Orgs.). **Handbook de Estudos Organizacionais**. São Paulo: Atlas, v.1. cap 1, p.61-97, 2007.

RECKWITZ, A. Toward a theory of social practices: A development in culturalist theorizing. **European Journal of Social Theory**, v. 5, n. 2, p. 243–263, 2002.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2017.

RIESSMAN, C. K. Narrative analysis. **Narrative, memory & everyday life** (pp. 1–7). University of Huddersfield, Huddersfield, 2005.

RIESSMAN, C. K. **Narrative methods for the human sciences**. Sage Publications, 2008.

ROGOFF, B. **A natureza cultural do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: ArtMed, 2005.

SÁ, M.; ALCADIPANI, R.; AZEVEDO, A.; RIGO, A.; SARAIVA, L. A. S. De onde viemos, para onde vamos? Autocrítica coletiva e horizontes desejáveis aos estudos organizacionais no Brasil. **Revista de Administração de Empresas**, v. 60, n. 2, p. 168–180, mar. 2020.

SACCOL, A. Z. Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em Administração. **Revista de Administração da UFSM**, v. 2, n. 2, p. 250-269, 2009.

SANDBERG, J.; DALL'ALBA, G. Returning to practice anew: A life-world perspective. **Organization Studies**, v. 30, n. 12, p. 1349-1368, 2009.

SANDBERG, J.; TSOUKAS, H. Grasping the logic of practice: Theorizing through practical rationality. **Academy of management review**, v. 36, n. 2, p. 338-360, 2011.

SANNINO, A.; ENGSTRÖM, Y. Cultural-historical activity theory: founding insights and new challenges. **Kul'turno-istoricheskaya psikhologiya = Cultural-Historical Psychology**, 2018. Vol. 14, no. 3, pp. 43–56. doi:10.17759/chp.2018140304.

SANTOS, A. F. Um estudo epistemológico sobre a psicologia sócio-histórica. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 03, Ed. 08, Vol. 06, pp. 80-149, 2018.

SANTOS, L. L. S.; ALCADIPANI, R. Por uma epistemologia das práticas organizacionais: a contribuição de Theodore Schatzki. **O&S**, v.22, n. 72, p.79-98, 2015.

SCHATZKI, T. R. Peripheral Vision The Sites of Organizations. **Organization Studies**, v.26, n. 3, p.465-484, 2005.

SCHWANDT, T. A. Three Epistemological Stances for Qualitative Inquiry: Interpretivism, Hermeneutics, and Social Constructionism. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds). *The handbook of qualitative research*. 2nd ed. Sage Publications, 2000. p. 189-213.

SENGER, C. M.; CASSANDRE, M. P.; DOS SANTOS, V. T. Broadening the executive planning of interventionist methods. **Revista Brasileira da Pesquisa Sócio-Histórico-Cultural e da Atividade**, v.1, n.1, 2019.

SHOTTER, J. Understanding process from within: An argument for 'withness'-thinking. **Organization Studies**, v. 27, n. 4, p. 585-604, 2006.

SHUMAN, A. Exploring Narrative Interaction in Multiple Contexts. In: HOLSTEIN, J. A.; GUBRIUM, J. F. (Eds.). **Varieties of Narrative Analysis**. SAGE Publications, 2012.

SPINK, P. K. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, p. 70-77, 2008.

STAKE, R. E. **A Arte da Investigação com Estudos de Caso**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

STAKE, R. E. **Qualitative research: studying how things work**. New York: The Guilford Press. 2010.

TENÓRIO, F. G. **Gestão Comunitária: uma abordagem pratica**. FGV Editora, 2008.

TOULMIN, S. **Cosmopolis: The hidden agenda of modernity**. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

TOULMIN, S. **The return to cosmology**. Berkeley: University of California Press, 1982.

TSOUKAS, H. Don't simplify, complexify: from disjunctive to conjunctive theorizing in organization and management studies. **Journal of Management Studies**, v. 54, n. 2, p. 132-153, 2017.

TSOUKAS, H.; CHIA, R. Introduction: Why Philosophy Matters To Organization Theory. In: TSOUKAS, H.; CHIA, R. **Philosophy and Organization Theory**. United Kingdom: Emerald, p. 1-21, 2011.

TSOUKAS, H.; CHIA, R. On Organizational Becoming: Rethinking Organizational Change. **Organization Science**, v.13, n.5, p.567-582, 2002.

TSOUKAS, H.; VLADMIROU, E. What is Organizational Knowledge? **Journal of Management Studies**, v. 38, n. 7, p. 973–993, 2001.

TURETA, C.; ALCADIPANI, R. O objeto na análise organizacional: a teoria ator-rede como método de análise da participação dos não-humanos no processo organizativo. **CADERNOS EBAPE. BR**, v. 7, n. 1, artigo 4, Rio de Janeiro, Mar. 2009.

VAARA, E. On the Discursive Construction of Success/Failure in Narratives of Postmerger Integration. **Organization Studies**, v. 23, n. 2, p. 211-248, 2002.

VAN DE VEN, A. H. **Engaged scholarship: A guide for organizational and social research**. New York: Oxford University Press, 2007.

VARELA, F. J.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **The Embodied Mind, revised edition: Cognitive Science and Human Experience.** MIT press, 2017.

VERGARA, S. C. Tipos de pesquisa em Administração. **CADERNOS EBAP**, n. 52, 1990.

VIRKKUNEN, J. A preservação da saúde e segurança ocupacional requer aprendizagem expansiva na economia atual. 2019. In: VILELA, Rodolfo Andrade de Gouveia, et al. (org.). **Desenvolvimento Colaborativo para a Prevenção de Acidentes e Doenças Relacionadas ao Trabalho: Laboratório de Mudança na Saúde do Trabalhador.** 1 ed. São Paulo: Ex-Libris Comunicação Integrada, p. 27-31, 2020.

VIZEU, F. **Potencialidades da análise histórica nos estudos organizacionais brasileiros.** RAE-Revista de Administração de Empresas, v. 50, n. 1, jan-mar, p.37-47, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **Mind in society: the development of higher mental processes.** Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978.

VYGOTSKY, L. S. Internalização das funções psicológicas superiores. In: COLE, M. et al. (Coords?). **Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 59-66, 1991.

WEICK, K. **A psicologia social da organização.** Editora Edgard Blucher Ltda., 1973.

WEICK, K. What theory is not, theorizing is. **Administrative Science Quarterly**, v. 40, n. 3, p. 385-390, 1995.

WEICK, K. **The social psychology of organizing.** Reading, MA: Addison-Wesley, 1979.

YBEMA, S.; YANOW, D., WELS, H., KAMSTEEG, F. H. (Ed.). **Organizational ethnography: Studying the complexity of everyday life.** Sage, 2009.

ZANELLA, A.V. Atividade, significação e constituição do sujeito: contribuições à luz da psicologia histórica cultural. **Psicologia em Estudo. Maringá**, p.127-135, 2004.